

ANTONIO
CALLADO

ENSAIO SOBRE A VIDA E O SUMIÇO DO

CORONEL FAWCETT

O RELATO JORNALISTICO QUE
SE TORNOU UM CLASSICO DA
LITERATURA BRASILEIRA

**ESQUELETO
NA LAGOA
VERDE**



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*



Coleção Jornalismo Literário — Coordenação de Matinas Suzuki Jr.

A sangue frio, Truman Capote
Berlim, Joseph Roth
Chico Mendes: Crime e castigo, Zuenir Ventura
Dentro da floresta, David Remnick
Esqueleto na Lagoa Verde, Antonio Callado
Fama e anonimato, Gay Talese
A feijoada que derrubou o governo, Joel Silveira
Filme, Lillian Ross
Hiroshima, John Hersey
O imperador, Ryszard Kapuscinski
O livro das vidas, org. Matinas Suzuki Jr.
O livro dos insultos de H. L. Mencken, seleção, tradução e posfácio de Ruy Castro
A milésima segunda noite da avenida Paulista, Joel Silveira
Na pior em Paris e Londres, George Orwell
Radical Chique e o Novo Jornalismo, Tom Wolfe
O segredo de Joe Gould, Joseph Mitchell
Stasilândia, Anna Funder
O super-homem vai ao supermercado, Norman Mailer
A vida como performance, Kenneth Tynan
Vida de escritor, Gay Talese

ANTONIO CALLADO

Esqueleto na Lagoa Verde

*Ensaio sobre a vida e o sumiço
do coronel Fawcett*

Posfácios

Davi Arrigucci Jr.

Mauricio Stycer

JORNALISMO  LITERÁRIO
COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Alguns dados básicos sobre Fawcett

O VITORIANO E O SONHO DO NOVO IMPÉRIO

Aquém do Bem e do Mal

A expedição Dyott

Os ossos falsos

Cidades e homens que desaparecem

Da Taprobana ao Brasil Central

Os mistérios da América do Sul

A misteriosa cidade dos bandeirantes de 1753

O sonho do novo império

Uma família incomum

Fawcett e os espíritos

O MODERNO BANDEIRANTE E O SONHO DA NAÇÃO FUTURA

Os ossos de George

Quando o índio fica "brabo"

Chantagem na volta do cemitério

Incêndio em Xavantina

O sonho da nação futura

África interior

Amigo ou criação de Rider Haggard?

Retrato do artista como um índio jovem

Apêndice 1 — Relação histórica de 1753

Apêndice 2 — Diário de viagem

Posfácios

O sumiço de Fawcett — Davi Arrigucci Jr.

Jornalismo na Lagoa Verde — Mauricio Stycer

Alguns dados básicos sobre Fawcett

Percy Harrison Fawcett nasceu em Torquay, Inglaterra, em 1867. Aos 26 anos de idade, servindo, como oficial britânico, em Ceilão, teria descoberto numa rocha antigas inscrições. Pelo menos desde 1909 conhecia o Brasil e o sertão brasileiro, pois nesse ano, a serviço do governo boliviano, andou fazendo, com bolivianos e brasileiros, o levantamento de um rio da fronteira. Teve conhecimento da existência, na Biblioteca Nacional do Rio, de um documento atribuído a bandeirantes que relata a descoberta, em 1753, de uma Cidade Abandonada no sertão brasileiro, provavelmente de fabulosa idade histórica. O documento, que ainda lá está, no cofre da Biblioteca Nacional, e que em 1869 fora traduzido para o inglês, no livro do capitão Richard F. Burton, *Highlands of the Brazil*, transcreve certos caracteres indecifráveis que os bandeirantes teriam copiado em vários pontos da cidade. Esses caracteres, Fawcett os teria identificado com os que descobrira em Ceilão. Em 1920, com autorização do governo brasileiro, Fawcett fez sua primeira tentativa de encontrar a Cidade Abandonada. Em 1925, tentou novamente, então fazendo-se acompanhar de seu filho Jack e do jovem Raleigh Rimmell. Desapareceu na selva.

Inúmeras foram as histórias dos que “viram” Fawcett ou dos que encontraram provas de sua morte. Em abril de 1951, foram desenterrados à beira do rio Culuene, um formador do Xingu, ossos que se imaginou fossem os de

Fawcett. O livrinho que se segue gira em torno da visita que fez o autor à cova de onde saíram esses ossos, na companhia de Brian Fawcett, um filho do explorador britânico desaparecido há 27 anos.

O VITORIANO E O SONHO DO NOVO
IMPÉRIO

Aquém do Bem e do Mal

Inocência também pega. Logo que a gente chega ao Posto Culuene, da Fundação Brasil Central, o choque demasiado bruto paralisa o raciocínio. A gente só sabe que saiu da cidade de São Paulo, num aparelho monomotor, umas sete horas antes: como é possível que agora, à beira daquele rio, homens e mulheres estranhos, mongoloides, inteiramente nus, cerquem o avião?

Mas inocência pega. Ao cabo de duas horas não estamos mais empenhados em fingir que não reparamos na nudez dos índios. Passamos, ao contrário, a encará-la com naturalidade. E a vitória foi puramente da inocência deles, da candura e falta de malícia deles. De toda a nossa indumentária — das botas ao chapéu — os índios e as índias só prezam uma coisa: a camisa, que protege dos mosquitos. Tudo mais que usamos é, portanto, incompreensível para eles. Mas dizendo “incompreensível” dizemos mal. Por que haveriam eles de tentar compreender a razão de andarmos com tantos panos em cima da pele? Acaso perguntam ao porquê por que dá choques ou à onça por que tem pelo? O que não lhes ocorrerá jamais é que tenhamos motivos psicológicos para usar roupa, ou que, por termos começado um dia a usar roupa, não a possamos mais abandonar por motivos psicológicos.

O índio (a menos que já tenha sido civilizado) não faz perguntas embaraçosas pelo simples fato de não conhecer o embaraço. É uma criança. Ainda vive aquém do Bem e do Mal.

Mas como se explica então que aqueles índios que nos maravilharam com sua castanha nudez e seu riso puro, ao chegarmos, sejam os mesmos que, através de cerrados e varjões, nos levaram à beira da lagoinha esverdeada para nos apontar a cova de um homem que assassinaram? Como estão aquém do Bem e do Mal se mataram e esconderam o morto, como qualquer criminoso de novela policial? Haverá um erro de cronologia no *Gênesis*? O primeiro assassinio terá ocorrido antes da perda da inocência, antes da tentação da serpente? É no capítulo 3 que a gente encontra:

Viu, pois, a mulher que a árvore era boa para comer, e formosa aos olhos, e delectável à vista: e tirou do fruto dela, e comeu e deu a seu marido, que também comeu.

No mesmo ponto se lhes abriram os olhos; e tendo conhecido que estavam nus, coseram umas folhas de figueira, e fizeram para si umas cintas.

Só no capítulo seguinte vamos encontrar o homicídio que é o ponto de partida da história da humanidade: “Caim porém disse a seu irmão Abel: Saíamos fora. E quando ambos estavam no campo, investiu Caim com seu irmão Abel, e matou-o”.

É bem verdade que as índias calapalos, se não cosem folhas de figueira, trançam a fibra e recortam o broto do buriti para fazerem seu uluri. Mas o uluri é um “cache-sexe” simbólico. Tem um significado cultural, mas nada tem a ver com o pudor e nada oculta. Quanto aos índios calapalos, estes não cosem coisa nenhuma. E no entanto matam,

matam fora da guerra, matam e quando se lhes pergunta onde está o morto também dizem: “Não sei. Acaso sou eu o guarda de meu irmão?”.

Durante meses a fio Orlando Villas Boas, o maior amigo branco que têm os calapalos, interrogou-os pacientemente acerca do explorador inglês desaparecido. Quando os calapalos desconversavam, aborrecidos, o sertanista falava noutra coisa. Um dia, quando todos fumavam no terreiro, Villas Boas aguilhoou Cuiuli, um dos índios mais velhos dos calapalos.

— Aposto como você não sabe onde estão os ossos do coronel Fawcett.

— Sei! — foi a resposta.

— Se sabe me leve lá.

Os índios se entreolharam. Villas Boas, que já explorara a vaidade intelectual do que orgulhosamente dissera saber, explorou a vaidade física de todos os chefes.

— Dou aos chefes calapalos uma arara vermelha se me levarem aonde estão os ossos.

Os chefes se viram todos de penas encarnadas na orelha. De mais a mais, se confiam em algum caraíba confiam em Villas Boas, e este já se cansara de lhes dizer que os outros caraíbas não estavam mais “brabos” com a morte do “ingueresi”. Só queriam era saber como tinha ele morrido. Os índios o levaram então para uma lagoinha entre o rio Culuene e seu afluente Tanguru. Subiram um barranco e, entre o chão limoso e as árvores folhudas, o atual cacique dos calapalos, o índio Cumatsi, falou das 11h15 da manhã às 2h30 da tarde, contando como ali haviam sido assassinados três homens — aparentemente Fawcett, seu filho Jack e um amigo deste, Raleigh Rimmell. Depois disse ao sertanista:

— Cava.

Não foi preciso cavar mais de meio metro. Não era um túmulo. Era um apressado buraco, aberto sem dúvida havia muitos anos, e nele, sujos de terra e já meio enleados em raízes, uma caveira e um montão de ossos. Comprovava-se, afinal, a morte do coronel Fawcett.

Isso tudo ocorria em abril de 1951. No entanto, quando lá estivemos nós em janeiro de 1952, convidados pelo sr. Assis Chateaubriand para integrar, pelo *Correio da Manhã*, a expedição formada pelos Diários Associados e cujo centro era Brian Fawcett, filho do explorador desaparecido, já então sabíamos que os ossos não eram do coronel Fawcett. Tanto o Royal Anthropological Institute, de 21 Bedford Square, em Londres, como os antropólogos do Museu Nacional de S. Cristóvão concordavam num ponto básico. Aqueles eram os restos mortais de um homem bem mais baixo do que o coronel Fawcett, que media 1,86 metro (seis pés e meia polegada). Segundo o Royal Anthropological Institute, os ossos examinados eram de um homem de 1,70 metro (cinco pés e sete polegadas), e, segundo o laudo do dr. Tarcísio Messias, do Museu Nacional, o cálculo feito pelo comprimento dos fêmures, cúbitos e rádios dá uma altura de 1,66 metro ou 1,68 metro. A dentadura sobressalente deixada por Fawcett na Inglaterra também não se ajustava à mandíbula da caveira. Mas bastava a prova da altura para pôr fora de combate o coronel Fawcett. Ora, segundo Brian Fawcett, seu irmão Jack era mais alto do que o pai, e Raleigh Rimmel, o mais baixo dos três, seria homem de 1,78 ou 1,80 metro (cinco pés e dez-onze polegadas).^a Ademais, a pertencer a um dos três exploradores, os ossos deviam ser, efetivamente, do coronel Fawcett, pois as suturas do crânio,

segundo o laudo do Museu Nacional, fazem supor que a ossada fosse de um homem maduro. Jack e Raleigh tinham ambos menos de 25 anos.

Assim, fique desde já sabendo o leitor que neste romance policial a falta de ortodoxia é insuportável: não conseguimos identificar o cadáver encontrado nem conseguimos apontar o assassino ou os motivos do crime. Achamos que a história valia a pena graças à personalidade simbólica do coronel Fawcett e também porque o nosso tipo de colonização do interior merece algumas observações, principalmente ao vermos que lida com homens que ainda desconhecemos profundamente, os índios.

Vivendo aquém do Bem e do Mal, têm o ardil de ocultar durante anos um crime que cometeram à beira de uma lagoa (que é na realidade a ponta de um braço do Culuene) no seio da mata. Instados, aperreados sem cessar com o caso Fawcett, resolvem atribuir o esqueleto enterrado ao pé da lagoinha ao inglês... Não deixam de ter um certo senso de humor.

a- Foi pena que Brian Fawcett não trouxesse consigo comprovantes das respectivas alturas dos três membros da expedição. Como ele era um tanto vago a respeito de Rimmell, pedimos a W. W. Copeland, que dirige a U. P. no Rio, que procurasse apurar em Londres qual era a estatura de Raleigh Rimmel. Copeland fez gentilmente a busca, mas não encontrou informantes.

A expedição Dyott

Antes de vermos como a personalidade de Fawcett e sua busca simbólica emprestaram ao seu desaparecimento uma curiosidade muito maior do que a que poderia ser razoavelmente explicada, fixemos bem os fatos relacionados ao seu desaparecimento. O melhor meio de chegarmos a esse resultado é resumir aqui, em suas linhas gerais, o que apurou em Mato Grosso, apenas três anos após o desaparecimento de Fawcett, o explorador americano George Miller Dyott. Em 1928, Dyott realmente teve uma oportunidade de descobrir o que acontecera a Fawcett e, ao nosso ver, descobriu o bastante para provar que Fawcett *pelo menos* (se é que ali não morreu, como é provável) passou por aquela região dos formadores do Xingu e desapareceu ali mesmo por onde andamos nós com seu filho Brian, perto do Culuene, aos doze graus e 45 minutos latitude sul. Acentuamos o *pelo menos*, pois Brian Fawcett acredita que o pai desapareceu — isto é, datou sua última mensagem — de um ponto muitíssimo distante do Culuene, perto do rio Manitsauá, aos onze graus e 43 minutos de latitude sul. Ele acredita que o pai não tenha sequer chegado perto dos formadores do Xingu na sua *segunda viagem* pelo sertão de Mato Grosso. Acentuamos também a *segunda viagem*, pois com o argumento da

primeira viagem, realizada em 1920, Brian Fawcett tenta desfazer tudo quanto se descobriu sobre seu pai na zona do Culuene. Os objetos encontrados, os dados obtidos como sendo da viagem de 1925 seriam todos referentes à viagem de 1920, isto é, nada esclareciam do mistério.

A versão de Fawcett no Manitsauá vem de uma derradeira mensagem sua, datada de 20 de maio de 1925, na qual ele dá aquela latitude como sendo sua posição geográfica e acrescenta: “Nossos dois guias regressam daqui”. Fawcett, como está sobejamente provado pelas suas reticências e meias palavras, queria sobretudo evitar que alguém o seguisse em busca da Cidade Abandonada. Isso nos parece ainda mais claro diante do que diz Dyott em seu livro.^a A Fawcett Relief Expedition de Dyott, custeada principalmente pela North American Newspaper Alliance, foi algo enorme, quase em estilo Cecil B. DeMille. Enquanto Fawcett achava que com seus dois companheiros tinha o máximo desejável de gente, Dyott levou toda uma caravana de bois de carga, burros de montaria e um total de 26 pessoas, que se transformaram em dezessete quando ele despediu os demais com os bois, ao iniciar a subida do rio Curisevo ou Culuseu. Com seu material cinematográfico e radiotelegráfico e sua “boia”, Dyott leva uma bagagem de três toneladas. A boia eram 350 quilos de carne-seca, cinco sacas de arroz, cinco de farinha e, para cada homem, um saco de açúcar, café e sal. E na última página do seu livro ele lamenta não ter tido recursos para levar mais gente.

Mas vejamos os fatos reunidos por Dyott.

Em Cuiabá ele encontrou um filho do coronel Hermenegildo Galvão, dono da fazenda de Rio Novo onde Fawcett se hospedara antes de partir para a viagem. Em

1943, Edmar Morel^b entrevistou Galvão e publicou cópia de uma carta que a este dirigira Fawcett no dia 7 de maio de 1925. Chegando ao Posto Simões Lopes, ou Bacaeri, Dyott tirou a sorte grande de encontrar Bernardino, o índio bacaeri que acompanhou Fawcett como guia, e que disse que este não subira o Paranatinga, em busca da região do Manitsauá (onde dizia pretender andar para leste, em busca da cidade perdida na Bahia!), e sim que descera o Curisevo, um afluente do Culuene. Na página 126 do seu livro, Dyott conta como ouviu de Bernardino a história de duas canoas de índios de que Fawcett tranquilamente se apossou para descer o rio — um dos muitos incidentes que mostram o explorador inglês como homem voluntarioso e de métodos algo drásticos em suas relações com a humanidade. Bernardino mostrou a Dyott o ponto em que Fawcett o despedira, seguindo a pé para a maloca dos anauquás ou nafuquás.

(Tudo isto que viemos narrando até agora — e suprimimos inúmeros detalhes de valor arrolados por Dyott — é dado por Brian Fawcett como não tendo acontecido ou tendo acontecido em 1920.)

Nos nafuquás, Dyott realmente encontrou coisas. Um filho do cacique, Aloique, tinha pendurado no pescoço, entre outros balangandãs, uma plaquinha oval, de cobre, com as seguintes palavras gravadas: “W. S. Silver and Company, King William House, Eastcheap, London”. Era o nome da firma que supria Fawcett de material para a viagem! E, dentro da maloca de Aloique, viu uma maleta de metal idêntica às usadas pelos oficiais britânicos no Oriente. Como veremos, Fawcett, quando moço, serviu em Ceilão.

(Quando lembrei a Brian Fawcett esses achados de Dyott, ele retrucou que tais objetos tinham sido alijados pelo pai em 1920. Quando objetei que ninguém sabia que Fawcett tivesse, então, visitado o Curisevo e o Culuene, sua resposta foi que objetos assim viajam muito entre os índios. Não pense o leitor que não gostei de Brian Fawcett. Ao contrário. É um tipo correto, interessante. Mas deve ter herdado a teimosia pétrea do papai vitoriano.)

Quando Dyott perguntou a Aloique como conseguira a caixa de metal, o cacique, meio hesitante, retrucou que um dos caraíbas altos — já então Aloique falara nos três exploradores, explicando que haviam sido mortos pelos índios suiás — lhe pedira que levasse a caixa cheia de farinha até o Culuene e que então a caixa seria sua. Assim a obtivera. Por essas alturas, Dyott estava mais do que convencido de que Aloique trucidara Fawcett e seus companheiros. Mais adiante, nas ruínas de uma choupana em que Fawcett pernoitara, Aloique apontou no chão um objeto e Dyott ergueu um dos polvarinhos do explorador. Aloique levou Dyott aos calapalos, pois na aldeia deles, segundo as informações nafuquás, Fawcett e os dois rapazes teriam dormido uma noite, antes de seguir para o Culuene — e para a morte. Dyott ouviu dos calapalos que Fawcett tinha morrido depois de andar cinco dias para leste do Culuene — e isso foi afinal confirmado por Aloique. Só que os calapalos tendiam a pôr a culpa nos nafuquás, que incriminavam os suiás...

Aí estão as principais descobertas de Dyott, que por vários motivos não pôde viajar cinco dias para leste do Culuene, onde esperava encontrar os cadáveres dos exploradores. Muita gente poderá rir de várias coisas no livro de Dyott e principalmente da sua fuga final. Mas nós

passamos dias no Posto Culuene, e isso basta para não se ter vontade de rir de quem passou meses vagando por aqueles matos na trilha do coronel Fawcett.

Registremos ainda que, já no fim da sua aventura, Dyott um dia fixou bem os olhos nas calças que Aloique usava e que, como todas as calças de índios, só podiam ser um presente de homem branco. Não eram as que Dyott lhe dera. Eram “provavelmente de Fawcett, pois tinham corte nitidamente inglês”.

A narrativa de Dyott tem um valor excepcional — e dificilmente imaginaríamos o explorador americano a descobrir tantos indícios de Fawcett se por lá houvesse andado *oito anos* (como quer Brian Fawcett), e não três anos depois de sumir o explorador. Este, como é público e notório, viajava com um mínimo de tudo. Alijava, portanto, pouquíssima coisa. Oito anos depois, dificilmente ainda se encontraria algum rastro da sua passagem.

Não deixemos agora de acrescentar que a trilha percorrida por Dyott e Aloique como sendo a do coronel britânico antes de desaparecer na mata é fantasticamente coincidente com a trilha que palmilhamos nós rumo à Lagoinha da Mata... Que os ossos achados por Villas Boas não sejam de nenhum dos três ingleses é coisa realmente de assombrar. A vida não imita a arte coisa nenhuma. Artisticamente falando, os ossos da lagoinha são de Percy H. Fawcett.

[a](#)-*Man Hunting in the Jungle*, de G. M. Dyott. Nova York, 1930.

[b](#)-*E Fawcett não voltou*, Edmar Morel, Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1944.

Os ossos falsos

Lastimamos que ainda não tenha sido publicado *Exploration Fawcett*, o livro que Brian Fawcett escreveu sobre seu pai e que já deixou com os editores, na Grã-Bretanha (Rider & Co., Londres), ao vir para o Brasil a convite dos Diários Associados. Brian, aliás, prefere sempre dizer que o livro não é dele, e sim do pai, visto que são os diários e cartas deste último que realmente compõem *Exploration Fawcett*. Lastimamos que o livro não tenha ainda saído, porque no momento é difícil obter a maioria dos documentos e certas informações sobre o coronel Fawcett, espalhadas por toda parte, e porque será interessante ver como poderá Brian provar que em 1925 seu pai foi no rumo do Paranatinga, um formador do Tapajós, e não no rumo dos formadores do Xingu.

Uma das coisas que até hoje incomodam no finado Percy Harrison Fawcett, da Real Artilharia britânica, nascido em 1867, é a naturalidade com que ele criou seus próprios acidentes geográficos. Há na sua história um irritante Campo do Cavalo Morto (Dead Horse Camp) que absolutamente não existe nos mapas do Brasil. O fato é que o coronel da Real Artilharia britânica tinha perdido um cavalo em certo ponto do planeta e batizou o sítio com o nome de Campo do Cavalo Morto. Como ele andou em mais

de um cavalo (ou burro) em Mato Grosso, será até mesmo possível descobrir mais de um Campo do Cavalo Morto na sua história. Afirma-se que sua derradeira mensagem, a de 30 de maio de 1925, foi mandada à Real Sociedade de Geografia de Londres do tal Campo do Cavalo Morto, que, como já vimos, se localizaria perto do Manitsauá, precisamente aos onze graus e 43 minutos latitude sul e 54 graus 33 minutos longitude oeste. Dyott, com a maior semcerimônia e seguindo as indicações de Bernardino e uma série de sinais palpáveis, localizou o Campo do Cavalo Morto a uns catorze graus de latitude sul. Dyott usou uma bússola psicológica: a convicção de que Fawcett dava informações erradas, pela obsessão de não ser seguido na grande aventura de sua vida, no caminho da “City of my quest”, como dizia ele em artigo publicado (postumamente) por sua mulher na *Blackwood's Magazine*, edição de janeiro de 1933, da qual temos um exemplar. Citemos o trecho de Dyott sobre o encontro de “Dead Horse Camp”:

Num dos locais de acampamento de Fawcett, perto de um rio que os índios chamavam Batovi, fomos informados por Bernardino que ali morrera o cavalo de Fawcett e dali os que o acompanhavam tinham sido mandados de volta. Aquele era, portanto, o muito falado “Dead Horse Camp”... Aliás, a posição desse campo era de cerca de catorze graus ao sul do equador e não onze graus como declarara Fawcett nas últimas cartas que dele haviam sido recebidas.

Evidentemente havia um engano em tudo aquilo, porque teria sido fisicamente impossível atingir catorze graus sul, saindo-se do Posto Bacaeri, dentro do tempo que Fawcett dizia ter gastado no caminho. Talvez tenha sido um lapso de escrita. Por outro lado, pode ter sido coisa propositada, com o objetivo de despistar outras pessoas que tentassem segui-lo.

Realmente Fawcett deixara o Posto Bacaeri, ou Simões Lopes, no dia 20 de maio e nove dias depois mandava as cartas e mensagens de “Dead Horse Camp” — as últimas que enviaria. Ninguém cobriria em nove dias tal distância em tal região: esta é, pelo menos, a opinião formal dos que por lá estiveram.

Seja como for, a expedição de Dyott trouxe provas tão convincentes que a região dos formadores orientais do Xingu e principalmente a forquilha do Culuene e do Tanguru ficaram sendo a zona do desaparecimento: ora, é precisamente nessa forquilha que foram desenterrados os ossos... A coincidência é tão extraordinária que a teimosia dos ossos em não pertencerem a Fawcett chega a ser irritante. Os dados de Dyott foram confirmados várias vezes. O sr. Petrullo, arqueólogo e etnólogo da Expedição da Universidade da Pensilvânia, esteve no Culuene em 1931 — seis anos, portanto, depois de sumir Fawcett. Também ele ouviu dos calapalos que Fawcett se afastara cinco dias para leste do Culuene — ou que durante cinco dias, naquela direção, haviam visto a fumaça dos bivaques de Fawcett subindo ao céu. Em 1943, Edmar Morel, a serviço dos Diários Associados, ouviu dos calapalos, através do cacique que tinham então, Izarari, não mais informações sobre Fawcett, e sim a confissão do próprio crime. O próprio Izarari teria sido o assassino do “ingueresi”. Morel descobriu ainda que João Clímaco de Araújo, quando acompanhava a expedição Dyott, teria recolhido entre os nafuquás uma espingarda de Fawcett. Somos obrigados, no caso, a duvidar de João Clímaco. Dyott, que anotou tão cuidadosamente tudo que encontrou, não ia deixar de falar logo numa carabina. Em compensação, no seu *Man Hunting in the Jungle*, Dyott acaba por dizer umas coisas desagradáveis

sobre Clímaco. Este revida, dizendo coisas desagradáveis, a Morel, sobre Dyott, e traz à baila a famosa espingarda.

Mas vejamos o resto do que existe sobre o trucidamento da expedição Fawcett. Villas Boas não acha possível que Izarari tenha tido qualquer coisa a ver com a morte de Fawcett. Era um menino, naqueles dias de 1925 em que Caiábi era o cacique. Fawcett, na versão Villas Boas, teria sido morto por uma bordunada que lhe aplicara Cavucuire (já morto), um guia que Fawcett exasperara três vezes e acabara despedindo sem presentear. Essa parte da história, aliás, concorda com as informações de Morel. Ainda vivos e já agora conhecidos de Brian Fawcett, há os seguintes companheiros de Cavucuire no extermínio da expedição: Cuiuli, o suposto matador de Jack Fawcett, Iruca, Taiuri — que é pajé entre os calapalos —, Azuqui, Turavi, Bororo, Cumatsi, que é o atual cacique, e Antônio, ou Cravi, um menino em 1925 e que teria remado na canoa que levou os dois Fawcett e Rimmel à lagoinha que, na realidade, é um braço do Culuene isolado na estação seca. Nos exaustivos interrogatórios, esses índios teriam explicado que só Fawcett fora enterrado porque só ele tombara em cima do barranco, onde Cavucuire o tocaiava. Morto Fawcett, os outros índios teriam assassinado, ainda à beira da lagoa, Jack e Raleigh. Estes teriam sido simplesmente empurrados para dentro d'água.

No entanto — voltamos ao ponto de partida —, como a ossada não era de Fawcett, nada feito. Quem quer que os índios calapalos tenham assassinado (porque eles não confessariam um assassinio apenas para serem agradáveis a alguém) e enterrado à beira da lagoa, esse assassinado não foi o coronel Percy Harrison Fawcett, da Real Artilharia

britânica, desaparecido entre maio e abril de 1925 na selva de Mato Grosso.

Cidades e homens que desaparecem

Não são só os Fawcett que desaparecem. Eu mesmo, na minha família, tenho um desaparecimento de truz. Um tio-avô meu, Dario Rafael Callado, desapareceu no ano de 1867, quando era simplesmente o chefe de polícia da Corte, isto é, a pessoa que menos desculpa tinha no Rio de Janeiro para desaparecer. Pois numa noite, em fins de 1867, saiu de sua casa, à rua Larga de S. Joaquim, e foi tomar ar fresco no Campo de Santana. Levava em sua companhia Malaquias, um escravo de estimação. Ao ver que não trouxera a caixa de rapé, o chefe de polícia disse ao Malaquias que a fosse buscar. Quando Malaquias voltou, encontrou o banco vazio.

E nunca mais se tornou a ver Dario Rafael Callado.

Não se tratava de pesquisar quilômetros quadrados do Planalto Central brasileiro nem de obter informações mímicas de calapalos e nafuquás. O Rio daquela época tinha cerca de 200 mil habitantes. Bastava procurar o chefe de polícia em 284 ruas, 42 travessas, 47 praças, trinta praias e 27 morros, pois tal era sua área pública por volta dos tempos do desaparecimento.^a A polícia, evidentemente, foi mobilizada. Um barco patrulhou a costa. Nada, nada apareceu. Ou, para maior exatidão, apareceu também uma

ossada, meses depois, na caixa-d'água da Tijuca. Mas nunca se provou que fosse a sua.

A diferença é que hoje, mesmo na sua cidade, Dario Rafael está inteiramente esquecido, e apostamos que Fawcett (a menos que se prove sua morte) ainda será lembrado de muita gente no mundo inteiro daqui a cem anos. Por quê? Porque não há nada mais sólido do que as lendas, e P. H. Fawcett se identificou com uma das lendas matrizes da humanidade: a da Cidade Abandonada. Nos homens em cuja natureza predomina o espiritual, a força dinâmica da lenda produziu as Civitas inventadas, as terras do ideal — descritas em termos de esperança ou de sátira — como a *Utopia* de sir Thomas More, a Cidade do Sol, de Campanella, as utopias socialistas do século XIX e, em nossos dias, o *Erehwon*, de Samuel Butler, e o *Admirável mundo novo*, de Huxley. Nos homens sonhadores mas de ação, a lenda ateou o fogo das descobertas. Singrando os mares em busca das Ilhas Benditas ou da terra misteriosa de *Hy-Brazil*, que o São Brandão irlandês teria visitado, os homens da Renascença arrancaram ao ignoto a América.

Quem deu início à história foi Platão, nos diálogos do *Timeu* e do *Crítias*. No *Timeu* reproduz *Crítias* a história que os sacerdotes egípcios teriam contado a Sólon — a história do grande combate travado entre Atenas e a Atlântida, que em breve seria tragada pelo mar. Os sacerdotes do Egito dizem ao ateniense Sólon:

Muitos são os grandes e maravilhosos feitos da sua cidade guardados em nossas histórias. Um deles, porém, ultrapassa todos os demais em grandiosidade e bravura. Pois falam essas histórias numa aguerrida potência que, sem provocação, fez uma campanha contra toda a Europa e a Ásia, e a essa campanha o seu Estado pôs

um paradeiro. Surgiu a potência em questão do oceano Atlântico, pois naqueles dias o Atlântico era navegável; e havia uma ilha situada diante dos estreitos que são por vocês chamados colunas de Hércules (Gibraltar); a ilha era maior do que a Líbia e a Ásia juntas, e era o caminho para outras ilhas, e destas se poderia passar ao conjunto do continente oposto, que cercava o verdadeiro oceano; pois esse mar que está dentro dos Estreitos de Hércules é apenas um porto, de entrada estreita, mas aquele outro é mar de verdade, e a terra em torno pode com plena razão ser considerada um continente ilimitado. Ora, nessa ilha da Atlântida havia um grande e maravilhoso império, cujo domínio abarcava a ilha inteira e várias outras ilhas, e partes do continente. Além disto os homens da Atlântida haviam subjugado aquelas partes da Líbia de dentro das colunas de Hércules até o Egito, e da Europa até a Tírrênia. Essa vasta potência, concentrada numa só, esforçou-se por submeter de um golpe único nosso país e o seu e toda a região circunscrita aos estreitos; e foi então, Sólon, que, entre toda a humanidade, seu país luziu, na excelência de sua virtude e de sua força. Ele foi preeminente em sua coragem e perícia militar, e encabeçou os helenos. Quando os demais o abandonaram, forçado a resistir só, ele, depois de ter chegado às extremas raias do perigo, derrotou e triunfou sobre os invasores, e preservou da escravidão os que ainda não estavam conquistados, e generosamente libertou a todos nós que moramos dentro das colunas. Mas depois ocorreram violentos terremotos e dilúvios; e num único dia e noite de infortúnio todos os seus aguerridos soldados, num grupo, foram tragados pela terra e a ilha da Atlântida, da mesma forma, desapareceu nas profundezas do mar. Por esta razão o mar naqueles sítios é impassável e impenetrável, porque há um banco de lodo no caminho; e isto foi causado pela subversão da ilha.

O próprio Crítias, no diálogo que tem seu nome, dá uma data recuadíssima para a guerra entre Atenas e a Atlântida: ela ocorrera 9 mil anos antes de ouvir Sólon a história.

Evidentemente, a mera fixação de uma data precisa (ainda que se trate de nove milênios) dá à história um grande cunho de veracidade... Benjamin Jowett, na introdução e análise dos diálogos, lamenta sarcasticamente que os homens tenham acreditado numa história que Platão terá inventado como profecia ou símbolo das guerras de atenienses e persas. Embora ache que a inexplicável procura da Atlântida de certa forma contribuiu para o descobrimento da América, Jowett declara:

As várias opiniões referentes à ilha da Atlântida não têm para nós nenhum interesse, exceto o de ilustrar as extravagâncias de que são os homens capazes. Mas este interesse é real e a lição daí derivada é séria se tivermos em mente que agora, como em tempos passados, o espírito humano se deixa transformar em joguete das ilusões do passado, que estão sempre a assumir alguma forma nova.

No Brasil, em meados do século XVIII, a Atlântida assumiu a forma de uma cidade abandonada, descoberta por bandeirantes no sertão da Bahia. Como outras Atlântidas, em outros séculos, fizeram naufragar muita gente, a cidade baiana fez perder-se para sempre na selva de Mato Grosso, em 1925, o coronel Fawcett.

a- Vide Gastão Cruis, *Aparência do Rio de Janeiro*, José Olímpio, 1949, p. 376.

Da Taprobana ao Brasil Central

Há muito mais histórias fantásticas sobre a antiguidade do Brasil, empoleirada em nosso velho planalto central, do que o imaginamos nós, brasileiros, seres céticos e incuriosos que somos. Perto do apartamento em que escrevo isto, aqui no Leblon, ergue-se a Pedra da Gávea. Uma de suas faces mostra o que se chama turisticamente a Cabeça do Imperador. A erosão, de fato, parece ter modelado na rocha os traços de um velho de barbas longas.

Mas há os que pensam que a erosão apagou, isto sim, os traços de um velho de barbas longas, que não era o sr. dom Pedro ii, e sim um rei fenício, que teria plantado uma amena colônia balneária perto de Copacabana. Os mesmos adeptos da colonização fenícia mostram-nos também inscrições que os grandes marinheiros teriam deixado na face da rocha. Aliás, quando copiávamos, na Biblioteca Nacional, o documento sobre a cidade abandonada que teria sido achada em 1753, lemos, no mesmo volume 1839-40 do *Jornal do Instituto Histórico*, um relatório sobre exatamente a Pedra da Gávea.

Nosso ceticismo e nossa incuriosidade têm uma base psicológica dura como um penedo: o medo do ridículo. Preferimos atribuir qualquer coisa a causa nenhuma a correremos o risco de parecer “crentes”. Quando Russel

Wallace percorria a Amazônia e se detinha diante das itacoatiaras para observar os traços ali deixados, havia sempre algum nativo perto para balançar a cabeça diante do inglês doido. Referindo-se às inscrições rupestres que copiou no rio Uaupés, Wallace tem o seguinte trecho que transcrevemos por mostrar o que pensava ele das inscrições, dos índios e de nós mesmos. As figuras que apareciam na pedra lhe pareceram

sem a menor dúvida bastante antigas, e jamais seriam executadas pela atual raça de índios. Mesmo entre as tribos menos civilizadas e onde tais figuras são encontradas, os índios não têm a menor ideia sobre qual possa ser a sua origem; e, se lhes perguntamos, dirão que não sabem, ou que as supõem feitas por espíritos. Muitos dos comerciantes portugueses e brasileiros teimam em que são produções naturais, ou, para empregar sua própria expressão, que “são obra de Deus”; e diante de qualquer objeção que se possa fazer perguntam, triunfantes: “E se Deus quisesse então não podia fazê-las?”, o que, naturalmente, encerra a discussão.^a

Pelo mero fato de, como sábio mas também como homem de imaginação, haver acreditado numa civilização fenícia no Brasil, Ladislau Neto, o estudioso da louça marajoara, sofreu a estúpida mesquinha de uma peça que lhe pregou um erudito invejoso e certo de que, no Brasil, o ridículo faria mais mal ao colega do que qualquer outra coisa. Dirigiu meio anonimamente ao Instituto Histórico, sabendo que este a passaria a Ladislau Neto, “cópia” de uma inscrição fenícia que teria sido achada em Pouso Alto, Paraíba do Sul. O sôfrego entusiasmo com que o sábio publicamente revelou o encontro de tal prova de uma civilização pré--colombiana no Brasil foi a recompensa do falsário. Morreu feliz, esperamos.

Tudo isto vem para dizermos agora que o fato de Fawcett ter acreditado na existência de uma cidade abandonada no sertão do Brasil, entre o Xingu e o Araguaia, no Roncador, ou na Serra de Sincorá, na Bahia, não tem nada de imbecil. Por outro lado, lendo tudo que conseguimos encontrar sobre ele próprio, Fawcett, ficamos convencidos de que ele jamais arriscaria sua vida e a do filho para tentar encontrar uma mina de ouro. Não acreditamos em absoluto que buscasse as legendárias minas dos Martírios. Se encontrasse a sua fabulosa cidade, ele provavelmente encontraria os tesouros e riquezas que parecem parte infalível de tais descobertas — mas, na sua natureza, a força motriz não era a ambição de enriquecimento. Era, como veremos, de fama, de glória. Fawcett foi um típico *empire builder* inglês que viveu ao tempo em que o Império já se encaminhava para a liquidação, em que o ciclo dos Clives e dos Rhodes já se fechara, em que se abria a época do fabianismo socialista, em que, em suma, no seu aspecto mais conhecido, a Grã-Bretanha, logo após a paz de 1945, virava as costas a uma personalidade imperial como a do sr. Churchill para buscar passagem na porta estreita do socialismo. A reviravolta das eleições de outubro de 1951 não nos parece modificar a tendência geral que se revelou em 1945. A Grã-Bretanha vive hoje — e vive conscientemente, o que é raro — o drama de uma divisão em si mesma que vai até o âmago do seu povo. Há os saudosistas dos dias imperiais e há os que veem para a Grã-Bretanha de agora não mais a antiga tarefa de espalhar seus navios pelos mares e arcar, meio hipocritamente, com “o fardo do homem branco” (que era o de civilizar pretos, amarelos etc.), e sim de abrir mão de grande parte das suas posses materiais para ser um império

espiritual, um distribuidor da sua cultura, da sua grande sabedoria política, do seu sistema de serviço público. Alguns meses de leitura regular de, digamos, o *Daily Express* e do semanário *New Statesman & Nation* dão perfeitamente uma ideia das duas correntes, respectivamente, dos saudosistas do Império e dos que se esforçam por plasmar uma outra Grã-Bretanha.

Fawcett, na nossa opinião, lia o *Daily Express*. Mas, antes de apreciarmos quais seriam seus motivos menos conscientes para fazer do seu Santo Graal uma cidade abandonada e de fabulosa idade histórica, vejamos as razões positivas que o teriam levado a isso. É que, aos 26 anos, P. H. Fawcett, então jovem oficial, aquartelado em Trincomali, em Ceilão, andou fazendo pesquisas arqueológicas, que sempre o entusiasmaram. Quando os portugueses desembarcaram na antiga Taprobana cinco anos depois de descobrirem o Brasil, lá encontraram sete reinos que se hostilizavam, entre os quais o dos reis candianos. Diz-nos Peter Fleming^b que foi em Trincomali, onde serviu à Real Artilharia durante sete ou oito anos, que Fawcett se “tornou profundamente interessado em budismo e onde gastou todo o seu tempo e dinheiro disponíveis na infrutífera busca do tesouro enterrado dos reis candianos, com o auxílio de um mapa enigmático”.

Muito diferente de busca infrutífera é a história que nos conta, sobre Fawcett em Ceilão, o sr. Harold T. Wilkins.^c Conta-nos ele que o jovem Fawcett um dia, em plena floresta, foi surpreendido por uma tempestade tropical. Vagou a noite inteira sob a chuva e de manhã, quando as nuvens pesadas se dissiparam, encontrou-se diante de uma imensa pedra coberta de parasitas e cipós. Uma das cordas

do cipó se desprendera, mostrando na superfície da rocha umas inscrições antigas. Fawcett as copiou e as levou a um sacerdote cingalês que interpretou os caracteres como sendo dos budistas Asoka — mas cifrada, intraduzível. Um especialista do Instituto Oriental de Oxford confirmou o que dissera o sacerdote, acrescentando que ele próprio era a única criatura capaz de entender as estranhas inscrições, mas que mesmo ele precisaria lê-las na própria pedra, pois o significado dos caracteres se alteraria de acordo com a incidência dos raios do sol, a certas horas do dia...

Ora, qual não terá sido o entusiasmo, a emoção de Fawcett ao ver que, em 1753, bandeirantes brasileiros haviam copiado, numa cidade abandonada do interior do Brasil, caracteres que coincidiam com os que ele surpreendera no seio da floresta de Taprobana, riscados numa rocha coberta de parasitas e cipós? No rastro de que formidável descoberta estaria ele?... Na *Blackwood's Magazine*, embora nada diga quanto ao acontecido em Ceilão, Fawcett exclama, encerrando o artigo e referindo-se à cidade dos bandeirantes: “Quem poderá calcular o valor de uma descoberta assim, de ruínas que, em contraste, tornam modernas as ruínas do Egito?”.

a- Alfred Russel Wallace, *Travels on the Amazon and Rio Negro*, apêndice.

b- Peter Fleming, *Brazilian Adventure*, Jonathan Cape, London, 1946, p. 23.

c- Harold T. Wilkins, *Mysteries of Ancient South America*, Rider & Co., London, p. 61.

Os mistérios da América do Sul

Na quinta-feira, 24 de janeiro deste ano — dia em que a expedição dos Diários Associados chegou ao Posto Culuene —, estive visitando malocas dos calapalos com Brian Fawcett. Brian levava um caderninho onde passara cuidadosamente a limpo vocabulários dos dialetos xinguanos organizados por seu pai. Como era inevitável, nossas conversas voltavam sempre ao eixo da expedição Fawcett, desaparecida, aniquilada talvez ali mesmo, no chão que pisávamos, ou em qualquer ponto num raio de quilômetros. Brian nunca aceitava a hipótese da vinda do pai, em 1925, àquelas plagas, mas no seu íntimo devia considerá-la muitas vezes olhando Cuiuli, por exemplo, o suposto matador de Jack, com sua cara de frade espanhol roído de remorsos...

Pois de alguma forma começamos a conversar sobre os grandes objetivos que teria o coronel Fawcett na sua busca pela selva e eu disse:

— Conheço um livro que se ocupa pormenorizadamente das possíveis intenções de Fawcett no Brasil. Mas é um livro tão alucinado e custa tamanho esforço ler aquele caos de teorias e fantasias abstrusas...

— Quem é o autor?

— Um senhor Harold Wilkins.

— Muito meu amigo — respondeu Brian, imperturbável.

Quando, como sempre acontece, procurávamos de certa forma remendar o que fora dito, Brian atalhou-nos, dizendo que reconhecia realmente os exageros do livro, mas que fizera questão de se aproximar de Wilkins por uma razão principalmente:

— Eu já estava tão cansado de ler livros em que meu pai aparecia como um vulgar cavador de ouro, que foi um alívio encontrar alguém que o mostrasse como o cientista e o explorador que era.

O sr. Wilkins, autor do livro que citamos sobre “Os mistérios da antiga América do Sul”, escreve sobre tesouros e mundos perdidos com uma sofreguidão de escoteiro e uma das culturas mais extravagantes que se possam imaginar. Cada porão para ele oculta uma arca de joias e cada sótão abriga um fantasma. Nós, brasileiros, ficamos acanhados diante de qualquer hipótese menos ortodoxa que se faça sobre o passado pré-colombiano do Brasil, mas o sr. Wilkins, em compensação, nos descobre uma cidade abandonada debaixo de cada sapopemba. Ele nos lisonjeia. Apesar de, como “brasileiros” pós 1500, nada podermos ter a ver com a colônia da Atlântida que aqui teria existido (e inúmeras outras cidades antiquíssimas), é interessante que nos imaginemos como nova Mesopotâmia, cueiro da civilização. Ou éramos isso ou ficávamos perto. Diz Wilkins, página 81:

A teoria do coronel Fawcett parece ter sido a de que o antigo Brasil foi provavelmente o berço da cultura e civilização do nosso mundo; mas, por enquanto, é forçoso deixarmos como ponto controvertido o fato de saber se o facho não fora trazido da afundada ilha-continente da velha Atlântida para a sua colônia continental do

Brasil... Sem a menor dúvida, o nome *Brasil* é muito mais velho do que Cabral [que segundo Wilkins veio ter diretamente ao Rio de Janeiro] e do que o encontro do pau de tinturaria chamado *brasileiro* (*sic*).

A preexistência do *nome* Brasil é um fato, diante da lenda irlandesa de S. Brandão em busca das Ilhas Benditas de *Hy-Brasil* e da ocorrência do nome em mapas e portulanos anteriores ao descobrimento. Paul Gaffarel, em seu *Rapports de l'Amérique et de l'ancien continent avant Christophe Colomb*, diz que a ilha Bracil, Berzil ou Brasil, situada no meio do Atlântico, figura no portulano Mediceano de 1351 e nas cartas de Picignano, de 1367. Quanto ao facho do sr. Wilkins, haveria no centro de uma ou mais cidades abandonadas do Brasil uma luz que jamais se extinguia, possivelmente um estranho cristal. Ou talvez a “antiga raça branca dos brasileiros adoradores do Sol conhecesse algum meio de eternizar uma forma fria de luz”, como diz o autor, à página 84.

Pedimos vênias aqui ao sr. Wilkins para citar uma metade dessa página 84, como amostra da tese e do estilo:

O testemunho do ocultismo, inferido tanto por meios psicométricos como de tradições ainda correntes entre certas congregações misteriosas no Oriente e no Egito, é de que a grande catedral-templo central da capital da Atlântida — por alguns chamada Sardegão —, que se cercava de sete cordilheiras, era feita de uma *pedra branca e reluzente*, comum na Atlântida. Portanto, podemos presumir que a mesma pedra era usada pelos seus pioneiros, atlântidas imperiais, ou que sua fama tanto impressionara os homens de seus postos avançados coloniais que os antepassados dos velhos quiches, que terão talvez tido contato pessoal com o pioneiro-civilizador atlântida Quetzalcoatte, o homem de negro, na

América Central, associavam a terra natal, e, talvez, sua grande colônia imperial de *Hy* (isto é, Real) *Brasil*, conhecida dos velhos celtas irlandeses, a grandes cidades, palácios imperiais e templos a luzirem ao Sol, quando os raios deste banhavam as fachadas e colunatas cintilantes. Talvez sim, talvez não — *quien sabe?* — tenhamos a oportunidade de verificar a autenticidade dessas tradições de uma extrema e nebulosa antiguidade quando ou se a Atlântida, como dizem certos místicos, emergir do leito do Atlântico depois de 10-12 mil anos de imersão, isso no curso dos vindouros cem anos, um acontecimento que, prognostica-se, coincidirá com a derradeira guerra chamada Armagedon. O indubitável é que se a Segunda Guerra Mundial não for Armagedon, muito se aproxima dos seus horrores!. [O autor escrevia durante a guerra.]

Depois disso, quero acentuar que a história de Fawcett haver encontrado em Ceilão e no documento deixado pelos bandeirantes de 1753 caracteres idênticos é uma história encontrada no livro do sr. Wilkins. É bem verdade que ele a fundamenta (p. 117) dizendo que a informação foi obtida da sra. Nina Fawcett, mulher do explorador, ainda viva. Ela, sem dúvida, teria ouvido o que repetiu do próprio marido, imaginamos.

Fomos levados a utilizar com frequência o livro do sr. Wilkins para reconstituir a personalidade de Fawcett, já que o livro de Brian Fawcett ainda não saiu. Felizmente Brian, depois da visita aos calapalos, acompanhou um repórter do *Diário da Noite* numa série de entrevistas com o general Ramiro Noronha, Cândido da Silva Rondon, Jaguaribe de Matos e outros brasileiros que tiveram contato pessoal com Fawcett. No curso dessas reportagens, lançou-se alguma luz sobre os objetivos de Fawcett no Brasil. Mas — e creio que isto nem o livro de Brian Fawcett conseguirá fazer — não se dissipa jamais certa nebulosidade que envolve os projetos

do explorador. Essa nebulosidade provinha do interesse de Fawcett em não deixar rastros da sua passagem, mas é às vezes interpretada como reflexo do interesse que ele experimentou pelo budismo, pelo ocultismo, pela teosofia. Isso faz, ainda, com que muitos o considerem um “místico”, quando ninguém foi mais caracteristicamente um homem de ação do que ele. Fawcett, na realidade, utilizou tudo isso para ver se conseguia fazer a grande descoberta de sua vida. Tinha sempre seu objetivo realista em mira. Entre a família e os amigos ele esparziu seu ocultismo, sua filosofia, seu budismo. Mas ele, mesmo, seguiu pela selva em busca da cidade que o glorificaria, em busca de arcarias, colunas, muralhas e tesouros. Morreu como homem de ação e sem dúvida teria tido horror a morrer na avenida Rio Branco (enquanto esperava que Epitácio Pessoa lhe facilitasse a expedição de 1920) ou em Piccadilly, enquanto fazia suas compras para vir para o Brasil.

Tanto no livro de Wilkins como nas reportagens feitas sob a supervisão de Brian, há instantes em que o objetivo inegável de Fawcett — a cidade dos bandeirantes de 1753 — parece de repente dar lugar a uma outra cidade qualquer, a outro objetivo — tantos eram eles... Assim Wilkins, depois de acentuar que a finalidade da viagem em que desapareceram Fawcett, seu filho e Raleigh Rimmell era sem a menor dúvida a cidade dos bandeirantes, diz com a maior calma que, numa terceira expedição em 1921, seguindo um mapa que lhe dera o oficial britânico e ex-cônsul-geral britânico no Rio, sr. O’Sullivan (o nome completo parece ser O’Sullivan Beare), Fawcett chegara à cidade morta... Fawcett teria mesmo escrito a um amigo, dizendo que fizera a viagem só, que chegara à caatinga, na serra ao norte da Bahia, e que em plena floresta primeva

encontrara um montão de ruínas. No meio delas havia um gigantesco monolito encimado por uma imagem de pedra.

Mas Fawcett teria dito pouquíssimo sobre o seu achado, jamais precisara a localização e aparentemente “não identificava essa cidade morta com a que estava procurando em 1925”. Wilkins cita entre aspas o que Fawcett teria escrito “a um amigo no Rio” e portanto deve ser verdadeira a história. Isso, como se vê, aumenta a nebulosidade: além da cidade dos bandeirantes — pois esta foi sem dúvida o grande alvo da viagem de 1925 —, Fawcett andou encontrando cidades menores, de grande antiguidade, ao sabor dos seus passeios na mata.

Por seu lado, o repórter Romildo Gurgel, do *Diário da Noite*, que foi quem trabalhou em contato com Brian Fawcett, depois de dizer que a expedição de 1920 (a outra, de 1921, é um fogo-fátuo que desaparece quando a gente se aproxima) não resultara em nada, assim resume os objetivos da última, a fatal, a de 1925: “No rio Xingu (Fawcett) examinaria inscrições antiquíssimas; entre o Xingu e o Araguaia chegaria até umas torres altas de que falavam os índios, com luzes que não se apagavam de noite; entre o Araguaia e o Tocantins encontraria uma cidade milenar e, finalmente, em qualquer ponto da Bahia, outra cidade ciclópica da qual já demos notícia em artigos anteriores”.

Como se vê, um programa cheio. Mas singularmente nebuloso. Fiquemos com a “cidade ciplópica”, que é a descoberta pelos bandeirantes em 1753, que tem pelo menos como base histórica uma narrativa ou “relação” e que inspirou a José de Alencar o romance das Minas de Prata.

A misteriosa cidade dos bandeirantes de 1753

A misteriosa cidade dos Escrivendo, antes de desaparecer na selva de Mato Grosso, sobre a cidade que buscava em 1925, Fawcett foi sibilino e dramático. Segundo ele, o verdadeiro caminho só era conhecido de três homens vivos. “Um era um francês”, escreveu Fawcett, “cuja última tentativa feita para chegar ao local foi paga com a perda de um olho, e é provável que não faça mais nenhuma; o segundo é um inglês que, antes de deixar o seu país, já sofria de câncer em adiantado estágio e que provavelmente não vive mais; o terceiro é o autor destas linhas.”

O francês não sabemos quem terá sido. O inglês seria o tenente-coronel O’Sullivan Beare, ex-cônsul-geral britânico no Rio de Janeiro, citado por Fawcett, sem menção do nome, como havendo visitado a cidade em 1913. Segundo o sr. Wilkins, ele realmente morreu de câncer, em Belém do Pará. Mas não de um câncer qualquer, murmura o sr. Wilkins. Outros que vão na trilha dessas cidades mortas têm sido vitimados por estranhos males...

Vejamos como surgiu na história do Brasil essa cidade fabulosa. O melhor ponto de partida é o romântico drama das Minas de Prata, ligado ao nome de Robério Dias, mas de

que na realidade foi protagonista Belchior Dias Moreia, ou Dias Caramuru, filho que era do fidalgo Vicente Dias de Beja e de Genebra Álvares, filha segunda do patriarca Caramuru e de Catarina Álvares.^a Quem preservou a crônica das minas foi Rocha Pitta, em sua *História da América portuguesa*, mas atribuindo ao filho de Melchior, Robério, o papel central. Apesar de trocar o nome do pai Belchior pelo do filho Robério (que mais tarde ficaria conhecido pelo nome do seu morgado da Muribeca), Rocha Pitta fixou com graça a silhueta da história.^b “Foy fama muy recebida”, conta ele, “que Robério Dias, um dos moradores principais, e dos mais poderosos da Bahia, descendente de Catharina Alvares, tinha uma baixela, e todo o serviço de sua Capella de finíssima prata, tirada em minas, que achara nas suas terras; esta opinião se verificou depois com a resolução de Roberio Dias porque sabendo ser já publica esta noticia, que muito tempo ocultara, passou a Madrid, e offereceo a El Rey mais prata no Brasil, do que Bilbao dava ferro em Biscaya, se lhe concedesse a mercê do título de Marquez das Minas”.

Teria achado o rei que o súdito exigia muita coisa e resolveu fazê-lo apenas administrador das minas, enquanto o marquês era feito o governador-geral. Mas faltavam as minas... Robério (isto é, Belchior) teria propositadamente encaminhado a expedição “por rumos tão diversos (havendo primeiro feito encobrir os outros) que não foi possível ao Governador, nem a tôda aquella comitiva achar rastros das minas... Sem dúvida experimentaria Robério Dias o merecido castigo, se antes de chegar a Ordem Real não houvera falecido, deixando aquellas esperadas minas occultas, até aos seus proprios herdeiros”. Aconteceram essas coisas em 1591, mas até hoje movem os homens e os

carregam em longas viagens de avião. Não atrás das minas do Muribeca, mas no rastro da cidade encontrada (?) pelos bandeirantes que buscavam as minas. Brian Fawcett, há poucos meses, depois da visita aos calapalos, numa viagem que ficou secreta, andou esquadrinhando de avião o sertão baiano em busca das torres e pórticos de uma *Cittá Morta*.

Quem estudou recentemente essa história de Robério e Belchior foi o sr. Pedro Calmon, no livro que citamos. Ele exumou a história dos documentos da época e mostrou como Belchior foi caipora ao ponto de nem legar o nome às minas porque morrera. Seu pacato filho Robério, coronel de Muribeca, “rude e esquivo homem da sua planície, que nada queria saber de cortes, mercês, dignidades, riquezas e visagens”, é que foi metido a muque na história, por obra de Rocha Pitta.

O importante, porém, é saber que desde a morte de Belchior membros de sua família, primeiro, e inúmeros bandeirantes, depois, puseram-se a buscar as famigeradas minas. As sucessivas buscas nos vão levar ao mestre de campo João da Silva Guimarães, que fugira de Vila Rica ao tempo da rebelião de Felipe dos Santos, e que em 1730 entrou com uma nutrida bandeira pela brenha da Bahia. Passou mais de vinte anos entre os índios e as maleitas e reapareceu em 1752 dizendo que havia encontrado as minas do Muribeca. Fizeram-se os ensaios na Casa da Moeda — e não era prata. O mestre de campo João da Silva Guimarães voltou à mata e se apagou definitivamente para o mundo. Veio a morrer por volta de 1764. Mas alguma coisa ficara das suas andanças. A misteriosa “Relação Histórica de huma occulta e grande povoação antiquissima sem moradores, que se descubrio no anno de 1753”. A Relação teria sido escrita pelo próprio mestre de campo ou

pelo cabo de sua bandeira Lourenço Antônio Bragança. O fato é que a “Relação” está datada “dos Rios Pará-caçu, Unã”, ou seja, da barra do rio Una, margem direita do Paraguaçu, que é o sítio de onde o cabo, em maio de 1754, mandou a carta em que noticiava o descobrimento das minas e juntava a “prata” a examinar.^c

A Relação, que não se sabe que destino imediato tenha tido, foi reaparecer na Livraria Pública do Rio de Janeiro, onde a desenterrou o jovem erudito Manoel Ferreira Lagos, primeiro-secretário perpétuo do Instituto Histórico. Este passou o curioso documento, já meio digerido pelo cupim, ao cônego Januário da Cunha Barbosa, que o publicou no jornal do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, tomo i, 1839-40. O cônego Januário não conhecia a história da bandeira de João da Silva Guimarães e por isso não completou os claros do documento, como observa Pedro Calmon. No enunciado da “Relação” rendada pelas traças, o misterioso “Mestre de Can...” será sem dúvida o mestre de campo João da Silva Guimarães. Apesar de uma discrepância de datas (o mestre de campo teria reaparecido em 1752 e o descobrimento seria de 1753), a versão do sr. Calmon parece-nos exata. Mesmo porque a carta do cabo é datada de 1754.

A primeira vítima da Cidade Abandonada foi o cônego Benigno José de Carvalho. Não morreu na busca, mas foi vítima de muito sarcasmo, além de nada haver encontrado. Esse português de Trás-os-Montes, autor de *A religião da razão* e tão amigo da fantasia, subiu valentemente o Paraguaçu até a barra do Una, fez soar um falso alarma de descoberta da cidade e deixou-se ficar lá pela região da Serra de Sincorá. Não descobriu nada, adoeceu várias vezes

nos quatro anos em que buscou sua cidade e veio a morrer no Salvador em 1848.

Reproduzimos em apêndice a Relação dos bandeirantes de 1753, para que cada um forme sobre a mesma a opinião que lhe parecer mais justa e possivelmente para que algum brasileiro animoso retome a aventura que amargurou um português de Trás--os-Montes e que devorou, sem lhe deixar sequer os ossos, um inglês da amável cidade de Torquay, em Devon. Queremos, porém, fazer um reparo. O cônego Benigno, quando se lançou à sua aventura, usou um velho argumento, que aliás é também usado pelo coronel Fawcett no artigo da *Blackwood's Magazine* e por seu filho Brian: como iriam rudes bandeirantes *inventar* uma história como a da “Relação”, cheia de pormenores acima de sua cultura e de seu entendimento? É possível que a Relação seja verídica, mas certamente não nos parece do punho de “rudes bandeirantes”, isso não. Começa, como podem ver no apêndice, por um arejado e amplo período: “Depois de huma larga, e importuna perigrinação, incitados da insaciavel cobiça de ouro, e quasi perdidos em muitos annos por este vastissimo Certão, descobrimos uma cordilheira de montes tão elevados que parecião chegavão à Região etherea, e que servião de throno ao vento, ás mesmas estrelas... Circulando as montanhas, não achamos passo franco para executarmos a resolução de acomettermos estes Alpes, e Pyrineos Brasilicos, resultando-nos deste desengano huma inexplicavel tristeza”. Diante da natureza o autor da Relação tem uns murmúrios de Dirceo: “Da parte d’além tudo são campos muito viçosos e com tanta variedade de flôres, que parece andou a Natureza muito cuidadosa por estas partes, fazendo produzir os mais mimosos campos de Flora...”.

Entretanto, nada impede que houvesse um poeta entre os bandeirantes, poeta que procurou quem lhe explicasse a “deplorável maravilha” daquela cidade tão linda e tão funebremente abandonada. Se a Relação fosse obra dos tais rudes bandeirantes, dificilmente se explica que tivessem tido o cuidado de copiar inscrições inteiramente ininteligíveis. Se as inscrições é que foram forjadas por algum antepassado do papalvo que iludiu Ladislau Neto, então o resto da cidade seria explicável como o delírio de um bandeirante. Silva Guimarães desperdiçara uma vida inteira em busca de minas que jamais descobrira; a Relação seria uma vingança contra os maus fados, uma mentira reparadora.

Mas se nós somos bonzinhos e ainda deixamos margem a certas esperanças, Teodoro Sampaio, em seu *Viagens através da Chapada Diamantina em 1879*, vibrou, talvez de ponta a ponta, o golpe de morte na história dos bandeirantes. Indo de Santa Isabel a São Félix, andando pela Serra do Sincorá e pelas cabeceiras do Una, Teodoro Sampaio abriu bem os olhos para ver se descobria algum cenário em que pudesse situar a cidade dos bandeirantes e do pobre cônego Benigno José de Carvalho e Cunha. Pernoitou na lapa de Maxambomba, já nas nascentes do próprio Una. Não pôde conciliar o sono na caverna úmida e fria, mas anotou: “Nas paredes da caverna viam-se, desenhadas com tinta vermelha, umas figuras, um tanto apagadas, imitando animais e o homem, outras como algarismos ou sinais usados pelos vaqueiros, para marcar o gado. Recordei-me então das inscrições encontradas na referida cidade abandonada... e reconheci a *perfeita semelhança dos caracteres que tinha à minha vista com os das citadas inscrições* (grifo nosso). Não estaria ali a chave

do enigma? Não estaríamos nós no próprio sítio em que teve nascimento a lenda da cidade abandonada?”.

Mas debalde, no dia seguinte, procurou Teodoro “alguma coisa que se assemelhasse a ruínas, a lascas de pedra levantadas, simulando paredes, pilares ou colunas”. Encontrou, isto sim, como que os elementos da Relação despídos de qualquer toque maravilhoso. Encontrou, além das inscrições, trechos da serra que podiam ser as gargantas da cordilheira mencionada, e até uns fabulosos ratos que, na Relação, “têm as pernas tão curtas, que saltam como pulgas e não andam, nem correm como os de povoado”; apenas os ratos vistos por Teodoro não tinham pernas curtas e não saltavam como pulgas... Eram “verdadeiros e importunos roedores que ninguém explica como vivem e se multiplicam nesses ermos”. Por tudo isso Teodoro Sampaio achou que a narração “é imaginosa e muito provavelmente escrita em época muito posterior a 1753, por algum viajante sonhador de maravilhas ou por algum mineiro ocioso que, à cata de diamantes, percorreu as terras altas do Sincorá e as nascentes do Una”.

Ou, simplesmente, que houvesse viajado muito pelo sertão. Querem ver como é realmente possível, neste Brasil desconhecido, esbarrar em cenários misteriosos e perfeitamente de fábula? Vejam a descrição de um viajante culto e que escrevia antes de se exumar da biblioteca a Relação de 1753. O viajante foi Hércules Florence, que em abril de 1827 saiu de Cuiabá, foi à Serra da Chapada e ao Morro S. Jerônimo e viu de súbito “rochas de formas extraordinárias e, mais longe ainda, maciços azulados (que) enchem o horizonte, como se fora o velame de numerosa esquadra... Vimos pouco a pouco surgirem sete enormes penedos, de 50 pés de altura, isolados e esparsos na colina

e na planície, mais estreitos embaixo do que em cima, e saindo, não se sabe por que força da natureza, de um terreno falto de pedras e coberto de verdura, como se houvessem caído do céu e, pela violência da queda, fincado a base pela terra adentro. Dois deles, mais culminantes, representam, como que três túmulos, dois dos quais juntos, ou então três enormes edifícios, como aquelas torres antigas que na Itália passaram, com o correr dos tempos, por transformações que lhes tiraram a forma primitiva... O que, porém, de longe obriga a atenção é ainda um grande fragmento isolado de muralha, atravessado na estrada e aberto como se fora um pórtico, tendo acima um furo circular, um pouco à direita, figurando de janela. Passamos por baixo da majestosa arcada, admirando a espessura e perpendicularidade dessa rocha que, a modo de uma porta, ainda de pé, da arrasada Babilônia, dá entrada a vasto recinto de ruínas. Atravessa-se então uma planície cheia de contrafortes circulares encostados aos montes, como se houvessem sido primeiro construídos para, com aterro de rochas e terra, sustentar esplanadas artificiais, onde árvores e relva produzem a impressão de jardins suspensos. Do meio desses contrafortes saem como que enormes pedestais, circulares e emoldurados, alguns até com restos de colunas... Nos montes e na planície, por toda parte, avistam-se grupos de pedras que, com os contrafortes, assemelham-se a restos de uma cidade imensa, em que durante séculos imperara a mais nobre arquitetura... Voltando à esquerda do caminho no fundo da fazenda, apresenta-se um vasto grupo de rochas que deixa o olhar atônito perante tanta singularidade. Uma, porém, prende logo mais fortemente a atenção, ficando-se a princípio em dúvida se aquilo é simples capricho da natureza ou um

magnífico arco de triunfo, erigido por ativo e grande conquistador. O bloco ergue-se isolado, cortado em ângulos retos, de 40 pés de altura e 25 de largo sobre 20 de espessura, ornado de frisos em distâncias iguais, rostros e entablamentos... Depois de umas voltas que dei, apresentou-se à minha vista quarta perspectiva, não menos admirável. No primeiro plano estende-se um terraplano de relva, e do meio de uns fragmentos de camadas pedregosas ergue-se uma torre redonda de 35 pés de altura sobre 30 de diâmetro, tão regular em sua forma que difícil será dar crédito às minhas palavras e lápis. Cinco faixas indicadas por linhas de cornijas a compõem: as três primeiras, a partir da base, nada têm de extraordinário a não ser o arredondado bastante regular, mas a quarta parece uma arquitrave, cuja parte visível é dividida em três seções convexas coroadas por três cornijas iguais. Depois aparece acima um friso, que mostra idêntica divisão em três arcos convexos. O que, porém, mais admira é que cada um desses arcos por seu turno está cortado em três reentrâncias de forma quadrada. Todo o friso produz a impressão de um friso que cai em ruínas, no qual se distinguem ainda os vestígios de nove triglifos e outras tantas métopas. Esse brinco da natureza, com a competente cornija por cima, coroa de modo estupendo aquela torre, mas não a termina, porque o todo é rematado por pontas de rochas irregulares. À direita, e como que para figurar ao lado dessa ruína, levantam-se duas rochas, uma de 10 pés de altura semelhando um candelabro, e a outra, de 4, um vaso... Mais adiante abre-se um vale pouco fundo, cujo declive suave é semeado de árvores, dentre as quais sai um obelisco que se vê no intervalo que separa o candelabro da torre, ao passo que entre esta e o túmulo

aparece naquele mesmo mato uma grande rocha cúbica, suportada por base estreita e terminando um muro que se estende além. Enfim, do meio do montículo arborizado e mais distante surgem três grandes pedras, colocadas umas sobre as outras e que sobrepujam em altura a todas as demais. Azuladas colinas formam ao longe o horizonte dessa bela e singular paisagem”.^d

Evidentemente não estamos querendo transportar a cidade abandonada de 1753 para o norte de Cuiabá. O que queremos dizer é que se o sertão de súbito se revela em lapas como a de Maxambomba e em assombrosos recantos como esse que deslumbrou Hércules Florence, é fácil imaginar que ao cabo de vinte anos de perambulação na mata um bandeirante *veja* uma cidade numa estranha assembleia de rochedos ou que um aventureiro imaginativo *use* as sugestões de tal capricho natural para reconstituir, peça por peça, uma Cidade Abandonada como a que descreve a Relação que damos em apêndice e que o coronel Fawcett transformou na cidade de “sua” busca.

a- Vide Pedro Calmon, *O segredo das Minas de Prata*, Editora A Noite, 1950.

b- Em seu artigo na *Blackwood's Magazine*, Fawcett não cita Robério, e sim *Melchior* Dias Moreia. Não sabemos quem terá sido a sua fonte para a história das Minas de Prata. Não foi Southey, que repete a história de Rocha Pitta. Aliás, nesse ensaio Fawcett realiza sua obra-prima de despistamento e amor ao mistério. Diz ele, ao começar: "Aqui, pela primeira vez, ao que eu saiba, imprime-se a fascinante história da descoberta, em 1753" etc. etc. Em português já se imprimira a Relação pelo menos duas vezes, sendo que da segunda publicação valeu-se a mulher de Richard F. Burton (que era da Real Sociedade de Geografia como Fawcett) para imprimir no livro do marido uma primorosa tradução inglesa da Relação! Isto em 1869.

c- Vide Pedro Calmon, obra citada.

d- Hércules Florence, *Viagem pluvial do Tietê ao Amazonas*, apud Manoel Rodrigues Ferreira, *Terras e índios do Alto Xingu*, Edições

Melhoramentos.

O sonho do novo império

Em 1867, quando nasceu o jovem Percy Harrison Fawcett, filho de pai inglês e mãe escocesa, Samuel Butler engendrava seu *The Way of All Flesh*, que começaria a escrever em 1873. Eram, na Inglaterra, os anos de glória dos dois mitos vitorianos: o Pater Familias e o Império Britânico. O ideal dos moços era o *empire builder* e o ideal dos velhos o patriarca da Bíblia. De certa maneira o patriarca, o chefe de família, encarregava-se de modelar o filho que ia semear impérios no além-mar: era um tal tirano que o filho, logo que fosse senhor do seu nariz, iria passar o resto da vida colocando ondas de mar entre ele próprio e a casa paterna.

Em *The Way of All Flesh*, Butler exprime o drama do filho vitoriano numa lamentação das mais eloquentes. Aliás, a lamentação é consequência de uma carta hipócrita que o pai escreve ao jovem Ernesto, que está na prisão, e nessa carta (como comprovo agora que abri o livro para a citação) há este trecho que realmente mostra o patriarca dando ao Império o filho: “Nossa impressão no momento é que você começará sua vida com maiores oportunidades na Austrália, provavelmente, ou na Nova Zelândia, do que aqui, e eu estou disposto a conseguir para Você £ 75 ou mesmo, se necessário, a ir às £ 100 para pagar a importância da sua

passagem. Uma vez na colônia você precisará confiar no seu próprio esforço”. Pois é lendo essa carta que o jovem Ernesto exclama para si mesmo: “Há orfanatos para crianças que perderam os pais — oh! por que, por que, por que não existem portos de amparo para os adultos que ainda não os perderam?”

Não nos parece que Percy Harrison precisasse ser empurrado para o Império pelo pai. Ele iria, seguindo o ritmo civilizador da época. Mas, chegado à plena força da idade, encontraria fechado o ciclo da conquista. Começara o ciclo da consolidação, que ia ser, aliás, bem mais breve do que parecia. De todos os lados surgiam sinais do fim da paz britânica.

Na ânsia com que Fawcett se pôs a procurar cidades abandonadas e tesouros, diríamos que houve uma transferência de objetivos. O sonho de um novo império, que continua a dominar a parte mais altaneira do povo inglês, a mais inconformada com a divisão do poderio mundial entre Rússia e Estados Unidos, parece-nos que tomou para Fawcett a figura de tesouros como o dos reis candianos e de cidades como a do sertão baiano. Não damos a isso (quem pode escapar ao jargão freudiano?) fumaças de sublimação. Sublimação, se existe, é na outra banda do povo inglês, a que está em busca de um Império Britânico que se imponha espiritualmente ao mundo, e que, antes, durante e depois da última guerra foi, por exemplo, ferrenhamente favorável à autonomia da Índia.

Aliás, essa divisão da opinião inglesa entre os favoráveis ao novo império, que os britânicos da comunidade poderiam criar na África, e que eventualmente restabeleceria o equilíbrio da força no mundo, e os que querem distribuir pelos povos de todas as terras a cultura e a experiência

britânicas, abrindo mão de todas as suas conquistas materiais, é fenda que penetra muito fundo na vida daquelas ilhas. Do lado dos “imperialistas” ela vai até a aprovação do pior reacionarismo, vai ao aplauso irrestrito à odiosa política sul-africana do *apartheid* racista, e, do outro lado, chega a uns verdadeiros extremos místicos de renúncia ao mundo. Os desta última corrente é que sonham com um império sublimado, purificado, que poderia talvez inaugurar no mundo uma era britânica — ainda que os mares e terras fossem posse de americanos e soviéticos. Só a existência, em parte da população, de um estado de espírito assim é que poderia assegurar, num meio cultural tão *sophisticated* como o inglês e tão infenso a exageros de qualquer espécie, a aceitação e, muito mais, o sucesso, a popularidade de um livro como *The End of the Affair*, do católico Graham Greene, um livro em que o autor ousa pôr em letra de fôrma um milagre, um deslavado milagre, se permitem a expressão, um milagre quase como o da casa voadora de que fala frei Luís de Sousa em *Dom Frei Bartolomeu dos Mártires*, e em que teria nascido a Virgem Maria. Aliás, numa aventura desse mesmo escritor Graham Greene encontramos uma espécie de negação de ideia de Império Britânico à moda antiga: com certa audácia, e chefiando seus próprios guias pretos, ele fez uma longa viagem pela floresta africana da Libéria. Mas uma viagem sem objetivo material nenhum, uma viagem puramente introspectiva. Não pôs aos ombros o fardo do homem branco, não bateu em nativos nem tentou modificá-los, não fez nenhum inquérito com intenções civilizadoras. Como ele mesmo confessa em seu *Journey Without Maps*, tinha a vaga curiosidade de descobrir, passando um tempo entre primitivos, em que ponto do nosso desenvolvimento

tomáramos o caminho errado. Aqueles pretos ainda estavam num estágio em que estivéramos um dia. Pois, a partir dali, que sinistro atalho havíamos tomado para chegar aos horrores do mundo moderno? E pelo menos uma vez, durante a viagem, o escritor sentiu uns certos pruridos de aniquilar a civilização de onde provinha. Diz ele:

Lembro-me de vaguear ao redor da aldeia, escutando o riso e a música entre os pequenos e cintilantes bivaques, e achando que, afinal de contas, toda aquela viagem valera a pena: ela fazia brotar de novo uma certa fé na natureza humana. Se a gente pudesse regressar àquele despojamento, àquele simplicidade, àquele instintiva amabilidade, àquele estado de sentimento e não de pensamento, para então começar outra vez...

Começar outra vez: isso, naturalmente, é o repúdio a tudo que foi feito, é a condenação formal do passado. A tomarmos os países do mundo um a um, isoladamente, qual deles seria o maior culpado pela civilização moderna, se devêssemos encará-la como um crime? A Inglaterra, sem dúvida. No laboratório da sua ilha ela preparou os principais ingredientes das forças que hoje em dia rugem pelos quatro cantos do planeta. Saiu de Plymouth o *Mayflower*, espécie de sementeira dos Estados Unidos e barco onde se escreveu a primeira Constituição americana, e ainda estão até hoje em Highgate os ossos de Karl Marx, que se inspirou no capitalismo inglês para fazer *O capital*. A influência inglesa na formação da América do Sul é imensa e na formação do Brasil — através do domínio econômico da Inglaterra sobre Portugal — ainda está para ser plenamente exposta. O repúdio a isso que vemos aí, à civilização que nos envolve, é em grande parte um repúdio ao Império Britânico.

Esse não seria jamais o programa do coronel Fawcett, apesar de poder parecer a muitos que ele era um contemplativo, um místico, um desinteressado das glórias deste mundo. Muitos lhe têm atribuído o móvel do ouro, que certamente não era o seu. Mas era o do novo império, de uma nova era elisabetana.

Uma família incomum

Já para Brian Fawcett, o filho do coronel que esteve conosco entre os calapalos, a ideia de voltar à vida primitiva nada tem de extraordinária. Ele não quereria fazer a experiência pelas mesmas razões de Graham Greene, mas simplesmente por desfastio, por achar a civilização um peso incômodo.

À beira de Culuene, enquanto fomos vestindo as roupas depois de um banho entre cardumes de curumins que nadam como peixes, me disse Brian:

— Meu pai certamente não está mais vivo. Ele seria velho demais, mas meu irmão Jack pode muito bem viver ainda.

Poder, podia, dissemos aos nossos botões. Jack tinha menos de 25 anos ao desaparecer em 1925. Mas onde? Fazendo o quê?...

— Conheci no Peru um inglês chamado Lloyd — prosseguiu Brian — que foi viver entre os índios e nunca mais os quis deixar. Acho perfeitamente plausível tal espécie de vida.

— Mas viver como essa gente? — perguntamos, apontando as mulheres de peitos caídos que amparavam os filhos na ilharga, os homens que mordiscavam nacos de

peixe, os guris que se espojavam no chão, em luta. Voltar a esse estágio?

— Não — retrucou ele com energia. — Um homem branco pode melhorar o sistema de vida de índios assim, ensinar-lhes a viverem com mais asseio e conforto, mas entre eles, cercado deles e como um deles.

E Brian prosseguiu, dizendo, muito corretamente:

— Aliás, quanto mais civilizado é o homem mais fácil lhe é despir tal “civilização” e passar ao extremo oposto de uma vida inteiramente natural. Eu imagino muito bem meu irmão Jack vivo entre os índios de alguma tribo desconhecida. E, hoje, seria provavelmente uma crueldade trazê-lo de volta à civilização.

— Mas Jack teria algum pendor para fugir à civilização?

— Não, absolutamente. Ele era um rapaz quando veio para Mato Grosso e nessa idade vivemos muito dominados pelo mundo que nos cerca. Na idade que ele então tinha, eu só pensava nos meus estudos de engenharia. Mas se meu pai morreu e Jack ficou perdido aí nessa floresta, acho perfeitamente cabível sua existência entre os índios.

Pelo que ouvimos de Brian, Jack era o predileto do pai e o pai o preparou para a aventura de 1925.

— Seu irmão Jack sempre teve gosto pelas explorações ou foi seu pai quem incutiu nele a ideia? — perguntamos.

— Jack veio para Mato Grosso eufórico — respondeu Brian —, pois realizava o sonho da sua vida de rapaz atlético e que sempre se preparara para uma aventura assim. Mas não há dúvida que meu pai exerceu muita influência sobre ele.

Nossa impressão é de que o coronel Fawcett, patriarca vitoriano e homem do Império ao mesmo tempo, exerceu muita influência sobre toda a família. Como já dissemos

ligeiramente, das várias coisas estranhas em que se meteu ele em sua vida, o coronel parece ter saído mais ou menos incólume, mas deixou vivamente impregnados delas os que o cercavam. Seus estudos de budismo não parecem ter marcado sua vida pessoal, mas seu filho Brian ficou budista e vegetariano. Suas predileções pela teosofia e o ocultismo parecem ter servido mais para que ele saísse em busca de tesouros “psicometricamente” indicados e em que madame Blavatsky também acreditou de que para fanatizá-lo. Mas sua esposa, dona Nina Fawcett, que ainda vive, tem declarado aos jornais que se comunica telepaticamente com o esposo todos os dias, que ele está vivo, que está cumprindo a missão de que o encarregaram as potências que nos regem o destino etc.

Não sabemos se Fawcett desempenhou algum papel influente na vida do seu irmão Douglas Edward Fawcett. Sabemos que não mantinham boas relações desde cedo na vida. Mas esse irmão, que também ainda vive, é escritor e explorador, tirou brevê de aviador aos setenta anos, fez a única ascensão de que há notícia do Mer de Glace em Chamonix subindo o caminho de burro num automóvel comum, e escreveu vários livros de filosofia em que dá a imaginação como a realidade básica do universo: *O divino imaginar, Do mundo como imaginação, Os diálogos Zermatt* e outros.

A originalidade das pessoas — longe de nós tal ideia — não constitui um defeito; principalmente na Inglaterra, onde a excentricidade é cultivada como se fosse uma das virtudes principais do homem. A família Fawcett nos parece das mais interessantes e pelo único membro que dela conhecemos, Brian, só podemos fazer uma ideia boa do resto. Se procuramos fixá-la com intensidade é porque ela

nos devolve, como um espelho, a figura de um coronel Fawcett imperioso, extremamente confiante em si próprio e profundamente votado ao segredo, à mania de desfazer as próprias pegadas. E tudo isso vem reforçar nossa ideia de que ele morreu exatamente na zona em que estivemos com seu filho, ainda que não se saiba exatamente onde nem como. O Campo do Cavalo Morto terá sido onde Dyott o assinalou, ou arredores, e nunca lá pelas margens do Manitsauá.

Querem ver de quando data a mania fawcettiana pelo mistério, pelo segredo em torno das suas descobertas? É seu próprio filho Brian quem conta que, aos dez anos de idade, correndo pelas praias, rochedos e grutas da sua cidade natal de Torquay, seu pai achou um “tesouro”. Entrou, curioso, numa caverna, e de súbito caiu num buraco recoberto de paus e pedras. Encontrou toda uma baixela e vários vasos de prata. (Não, leitor, nada a temer: não era a baixela de Belchior Dias ou do Muribeca.) Ao que se supõe, a prata devia ter pertencido a algum fazendeiro dos tempos de Cromwell, a fugir da guerra civil.

O curioso da história, porém, é que o menino não deu pio a quem quer que fosse sobre o achado. À noite, chamou a irmã, por quem nutria grande afeição, e foi com ela recolher os objetos, com os quais presenteou os pais e o museu local.

O gosto pelo mistério e a escassa disposição de prestar conta de seus atos a outrem fizeram com que a figura do coronel Fawcett ficasse algo antipática no Brasil durante muito tempo. Em 1920, o general Rondon ficou seriamente aborrecido com Fawcett por haver este recusado o auxílio oficial que se lhe oferecia para a expedição de então: Fawcett fazia questão de ir sozinho, ou com os

companheiros que lhe aproovessem. E antes disso, em 1909, quando brasileiros e bolivianos, para cumprirem o Tratado de Petrópolis, precisaram fazer o levantamento do Rio Verde, Fawcett, que servia ao governo boliviano para as questões de fronteira, marcou com os brasileiros um encontro na mata que não se verificou. Fawcett foi por isso acusado até de haver esfomeado os brasileiros, pois, apesar de transportar os mantimentos para as duas comissões, resolvera ir fazer uma pesquisa em lugar diferente e jamais aparecera... A história parece mentirosa ou pelo menos exagerada. Tanto os depoimentos recentes do coronel Rabelo Leite como, segundo Brian Fawcett, as notas de viagem de seu pai desmentem ou alteram muito essa versão drástica.

Mas a ideia de que Fawcett se afastou da rota para fazer uma pesquisa (uma cidade, um tesouro, *quien sabe?*) carrega consigo uma convicção tremenda. Não teria sido meramente inventada. Quem conhecesse o menino de Torquay poderia inventá-la, mas os que a contaram não conheciam o descobridor da baixela. O resto da história será um exagero. Mas a pesquisa intempestiva, esta foi de Fawcett.

Fawcett e os espíritas

Não parece que Fawcett tenha guardado marca de suas incursões pela esfera dos médiuns e dos espíritos, mas médiuns e espíritos guardaram sem dúvida a marca da passagem do coronel inglês. De certa forma, contudo, os espíritos, em setembro de 1928, contrariaram as comunicações da sra. Nina Fawcett com o além, pois deram Fawcett, Jack e Raleigh Rimmell como mortos às mãos de selvagens.

Isso vem narrado por Dyott, que aliás ficou impressionado com o interesse tomado pelos espíritas no desaparecimento do coronel. Segundo ele, as relações de Fawcett com o astral datavam de longe. Pouco antes de nascer Jack, achava-se Fawcett em alguma terra bárbara, conversando com um índio velho ou um pajé, e deste teria ouvido que sua mulher lhe daria um filho que o acompanharia numa expedição em que ambos ficariam prisioneiros dos índios — até o dia em que seu filho desposasse a filha do cacique...

Ao chegar ao Rio, Dyott foi procurado por um homem que recebera do além notícias seguríssimas de Fawcett e que foi quem falou no cão do explorador, que teria voltado do mato para a Fazenda Rio Novo. O filho do coronel Galvão confirmou o regresso do tal cão.

Dyott assistiu, ainda, a um transe da mulher de João Clímaco — o acompanhante que lhe dera o Serviço de Proteção aos Índios e que contou a Edmar Morel haver encontrado uma espingarda de Fawcett com os nafuquás. Do transe da sra. Clímaco nada saiu de positivo.

Não nos parece que Dyott seja espírita, mas dá a impressão, no seu *Man Hunting in the Jungle*, de ser pelo menos o pragmático norte-americano por excelência. *Quien sabe?*, parece dizer ele o tempo todo. Não custa nada anotar o que dizem os espíritos. Pode ser que eles deem a pista certa.

Seja como for, pragmaticamente, sem se comprometer, ele transcreve do jornal *The People*, de Londres, edição de 23 de setembro de 1938 (Dyott ainda se encontrava, nesse dia, nas matas do Brasil), a descrição de uma comunicação oculta vazada em termos particularmente penosos. Sem nada dizer à clarividente, designada na história como miss Montague, entregou-lhe um cavalheiro um pedaço “da última carta escrita pelo coronel Fawcett antes de penetrar na selva”. A clarividente colocou o pedaço de papel sob a bola de cristal — e ficou horrorizada com o que viu. Segundo narrou depois, no seio de uma densa mata o cristal revelou-lhe três homens.

Um jazia no chão, a cabeça apoiada no braço. Tinha as roupas em molambos. Não se movia, parecia morto. Perto, abrindo caminho na brenha rasteira com um machado, outro homem. Com os braços amparava um jovem companheiro. Estavam ambos andrajosos, os cabelos e a barba crescidos, macilentos, esfomeados. Tinham ambos esfiapadas ataduras encharcadas de sangue e o mais novo dos dois dava a impressão de estar à beira da morte. E então, como que através de um nevoeiro, o cristal mostrou as formas acoradas de selvagens nus, armados de sarabatanas e dardos. Inundou-se o

cristal de sangue e, quando se desanuviou, mostrava os corpos sem vida dos três brancos sendo carregados pelos selvagens exultantes.

O MODERNO BANDEIRANTE
E O SONHO DA NAÇÃO FUTURA

Os ossos de George

Foi na sexta-feira 25 de janeiro de 1952 que saímos do Posto Culuene, da Fundação Brasil Central, rumo à Lagoinha da Mata (como acabou por ser chamada), à beira da qual o cacique Cumatsi apontara a Villas Boas a cova que continha os ossos, depois tão viajados, que foram primeiro ter à capital federal do Brasil e depois à própria capital da Comunidade das Nações Britânicas.

Saímos tarde, quase às três horas, pois o cacique Cumatsi se fez esperar com seu séquito e só depois do almoço é que houve, diante da casinha do posto, o “pow-wow” sobre a morte do “inguelese” ou “ingueresi” desaparecido tanto e tanto tempo atrás. O tempo, como garantem os que conhecem os índios, não seria argumento para que eles se houvessem esquecido de um “capitão” como Fawcett. Há duzentos anos, em 1755, o bandeirante Antônio Pires de Campos, o Moço, apelidado, por aproximação, Paí-Pirá pelos índios bororos, fez uma terrível matança de silvícolas à beira do rio das Mortes. Pois até hoje os calapalos contam a história de um Paí-Peró alto, forte, branco e cruel, matador de índios e finalmente morto pelos índios. Julgavam os irmãos Villas Boas que os calapalos repetiam uma lenda qualquer com sua história de Paí-Peró, quando em verdade faziam história oral,

envolvendo um episódio verdadeiro em discursos tradicionais.^a

Mas naquele tempo de Antônio Pires de Campos não apareciam expedições de socorro nem jornalistas no Xingu. As expedições e os jornalistas parecem haver semeado confusão na mente dos calapalos em relação à história de Fawcett. Tanta gente tem aparecido por lá a indagar acerca do inglês que os pobres dos índios se perdem em versões contraditórias. De mais a mais, quem sabe como funciona o cérebro dos índios? Eles têm bastante sentimento de culpa em relação a um assassinio para não declararem, esportivamente, que mataram alguém que nem tenham visto, ou que tenha saído dentre eles com vida. Mas a história de Fawcett rendeu tanto que os calapalos, depois de plenamente convencidos de que os brancos não estavam mais “brabos”, podem muito bem ter confessado tudo quanto se quis. Um homem eles assassinaram, provavelmente ao tempo do desaparecimento de Fawcett, e enterraram ao pé da Lagoinha da Mata. Por que não dizer que foi o inglês? E quem nos garante que o homem, ainda que muito mais baixo do que Fawcett, não fosse algo semelhante a ele?

Seja como for, o “pow-wow”, a solene conversa diante da cabana sobre o assassinio de George (já explicaremos de onde vem esse nome) pareceu um ato teatral, de tanto que a história narrada pelos índios dava a impressão de requentada e cansada — mas de vez em quando uma luz crua de espontaneidade galvanizava os selvagens... O mais vibrante desses momentos foi quando o próprio Brian lhes perguntou qual seria a cor do cabelo de Fawcett. Cumatsi, Iruca, Cravi, vários deles se atiraram à cabeça de Brian

procurando uma mecha que fosse exatamente o que procuravam, falando entre si, exaltados, quase depeinando o pobre Brian.

A cena do bate-papo em frente à cabana tinha, como *décor*, muita dignidade. Brian, louro, magro, alto, de fino pescoço, sentava-se entre o velho Iruca, avermelhado de urucu como um diabo, e Cumatsi, o atual cacique calapalo. Por trás de Brian, ao lado do mastro onde se içava a bandeira nacional, Taiuri, o pajé. Ao lado de Cumatsi, ingênuo e na plena flor dos seus formosos dezessete anos, Djahula, sobrinho de Cumatsi (Cumatsi é uma espécie de príncipe regente) e futuro cacique. Ao lado de Djahula, o indigitado matador de Jack Fawcett, Cuiuli. Os calapalos cortam o cabelo em forma de gorro e abrem no cocuruto da cabeça uma verdadeira coroinha de padre. Cuiuli, de cabelo diferente, algo mais crespo do que os outros, e com aquela coroinha, é o que apresenta a mais torturada das máscaras da tribo. Talvez Cuiuli jamais tenha feito mal a uma muriçoca — mas pela cara está perfeito no seu papel de assassino.

A solene discussão era de quando em quando atalhada pela entrada brusca no círculo dos tuxauas em conferência de uma verdadeira feiticeira de *Macbeth*, velha murcha, boca desdentada e seios pelancudos. Se Dyott estivesse presente, sem dúvida daria maior atenção a essa índia do que a qualquer dos capitães presentes, pois ela, chamada Nahaira (*h* aspirado, como também em naho), é filha de Aloique, o cacique nafuquá de 1925, aquele que Dyott julgou ser o assassino do coronel Fawcett. Nahaira de vez em quando acrescentava algum pormenor sobre o “inguelese” e ela, como o outro filho de Aloique, talvez tenha brincado com a chapa de cobre de Eastcheap e com a

caixa de metal dos oficiais britânicos que serviam no Oriente.

De pé na frente de todo o grupo estava Naho, o índio cuicuro que foi o único silvícola que encontramos falando, realmente, o português. O grupo, no terreno nu e batido de um sol feroz, deve ter sido impressionante, com Brian feito uma mancha clara no meio daqueles cravis e bororos marrons, cercado dos Azuqui e dos Turavi que, para todos os efeitos, juravam haver-lhe assassinado o pai.

No entanto, era uma decepção ouvir Naho repetindo as perguntas sobre o caraíba e ouvir os índios de caras patibulares responderem mecanicamente, contradizerem-se, remendarem a história. Ora só se lembravam de um inglês em lugar de três, ora haviam assassinado primeiro o mais velho e depois o mais moço, ora o coronel fora abatido com uma pancada na nuca, ora no nariz — os índios, em suma, só pareciam interessados em responder o melhor possível às perguntas de Naho. Em lugar de um raconto de tragédia, parecíamos assistir a uma sabatina.

E o pior é que iniciamos a jornada rumo à cova debaixo de um sol de quase três horas da tarde. Por falta de canoas para todo mundo (éramos dez brancos e índio que não acabava mais), nem tentamos fazer todo o percurso por água, descendo o Culuene. Por outro lado, como as chuvas andavam escassas, ao contrário do que se esperava a Lagoa Grande (na realidade sem nome) não se ligava à corrente do Culuene. Aí também, portanto, não poderíamos fazer uso das duas ou três canoas de casca de jatobá de que dispúnhamos. Isso transformou uma viagem que seria de quatro quilômetros numa caminhada de uns 24 quilômetros ida e volta — em passo ligeiro para que a noite

não nos colhesse no mato. (*Sigam, pelo mapa da p. 71, o caminho até a cova.*)

Estávamos andando para leste, para a direita do Culuene, trilhávamos terreno que Dyott trilhou em 1928 (Dyott, sem o saber, deve ter estado praticamente na cova de George, embora só supusesse o coronel Fawcett morto a cinco dias de viagem mais para leste) e andávamos rumo ao ponto que Peter Fleming teria gostado de atingir em 1932. Estávamos sobre a terra conflagrada. *Fawcett deve ter morrido ali*, estamos convencidos, em que pese a louca posição geográfica que deu ao seu *Dead Horse Camp*. E os índios se referem a Fawcett, em toda a zona do percurso, com minúcias infinitas. Ele teria vindo por aquele caminho, e apontam no chão uma sombra de vereda. Acampou aqui, perto desta árvore, e há no chão uma velha cicatriz.

Finalmente, à beira da tal Lagoa Grande existe um verdadeiro monumento fitolátrico ao longo da via-sacra de Fawcett: a árvore em cuja casca, não se sabe bem por quê, seus assassinos lhe teriam marcado a altura e a de seus companheiros, e onde o major-médico americano Norwood Eggeling, que nos acompanhava, julgou ver, isto sim, uma das marcas em forma de Y que Dyott encontrou em toda a trilha do coronel Fawcett.

Examinamos a árvore, tocamos a árvore, fotografamos a árvore, Brian pediu a Cumatsi que marcasse também a sua altura. A faca de Cumatsi deu um golpe seco na árvore, assinalando a altura do filho sobrevivente do explorador. As marcas que lá encontramos e que assinalariam respectivamente a altura de Jack, de Fawcett e de Rimmell, estão agora a 2,06 metro, a 1,90 metro e a 1,84 metro. A erosão do terreno durante as enchentes (a árvore está literalmente à beira do barranco e as águas devem carregar

muito da terra em torno do seu tronco) poderia explicar a discrepância das alturas para mais.

Andamos da árvore à beira da Lagoa Grande até o ponto do Culuene que devíamos atravessar, com escala pela ilha que figura no mapa. Nos primeiros dois botes atravessamos eu, Brian, o major-médico americano Norwood Eggeling, o fotógrafo Piroselli e o repórter Hideo Onaga. Enquanto esperávamos o resto da expedição, arriamos na barranca do rio os corpos castigados por uma caminhada excepcionalmente árdua. Os índios, nus em pelo, passavam pelos longos floretes do capim-navalha como se passassem entre plumas, mas nossas botas e nossas camisas haviam guardado lanhos que chegavam às vezes a cortar a carne. Eles se agachavam quando a vegetação fechava-se colérica em cipós e taquaras finas, e passavam como uma enguia por um buraco de rocha sob o mar, mas nós tínhamos o chapéu desabado arrancado da cabeça e os lados do corpo arranhados. Quando saíamos desses cerrados, os varjões de areia, descampados, não ofereciam grande consolo, pois o sol inclemente descia do céu em flechas de fogo. Para os índios aquilo foi uma sesta, para Orlando Villas Boas um passeio, mas para o resto da expedição foi uma caminhada severa, principalmente por termos ido preparados para quatro quilômetros e termos andado seis vezes mais.

Seja como for, depois de haveremos atravessado o rio aos dois lados da ilha, e quando precisávamos ainda andar um quilômetro para finalmente vadearmos a Lagoinha da Mata e chegarmos à cova, estávamos suados, ressecados e, sem exceção, muito cansados. Foi quando o major americano resmungou:

— Puxa! Por essas alturas pouco me importa saber de quem são os ossos.

— Para mim são de “George” — disse o filho de Fawcett.

— Por que George?...

— Eu precisava dar um nome aos despojos. Dizer o tempo todo “os restos mortais atribuídos ao meu pai”, ou coisa semelhante seria um trabalho insano. Assim, sempre me referi a George.

Pouco depois continuávamos, rumo à Lagoinha da Mata, verde, limosa, sinistra, num cerrado bosque de árvores. Atrás de uma daquelas árvores teria ficado Cavucuirá (já morto), o guia calapalo com quem Fawcett discutira três vezes e que pedira ao cacique de 1925, de nome Caiábi, permissão para assassinar o estrangeiro. Atrás de uma daquelas árvores ele — que viera de canoa pelo Culuene e subira o braço do rio da Lagoinha — esperara que Fawcett escalasse o barranco para matá-lo com uma bordunada. Jack e Raleigh teriam sido trucidados à beira d’água pelos outros selvagens, vindos pelo rio com Cavucuirá.

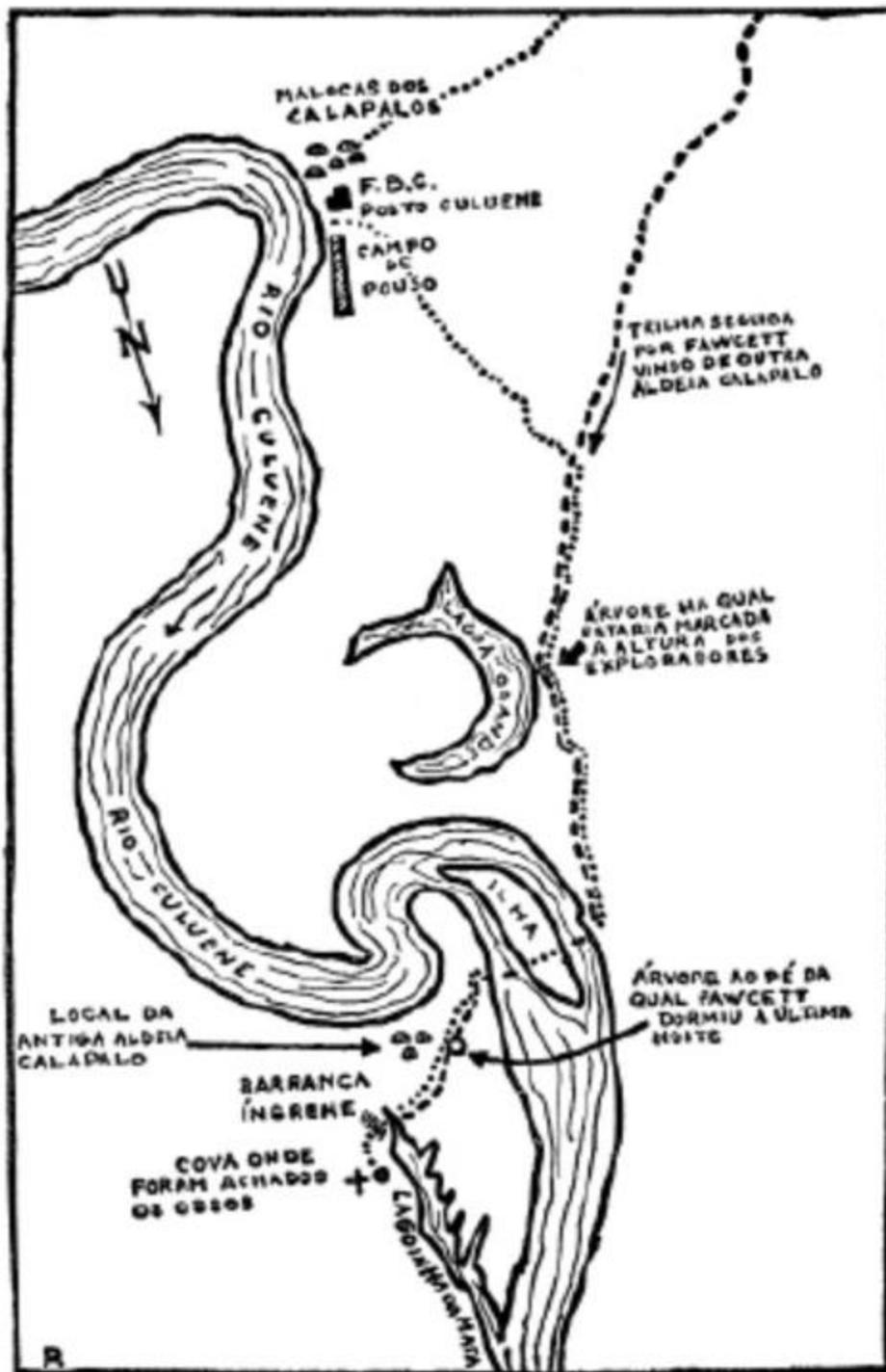


Diagrama da caminhada que empreendemos, do Posto Culuene, da Fundação Brasil Central, até a cova da Lagoinha da Mata, onde foram desenterrados os ossos supostamente

do coronel Fawcett. A linha pontilhada marca o nosso percurso e a linha de bastonetes o percurso que teria sido o de Fawcett e seus companheiros em 1925. Os dois itinerários se confundem no ponto assinalado pela primeira flecha acima. (Desenho do major Norwood Eggeling.)

Alguém foi morto ali pelos calapalos, algum ser talvez obscuro e cujos ossos, por engano, foram parar em Londres. Mas por ali, entre o Culuene e o Tangúru, ali muito por perto deve ter morrido Fawcett. A cova é de George apenas; Percy Harrison, porém, deve ter tombado pelos arredores.

Mas por que aqueles índios todos, condecorados, em seus corpos de bronze, com medalhas de sol coado entre a folhagem, *reconstituíam* um crime que teriam cometido (como no caso de Cuiuli contra Jack) ou assistido (como Cravi e os demais) e que vitimara três homens? Como entender o processo intelectual daqueles bugres simpáticos, que nos pedem a camisa o tempo todo, que nos oferecem beiju e peixe assado, e que com o mesmo sorriso levantam a mão para apontar um pássaro ou para explicar como aniquilaram um inglês com um golpe de tacape na nuca?

[a](#)-Cf. Manoel Rodrigues Ferreira, *Terras e índios do Alto Xingu*, p. 79.

Quando o índio fica “brabo”

Quando o bate-papo diante da cabana do Posto Culuene acabara e finalmente nos púnhamos em marcha, perguntei a Brian que tinha achado da história dos índios.

— Tudo “*phoney*” — disse ele, irritado. Brian, em suma, estava achando a discussão muito “arranjada” e com isso eu jamais concordarei. Orlando Villas Boas me merece o maior crédito possível. A história em que ele acreditou era das mais plausíveis. Só técnicos, examinando a ossada, é que podiam dá-la como não pertencendo a Fawcett. Qualquer leigo, no lugar de Orlando, aceitaria os ossos como sendo daquele a quem os índios diziam pertencer.

— De fato — eu respondi —, os índios já foram tão interrogados e martelados a respeito que parecem falar agora como papagaios. Mesmo assim, às vezes chegam a convencer, tão viva se torna a narração.

— A verdade — retrucou Brian — é que um tribunal de justiça aceitaria como prova o laudo científico de que os ossos não são os do coronel Fawcett. Mas nenhum tribunal aceitaria uma história como essa que ouvimos.

Tinha razão, sem dúvida. Mas um julgamento em que entrassem índios com um depoimento teria de ter a assistência de antropólogos e psicólogos, teria de ser um tribunal diferente. Aliás, Fawcett, apesar do inegável

conhecimento que tinha de índios, parece ter sido mesmo com eles o homem tirânico e altaneiro que dá a impressão de ter sido mais ou menos com todo mundo. Os motivos do “crime” praticado na pessoa de George (e nesse ponto a história contada a Villas Boas confirma a que foi contada a Edmar Morel) foram a maneira rude como ele por três vezes teria tratado seu guia calapalo, Cavucuirá. Villas Boas não sabe inglês e portanto nunca leu o livro de Dyott, mas sua história engata perfeitamente na do explorador americano. O guia bacairi Bernardino, segundo Dyott, levou Fawcett do Posto Simões Lopes às malocas dos nafuquás. Pois entre os nafuquás, segundo Villas Boas, Fawcett teria tido como guia o “capitão” Cabuçala, que o levou até os índios calapalos. Aí Fawcett, já cansado ele mesmo e com um dos rapazes (Raleigh Rimmell) mancando fortemente de um pé, teve por guia a Cavucuirá, que finalmente o teria assassinado, enquanto seu filho Cuiuli matava Jack.

As três desavenças fatais de Fawcett teriam sido as seguintes: irritou-se primeiro com Cavucuirá porque este lhe dissera que chegariam a um determinado ponto ao meio-dia e só chegaram às quatro horas; depois, à noite, Cavucuirá quis levar os brancos para dormirem em sua maloca e Fawcett se recusou, por achar que as malocas são sujas e fedorentas, indo dormir seu último sono sob a árvore assinalada no mapa, perto das malocas; finalmente, após haver abatido um pato do mato com uma espingarda, Fawcett, ao ver Cavucuirá precipitar-se sobre a ave, julgou que a fosse roubar e o repreendeu, severo. Tudo isso irritara profundamente Cavucuirá, mas, segundo Villas Boas, não havia ainda motivo para o massacre. Fawcett, porém, que perdera quase todo o equipamento ao lhe naufragar uma canoa no Salto Taunay, do rio Curisevo, tinha poucos

presentes a distribuir. Os calapalos eram amigos e já bastante civilizados. Ele ia entrar em zona virgem e esperava, aliás, defrontar-se com índios medonhos: a última caixinha de presentes que lhe restava, resolveu não abri-la. (Seria a caixa de metal vista por Dyott com Aloique?)

O logro é que realmente teria enlouquecido Cavucuira, que pediu a Caiábi permissão para liquidar o visitante branco. Essa história tem um grave defeito principal: é por demais pormenorizada, procura elucidar tudo muito bem. É mais como se um escritor de romance de aventuras resolvesse narrar “Os últimos dias do coronel Fawcett”. Mas, ao nosso ver, a história prova que Fawcett esteve entre os calapalos, muito provavelmente em 1925, e que deixou bem gravada entre os índios sua imagem autoritária. Os acréscimos e os burilamentos de detalhes são parte da guerra de nervos que os calapalos têm sofrido por causa do coronel da Real Artilharia. Nós, brancos, temos necessidade de uma lógica perfeita para aceitarmos uma história e, com as nossas perguntas insistentes, metemos lógica na cabeça deles. Lógica ou fadiga. Eles acabam concordando com os pormenores que inventamos nós.

E têm seu modo estranho de exprimir as coisas. Um dos únicos calapalos que sabiam algumas palavras de português era o rapazola Anta. Quando íamos a caminho da cova de George e a sede me apertava a garganta, vi no chão umas frutinhas amarelas. Tinham um bom cheirinho ácido. Perguntei ao Anta:

— Esta frutinha: bom? bonito?

— Bom, bonito — replicou o Anta sorrindo com seus dentes ruins.

— Come uma. Toma.

— Não.

— Por quê, Anta?

— Não presta.

Eu, que lhe havia oferecido a fruta para ter a certeza de que não era algum veneno, fiquei sem saber o que fazer. A fruta era desinteressante mas inócua, como vim a saber depois, e imagino que o Anta quisesse apenas dizer, com suas respostas aparentemente desconexas, que a fruta era boa para quem gostasse dela. Ele, por exemplo, não gostava.

Fique o episódio do Anta para ilustrar a dificuldade dos diálogos na selva — e note-se que o Anta, como verão, além de saber seu pouquinho de português, é um cabra inteligente.

Mas por que aceitamos, então, a imagem de Fawcett que se desprende da história das três brigas com Cavucuira? Simplesmente porque é a do Fawcett que conhecemos.

Dyott encontrou um mateiro que acompanhava Fawcett numa viagem anterior à de 1925 — um homem que aos dez dias de marcha regressara, com outros camaradas da tropa, por puro medo de morrer: “Pois o homem nem parava para deixar a gente comer ou dormir! A gente trabalhava o dia inteirinho e era tocado para a frente como boi debaixo do relho”.

De que Fawcett tratava os índios com altaneria nada mais expressivo do que a apropriação indébita das canoas deles, a que nos referimos. Bernardino, que encontrou os índios roubados das canoas ao regressar sem Fawcett, disse a Dyott que estavam umas feras: “Eu acho que sentiria o mesmo se deixasse meu carro à beira da estrada e ao voltar descobrisse que alguém o carregara, deixando-me a pé com uns cento e vinte quilômetros pela frente”, filosofou Dyott.

Na versão de Peter Fleming, misteriosamente extraída, não se sabe bem por quem, de um calapalo que se chamaria Murica, Jack e Rimmell, ao chegarem às malocas calapalos, “padeciam terrivelmente de feridas nas pernas, estavam terrivelmente enfraquecidos pelas privações e se esquivavam a prosseguir viagem. Os calapalos juntaram suas vozes tentando dissuadir o chefe de um empreendimento tão temerário... Mas Fawcett foi irreduzível; só voltaria diante de uma derrota total”. Fleming nunca pôde confirmar a história de Murica — mas uma vez mais surge aí a imagem autoritária do Pater Familias carregando a expedição para a frente.

Brian Fawcett, para desfazer as acusações feitas ao seu pai de abandonar os colegas brasileiros de uma comissão mista de fronteiras, em 1909, menciona uma primeira viagem feita pelo coronel, em companhia de um escocês chamado Fisher e vários caboclos, ao mesmo Rio Verde, afluente do Guaporé. Diz o relato em *O Jornal* de 2 de março de 1952, relato baseado nos diários deixados pelo coronel Fawcett:

Com seis semanas acabou-se o alimento e eles comiam apenas palmitos e frutas. Depois de dois meses de caminhada, achou (Fawcett) as cabeceiras do Rio Verde e, vendo que era impossível regressar pelo rio, procurou galgar a serra de Ricardo Franco, muito acidentada. Depois de duas semanas de pacientes esforços, achou uma vereda entre as altas montanhas e, quase mortos de fome, ele e os dois companheiros deram em uma fazenda de negros do outro lado da serra. Comeram bem, refizeram-se da jornada e regressaram a Mato Grosso. Todos os peões da caravana morreram em consequência do esgotamento e da fome. Menos um, justamente o chefe, *a quem Fawcett forçara a caminhar, de faca na*

mão, na hora em que o desânimo se apoderou dos pobres mulatos.
(Grifo nosso.)

A orgulhosa imagem autoritária é sempre a mesma — lidando com caboclos ou com seu próprio filho. Acrescia, em 1925, uma coisa: esse explorador extremamente bem-dotado, resistente como o ferro, confiante em si como uma alegoria vitoriana à glória, ainda não fizera uma única descoberta de importância. Seu próprio filho Brian nos declarou que, dos 27 anos de casado de seu pai, só uns sete foram passados em casa. O resto foram guerras e explorações. Ora, em 1925 era o triunfo ou a velhice obscura numa cidadezinha de oficiais reformados na Inglaterra. Nem filho nem índios iriam demovê-lo de encontrar, com Schliemann, a sua Troia.

E índio fica “brabo” com caraíba “brabo”...

Chantagem na volta do cemitério

Na nossa expedição-relâmpago de janeiro de 1952, o instante mais dramático foi à beira da cova de George. Não dramático no sentido que se podia esperar, mas em todo o caso sempre criou uma certa emoção.

Subida a barranca da beira da Lagoinha da Mata, ficou diante de nós — a cova. O chão de limo, de barro escorregadio, de folhas em decomposição, interrompia-se na cova aberta sob o dossel de árvores. Os fotógrafos pediram a Brian Fawcett que entrasse no túmulo. Ele aquiesceu e as lâmpadas piscaram na penumbra verde. Por um momento tive a esperança de que, da mata além, uma voz cavernosa e magoada nos fizesse estremecer, dizendo a Brian: *“I am thy father’s spirit”*.

Mas em lugar de um fantasma a falar de dentro da floresta úmida, começou naquele instante o interrogatório do cacique Cumatsi, conduzido pelo menos fantasmagórico e mais gordo dos repórteres cariocas. (Tão gordo que, ao desembarcar do avião no Posto Culuene, foi abordado por uma índia aflita que lhe apontou a barriga e perguntou se tinha filho lá dentro: — *Mêri, mêri?* — indagava, verdadeiramente assustada. — Não, homem, respondeu o repórter batendo no peito.) O repórter, à beira da cova, quis fazer aquilo que em reportagem policial se chama de

“reconstituição do crime”. Interrogou Cumatsi, Cravi e Bororo, fez os gestos de quem derruba um homem a tacape, repetiu inúmeras vezes cada pergunta — tudo isso num diapasão muito agudo de voz. Os índios iam respondendo, com aquele eterno meio sorriso, o repórter cada vez representava mais e a cena toda ia naufragando em irreprimível comédia.

Súbito, um protesto estalou, não sabemos bem onde. Os índios estavam meio alarmados ou um pouco encolerizados com a gritaria do repórter. Villas Boas adiantou-se, meio ríspido:

— A morte de quinze Fawcetts me interessa menos do que a amizade desses índios — disse ele ao repórter. — Eles estão se sentindo inquietos e talvez ofendidos.

O intérprete Naho entrou também na brecha:

— Calapalo não está mentindo e índio não gosta que branco grite com ele!

Houve uns segundos de agitação e de um vago temor. O gordo repórter se desmanchou em sorrisos, abraçou Cumatsi, se declarou amigo dos calapalos e de todo mundo. E concordamos todos em que o melhor era iniciarmos a viagem de regresso. Apesar de cansadíssimos como estávamos, não podíamos perder tempo, para que a noite não nos colhesse longe do acampamento.

Meu grupo foi o primeiro a atravessar o rio e a ilha de volta e era composto de mim, do fotógrafo Piroselli e do piloto Irineu. O guia era Naho. O segundo grupo, formado por Norwood Eggeling, Romildo Gurgel e talvez Brian, e que se pusera a caminho logo atrás de nós, cedo perdeu-nos de vista, porque Naho andava extremamente depressa e não atendia aos pedidos que lhe eram feitos de diminuir a marcha. Nossas botas, encharcadas pela vadeação da

Lagoinha da Mata, pareciam umas banheiras de chumbo que nos prendessem aos pés. Iam choc-choc pela senda quase invisível no chão. Ao cabo de uns quarenta minutos de marcha, estávamos inteiramente sós com o guia no seio da mata. Foi então que Naho positivamente se pôs a correr... Agílimo, fundindo-se com os obstáculos, passando pelos espinheiros como uma canoa maneira entre rochas, Naho pôs-se a correr. O magro Piroselli, que, apesar de estar carregando seus petrechos de fotografia, não se despregou de Naho o tempo todo, aguentou a marcha acelerada. Atrás dele vinha Irineu, meio distraído, e eu nas pegadas de Irineu. Quando demos acordo de nós, Naho, seguido por Piroselli como uma lebre por um lebréu, ia longe — um saci adulto, um calunga veloz que a mata antes parecia absorver do que entrava ele pela mata.

Chamei-o várias vezes, pedindo-lhe que reduzisse a marcha. Sua aérea resposta era que estava andando devagar. Chegou o momento em que eu e Irineu tivemos realmente de correr para alcançá-lo. Quando nos viu esbofados, exaustos, com um medo danado de que o grupo seguinte não viesse pelo mesmo caminho e que ficássemos isolados na mata, Naho parou, esperou e me perguntou de chofre:

— Me dá a calça cáqui?

Fiquei surpreendido. Desde praticamente o instante da chegada ele me pedira a calça e eu a prometera para quando fosse embora do Posto Culuene.

— Claro que dou, Naho, pois eu não prometi a calça a você?

— Eu sei, eu sei, mas dá hoje?

— Escute — capitulei eu, ignóbil —, dou a calça a você logo que chegarmos ao posto: *desde que você ande*

devagar. Está ouvindo? *Devagar*.

— E a camisa, dá?

— Não — disse eu, agarrando-me à camisa como a um farrapo de dignidade. — Só tenho uma.

— Coitado — comentou Naho.

Passou a andar em passo mais civilizado. Mas nos tirara muito do fôlego. Irineu quase resolve sentar quando já nos aproximávamos. Era impossível saber se estávamos perto ou longe do posto. O sol já desaparecera e a noitinha vinha avançando por entre os troncos das árvores. Quando, pela terceira vez, eu e Piroselli exortávamos Irineu a não entregar os pontos, surgiu por entre a folhagem, pousado no campo do Posto Culuene, o avião do próprio Irineu, um Piper monomotor, de corpo vermelho e prateado... Dez minutos depois de haveremos chegado ao posto, Naho vinha cobrar a sua calça cáqui.

Soube depois, conversando com os demais companheiros, que a de Naho não fora a única chantagem. Os índios pareceram compreender que a caminhada tinha sido demais para os brancos e aproveitaram a oportunidade para comerciar um pouco. Não foi só Naho que teria aprendido a ser malandro com os brancos. Por instinto eles são aproveitadores — como as crianças.

Suponhamos, agora, que eu tivesse Naho como guia e me encontrasse no meio da selva, em pleno curso de uma expedição longa. Devia puni-lo pela ousadia de armar sua pequena chantagem? Devia obrigá-lo a andar devagar com o cano de uma pistola metido em suas costelas? Ou devia, seguindo o exemplo de Orlando Villas Boas, tratá-lo, e a todos os índios, como a crianças de verdade, depositárias de tudo que há de bom na natureza humana, mas

astuciosas, disfarçadas, egoístas e rancorosas quando
qualquer mal lhes é feito?

Incêndio em Xavantina

Na madrugada de sexta-feira, dia 1o de fevereiro, quando, de volta do Posto Culuene, já nos encontrávamos na vila de Xavantina, Mato Grosso, despertamos com um estrépito de fuzilaria. Pouco depois, um rumor de vozes do lado de fora da casa rústica em que dormíamos:

— O armazém está pegando fogo, Mizu!

Quando saímos da casa, com Orlando Villas Boas, vimos na face oriental do vilarejo (Xavantina, à beira do rio das Mortes, duzentos habitantes, último povoado de civilizados na fímbria da selva do Brasil Central, é um quadrado de casas ao redor de uns dois hectares de capim) o almoxarifado em chamas. Para Xavantina aquilo era como se, no Rio, pegassem fogo ao mesmo tempo todas as casas de gêneros alimentícios. Pior ainda, pois o almoxarifado, além de único armazém local de secos e molhados, era ainda o empório de arreios, de combustível, de munição. A fuzilaria que nos despertara eram as balas de mosquetão disparando como doidas, à toa, nas suas caixas, deflagradas pelo fogo provavelmente nascido na geladeira a querosene. Mas no subconsciente daquele povo desbravador, o som dos tiros dera vida a outras imagens:

— Eu pensei que os xavantes estivessem atacando a gente — disse dona Mabe.

Mesmo em alguns homens vinha à tona o temor do bugre bravo que se esparrama além da barranca oposta a Xavantina, no Mortes. Disse um deles:

— Eu maginei que fosse o Militão disparando p'ro ar do outro lado do rio, para espantar xavante.

No entanto, os homens do povoado se atiraram ao incêndio com uma sanha danada. Naquele braseiro ia torrando o café, carbonizando o sal, esturricando a farinha de trigo que vem de Aragarças, a 150 quilômetros, que vem de Goiânia, a quatrocentos quilômetros, que vem do Triângulo Mineiro, a umas quatro horas de Douglas, a quase oitocentos quilômetros em reta de chão batido.

— Tomara que sobre lata de leite, meu Deus, senão o que é que eu vou dar ao menino? — exclamava uma mulher enquanto das entranhas da casa de chamas um homem bradava:

— O feijão já saiu p'ra fora, Baiano, cuida da lataria!

Um corte transversal da população mestiça do Brasil era a humanidade que se agitava em torno daquele arcabouço de tijolo, barro e brasa. Mulatinhos ágeis e caboclos caipiras marinavam pelas paredes para jogar um balde d'água na voragem. Lá em cima do telhado o Paulista, claro e alourado, esguichava a água de uma mangueira bem na goela ardente do fogaréu. Zé Dentista e o piloto Caiado — os dois barrudos da vila — entravam de marreta e picareta nas paredes que ameaçavam propagar o incêndio. Capitaneando aquele enxame de gente, pondo ordem naquele caos de coragem, estava o chefe da expedição Roncador-Xingu, delegado da Fundação Brasil Central em Xavantina, Olívio de Sousa. Com a batina e o barrete de linho branco e as alvas barbas avermelhadas pelo fogo, o padre Colbacchini tranquilizava as mulheres e as crianças.

O incêndio foi aos poucos abrandando. Rostos e músculos contraídos puseram-se a afrouxar em pregas de cansaço. Começou o inventário do desastre e a volta para casa. O fogo tinha lavrado das 2h45 às seis horas da manhã. Era preciso dormir, pois no dia seguinte havia um mundão de coisas a fazer, tudo a reconstruir, com a ajuda de Deus e da fab.

Diante do drama obscuro e ignorado que ali se desenrolava, da luta que só a presença fortuita de um repórter em Xavantina ia fixar em letra de fôrma, mas que morreria, de outro modo, num telegrama qualquer (Aragarças, 1o — Pegou fogo em Xavantina o almoxarifado. Não há vítimas a lamentar), ficamos pensando na tinta, no papel, nas conjeturas e na emoção gastos com o desaparecimento, em 1925, de um coronel inglês na selva de Mato Grosso.

E, no entanto, o sumiço que levou Fawcett e que em 1952 ainda nos atraía, a nós próprios, ao rio Culuene, é um episódiozinho marginal na epopeia majestosa que arrancou com a primeira bandeira paulista e que ainda hoje pulsa viril em Xavantina — ponta de lança da civilização embebida na brenha verde do Planalto Central Brasileiro.

E note-se: essa epopeia em si mesma é algo novo e estranho. Os bandeirantes de agora, como os irmãos Villas Boas, o médico Noel Nuttels, o Mato Grosso, o Aires do Posto Culuene, alijaram os motivos do bandeirante e do descobridor de outrora. São homens sem cobiça e sem luxúria. Gostam de abrir picada na selva e de encontrar índio, gostam de desbravar, como os portugueses de antanho gostavam de desvirginar mares (e outras coisas), gostam de viver naquelas solidões — mas sem cobiça e sem luxúria. Não procuram minas, não querem ouro, e à noite

esticam entre dois paus a rede vazia sob o céu que ferve de estrelas. Eles próprios são responsáveis pela estrita moral que seguem a Fundação Brasil Central e o Serviço de Proteção aos Índios. Quando ainda novinhas, as índias do Xingu parecem às vezes estatuetas de chocolate e, ao saírem do banho de rio, batendo os longos cabelos pretos contra as costas para secar, dão, apesar de toda a candura de sua nudez, para turvar a vista de muito caraíba. Mas são exatamente os homens em torno, da Fundação Brasil Central, que apagam qualquer veleidade de gula que ataque o forasteiro diante daquelas frutas da brenha.

No seu escrúpulo de respeitarem, assim, o ser humano que é uma índia (onde não houve essa vigilância há índias prostituídas, como entre os índios carajás, do Araguaia) e de assim manterem sua autoridade entre os silvícolas, os homens da fundação chegam a extremos dos mais expressivos. Houve um caso, bastante recente, de um funcionário da fundação que quis *desposar* uma índia e para tanto pediu licença aos seus superiores — como um funcionário diplomático pede licença ao ministro do Exterior quando quer casar com mulher estrangeira. O caso foi às altas autoridades em índios, inclusive, naturalmente, ao general Rondon, e a resposta foi *não*. Foi respeitada e elogiada — como não podia deixar de ser — a atitude do funcionário, submetendo-se assim aos chefes e querendo realmente desposar uma índia, mas a aquiescência não veio. Rondon foi mais duro do que João Neves é com as bugres do exterior. Fez-se ver ao funcionário que ele ia constituir família com uma criatura culturalmente distanciada dele por milênios, de hábitos e de moral inteiramente diferentes, mais removida de qualquer afinidade com ele do que se houvesse nascido nos confins

da China. Tal união não daria, fatalmente, em coisa nenhuma. A Índia nem sabia que o funcionário queria desposá-la. Ela entenderia, e provavelmente aquiesceria, em ir à sua rede. Explicar-lhe mais do que isso seria difícil. O casamento não se realizou e o funcionário não se demitiu nem lavrou nenhum protesto oficial. Ele entendeu e terá sentido que a fundação e o SPI, protegendo-o embora de um erro, estavam principalmente protegendo a Índia.

Mas então qual será o objeto de nos aproximarmos dos índios, de fundarmos postos como o do Culuene para civilizá-los? Vamos querer que vivam sua vida eternamente distantes de nós?

O fato é que, de acordo com os cálculos mais otimistas acerca da população indígena do Brasil, nossos silvícolas não passarão de meio milhão. Na realidade não passarão talvez de uns 250 mil. Para que esses últimos representantes da raça que habitava o Brasil não se diluam e se dizimem sem deixar rastro, precisam antes de mais nada ser preservados em grandes grupos. O ideal será a fundação do grande Parque Nacional Indígena, da reserva de terras ora em estudo. Tomadas, assim, medidas básicas que impeçam o processo veloz de extinção do silvícola, devemos começar a assimilação pela educação das crianças. Não, evidentemente, educação de latim e matemática, mas de português e de melhores métodos de plantação de milho e mandioca, de pesca, de criação de animais domésticos. Essas crianças é que, continuando nas próprias malocas, começarão a única educação possível do índio — a que ele mesmo adquirirá do filho. Assim, os selvagens só se integrarão muito lentamente em nossa civilização, mas virão conscientes, terão eles mesmos interesse em conservar seus traços básicos, não entrarão

como uns mendigos, pela porta da libertinagem em barranca de rio e capoeira de mato, mas como algo semelhante a um “povo” que se acerca de outro.

Alguém poderá perguntar: Mas para quê? Para que educar esses índios que mal sabem trabalhar, que não nos trazem uma cultura útil? A escassa cultura que tínhamos já foi aguada, já a dividimos com o preto, já a repartimos como um pobre pedaço de pão. Se continuarmos a cortá-la em fatias não ficaremos todos, afinal, com um punhado de migalhas entre nós? Dez imigrantes alemães e dez imigrantes italianos não trariam mais medula ao Brasil do que toda a tribo dos jurunas e dos calapalos?

A resposta única que se pode fazer é: Mas os índios estão aí, rapaz. Importemos alemães e italianos, o que está muito bem, mas os índios não vêm de lugar nenhum, estão no mato, estão vivos, estão rindo, estão comendo beiju, estão a sete horas de São Paulo. Por que não perguntamos ao pai de família por que não abandona a filharada miúda e não adota crianças já grandes e educadas, para ajudá-lo a ganhar dinheiro?

O sonho da nação futura

Quando Percy Harrison Fawcett apanhou as canoas no Curisevo, ou Kuluseu, sabia, como explorador experimentado, que aquilo não era um gesto exatamente aconselhável. Mas ele perdera a sua canoa no Salto Taunay, lá para o princípio do mesmo rio, e a alternativa era bordejar a corrente a pé — um estúpido suplício quando há um Curisevo deslizando como uma correia de transporte ao lado — ou completar todo o fatigante e longo processo de cercar um jatobá de jirau, de recortar na casca da árvore uma silhueta de canoa, de fincar as cunhas que desprenderão a casca, de meter paus transversais na casca para que não se feche, de botar tudo ao sol para que seque, de arrebatar com fogo a popa para que não entre água. Não, terá Fawcett pensado, pode não ser aconselhável, mas *damn it*. Ali estava ele, um homem com um objetivo, um explorador britânico, um dos que haviam lutado e vencido na guerra de 1914-8, ali estava ele a pé, com Raleigh Rimmell a mancar e talvez a querer voltar, com Jack um tanto pálido e assustado a despeito daquele físico de atleta que ele, Fawcett, o fizera adquirir para que um dia pudesse vir descobrir com ele a maravilhosa cidade dos bandeirantes de 1753 — e diante dele estavam duas ubás. Por que iria ele a pé, ou por que ficaria dias e dias

arrancando uma ubá de um pau de jatobá, quando índio anda a pé descalço e tão bem e gasta todo o seu tempo da maneira a mais tola e sem finalidade que é possível?

Eu o vejo entrando numa das canoas, louro e firme, dizendo aos outros que se abancassem.

Ora, no sábado, 26 de janeiro de 1952, quando da expedição que viera do Rio só restávamos no Culuene eu e o Villas Boas (todos os demais haviam iniciado de manhã a viagem de volta), procedeu este à distribuição das miçangas e dos facões e facas trazidos para os índios. Os capitães ganharam facões, mas Bororo, índio meio encrenqueiro (um dos que teriam assistido ao massacre de Fawcett), só ganhou uma faca. Aliás, ele dissera antes que queria uma faca e não uma pernambucana, mas o fato é que na hora emburrou. Viu todos os capitães armados com facões e danou-se.

Pois era de se ver a preocupação em que ficou Villas Boas durante a zanga do Bororo. Enquanto não arranjou sei lá onde outro facão para dar ao índio (Bororo então se declarou muito feliz com a faquinha...), enquanto não o viu de novo sorrindo e não recomeçou a lhe dar cachações de amizade e a esfregar sua cara na cara do índio velho, Villas Boas não teve sossego. Essa é a sua maneira de lidar com os bugres.

Se aquele Posto Culuene fosse inglês, não seria a choupana de taipa construída dia a dia pelo próprio Cícero (servente do Posto Culuene, onde, além dele, só fica o chefe Aires). Seria um bangalô com varanda. À noite, de jaqueta branca e gravata preta para o jantar, os ingleses tomariam gim com água tônica — quando mais não fosse para manter os nativos a uma respeitosa distância. Não dormiriam jamais em redes, ainda que as apreciassem, pelo simples

fato de que cama de índio é rede, e é preciso marcar as diferenças. Teriam criados índios para cozinhar, lavar e passar. Fariam a barba todas as manhãs.

Os brasileiros da Fundação Brasil Central parecem fazer sistematicamente o oposto. Não constroem uma plataforma para que sobre ela os índios os contemplem. Ao contrário, descem até eles, praticamente. Vivem como ascetas, numa falta de conforto inconcebível. A própria água que bebíamos era apanhada no rio aos baldes, pelos curumins, e despejada dentro de uma talha sem filtro. A comida fornecida aos tripulantes do posto é feijão com arroz, talvez algum macarrão, mas não recebem nada com vitaminas, nada de frutas, nada verde. Se quiserem variar a dieta, que cacem e pesquem. Eis aqui algumas notas que tiro do meu diário de 29 de janeiro, notas escritas com o mau humor de quem tem os tornozelos e as mãos inchadas de mordida de muriçoca:

Em postos como este devíamos, em primeiro lugar, alimentar os homens racionalmente. A dieta deles é de fome. Nesta era dos sucos de fruta, dos tomates, das sopas enlatadas, têm feijão e arroz. O leite condensado que temos tomado e os pedaços de goiabada que andamos comendo, nós os trouxemos de Xavantina. E entretanto um ótimo servente como o Cícero ganha Cr\$ 700,00 e ainda desconta para um Ipase que não o beneficia: recebe líquido Cr\$ 684,00. Faz um trabalho de desbravador e ganha o que pago à minha criada no Rio. O Aires, chefe do posto, parece que ganha coisa de Cr\$ 1500,00. Não sei quanto ganha Orlando Villas Boas, mas sei que pelo menos metade do que recebe vai em presentes para os índios, que ele ama de maneira difícil de descrever, ama como pai, como eu amo minhas filhas, só vendo os defeitos deles com bom humor e tolerância e dando brilho às mínimas qualidades dos bugres. Em segundo lugar, sem tirarmos a afetividade existente

em nossas relações com o índio, devíamos guardar, mesmo assim, certa distância. O índio cheira a urucu e piqui, um cheiro vegetal, muito melhor do que o cheiro de suor dos civilizados. No entanto, não vejo razão para eu ter acordado hoje de manhã cheirando a puro índio. É que eles se recostam em nossas redes, vivem sentados no chão da cozinha e bisbilhotando tudo. Há verdadeira promiscuidade — sem embargo de uma total inocência nessas relações. Ninguém quis ainda casar com o bonito índio Cuicuro coberto de feridas, mas ele comumente está sentado em nossas banquetas. A rede de onde eu saí com cheiro de cacique cheirava também a cachorro sujo. Isso gasta a resistência da gente e faz com que se anseie pela volta do avião. Uma comida mais interessante, uma vida de mais asseio, uma rede onde houvesse travesseiro limpo e um lençol fresco, lavado no rio pelos curumins, que são ótimos auxiliares, isto tornaria uma temporada no Posto Culuene muito diferente e — o que é o principal — tornaria os homens do posto alegres e felizes e não entediados e desiludidos como são.

Não podíamos, em suma, agir de maneira mais diferente do sahib inglês da Índia, do conquistador dos cafres da África. A verdade, porém, é que eles, entre os povos de cor, criavam um império, e nós, povo mestiço que já somos, estamos criando no Brasil uma nação. Todos sabemos que seringueiros e castanheiros trucidam índios, e onde temos nossas “fronteiras”, no sentido americano de terra que está sendo conquistada, há matanças de selvagens quando há civilizados que a ambição impele para aquelas bandas. Mas no que temos de colonização organizada, no que temos criado para o desbravamento e a domesticação de índios, estamos agindo como quem faz uma nação, como quem arrebanha irmãos. Podemos exagerar, e sem dúvida exageramos, com nosso sentimentalismo e nosso relaxamento, mas exageramos no rumo certo. Não se faz

uma nação envergando um *dinner-jacket* todas as noites e mantendo os nativos em estado de humildade. Isso é receita para Império.

África interior

Toda viagem é introspectiva. Num livro que criticava, V. S. Pritchett destacou há pouco tempo esta citação de sir Thomas Browne: “Existe dentro de nós a África, com todos os seus prodígios”. Invertendo os termos, na África nos vamos encontrar, a nós e aos nossos tristes prodígios. A paisagem, na África ou em Mato Grosso, é densa de símbolos. Além disso, se cortarmos, ainda que por poucos dias, as amarras que nos ligam à civilização, começaremos logo a tomar os mais inquietantes rumos em águas primitivas. O retrato que de nós mesmos nos fazemos deforma-se, talvez devêssemos dizer mesmo que se decompõe em parte, raramente adquire mais beleza formal do que a que lhe atribuímos. Adquire uma certa brutalidade veraz que às vezes, para tristeza nossa, não nos entristece.

Muriçoca me mordeu, banho de rio longo demais me ensurdeceu, a caminhada à cova de George me deixou uma bolha, a comida igual e às vezes escassa de sustento me exasperou e muito daquele encanto inicial causado pelos índios virou irritação. Na segunda-feira dia 28 escrevi muito no diário e evidentemente gostei de encontrar Deus, ainda que em humílimo estágio, numa situação precária. Anotei:

Há aqui na vizinha aldeia calapalo um deus prisioneiro, um imenso gavião-real de penas cinza-claro no peito, cinza-escuro nas costas e penacho branco. Todas as tribos xinguanas têm um, totem deve ser. O daqui foi apanhado pequeno e vive hoje numa espécie de emborcado funil de varas, armado perto das malocas. Que ele é importante vê-se pelo fato dos índios lhe trazerem de comer — mas lá está o desgraçado onde nem pode estender as asas, olhando com inquiridores olhos redondos quem se aproxima da sua jaula fedorenta, um vago deus de Lautréamont capturado pelos fiéis.

Hoje, aliás, o velho deus é um fornecedor de penas à tribo. O contato com a civilização moderna começa talvez a roer uma sociedade primitiva pelo que ela tem de mais puro — a sua forma, qualquer que seja ela, de crença no sobrenatural. Religião é civilização na mais intensa de suas formas, mas também na mais delicada de todas elas. Uma cultura superior consegue muitas vezes com fatores menos puros que os religiosos — os científicos, por exemplo — abalar a crença religiosa da cultura inferior. Por exemplo: eu vi uma índia doente, de baço inflamado e duro, sendo curada pelo pajé Taiuri (umas das indiciadas testemunhas do massacre de Fawcett), que fumava um longo cigarro de folha, pronunciava um exorcismo e lhe soprava a fumaça, bem de perto, contra o abdômen. Recostada na rede, os olhos redondos perdidos no teto de sapé da maloca, a índia se *laissait faire* — mas dava a ideia da mais completa descrença. Pensava, talvez, na penicilina e na estreptomicina da cabana do posto. Pelo fato de haver comprovado a maior eficácia dos remédios caraíbas, ela perdera a fé no pajé. Como é altamente improvável que os calapalos tenham dado o salto da magia para a religião, de que nos fala Sir James Frazer, o pajé, médico e feiticeiro, é o que haverá de maior na sua crença — e foi talvez um dos

primeiros a se desmoralizar quando os civilizados se aproximaram.

Dizer que os calapalos ainda não têm nenhum conceito religioso, independente da magia, será provavelmente injusto. Têm Mavutsinim, que criou a humanidade fazendo seis homens e seis mulheres de pau — os homens com uma jiboia desenhada na madeira e as mulheres com um peixe pintado. Mavutsinim cantou para animar as imagens, mas não o conseguiu. O Sol no dia seguinte é que deu vida aos seis primeiros casais. O culto de hoje é “representar” a lenda da criação. Chama-se à cerimônia “quarupe” de “pôr ao sol”, e os índios de fato põem ao sol os doze pedaços de pau. Mas dão a cada pau a personalidade de um morto da tribo e deles extraem não a vida — sabem muito bem que não o conseguiriam —, mas os respectivos espíritos dos mortos, que vão viver numa outra “cuiabá”, ou aldeia.

Na mesma terça-feira, quinto dos seis dias que passei no Posto Culuene, anotei ainda:

Será que o contato com a natureza destrói o espírito cristão da gente? Ou será que o meu espírito cristão depende em primeiro lugar do meu absoluto conforto? Agora, na cozinha, nada me induziria a dar alguma coisa à índia fanada e flácida, metida num vestido, que vagamente mendigava um pouco de leite condensado ou um pedaço do queijo bruto que chegou de Xavantina. O malandro filho dela, de uns quinze anos, ou a encantadora Ritó (Alice), de uns lindíssimos e delicados seis anos, me pareciam merecer mais do que aquele farrapo patético, que podia descer rio abaixo como uma espiga já sem milho. Dão pena, muita pena, as criancinhas de colo que sofrem — como essa que perdeu a mão e é alimentada pelas outras índias —, mas aí não há só o meu caso de pai em cena como também o fato de estar ali uma promessa de vida. Bugre doente e feio dá uma raiva indefinida na gente. É um

insulto à paisagem. Os reluzentes corpos das cunhantãs e dos curumins saindo d'água enchem a gente de alegria, mas a decadência física nos nus devia corresponder à morte.

Esta raça xinguana e talvez toda a raça índia vai acabar pelas fêmeas. O casamento marca invariavelmente o fim de uma índia que terá sido tão rija e tão sã quanto os pequenos índios. Os abortos (que os fazem), os filhos que mamam até os três, quatro anos (o que retarda o nascimento de outros), amolecendo as carnes dessa gente, esfarelando-lhes os dentes, tudo isso rouba-lhes a graça. De mais a mais, as índias têm a maior responsabilidade pela família. Os pequeninos são *affaire* da mãe e, enquanto o marido caça, pesca e planta um pé de milho, sempre ao sol e dentro d'água, ela vai fenecendo como qualquer flor feneceria na sufocação das malocas, na feitura dos beijus, na alimentação das pequenas sanguessugas que chupam o dia inteiro um trapo de seio que foi outrora rijo como o peitoral dos meninos e depois pontudo e duro como um limão. Daqui a quatro anos Atsume será como a índia da cozinha — incapaz até de despertar piedade.

(A linda menina Atsume, noiva do belo Iró, já iniciara a reclusão da puberdade, o que clareia incrivelmente a pele dos índios. A visita da expedição fez com que a deixassem solta mais algum tempo, já que sua reclusão apenas começara. Túrgida, clarinha de pele, muito sã, Atsume mostrava como as índias decaem com o casamento e os incriveis trabalhos sedentários que têm de fazer depois de casadas. A franja do cabelo já quase lhe tapava os olhos — pois durante toda a reclusão as índias não cortam o cabelo. Em geral estão noivas quando se recolhem e, ao terminarem a reclusão de uns seis meses, saem do seu canto de retiro na maloca, por trás de folhas de palmeira, com o cabelo a lhes cobrir inteiramente o rosto. Tomam

parte numa grande dança ritual, terminada a qual a franja é aparada e a menina é mulher.)

Já que estou com o diário na mão, valerá talvez a pena, antes de fechá-lo, citar esta anotação de segunda-feira 28: “Antes que me esqueça, ontem comi cabeça de saúva, que me deu um curumim desses. Tem gosto de hortelã-pimenta e estala nos dentes como um grão de torresmo”.

A viagem interior, feita na África ou em Mato Grosso, confirma em seus objetivos os homens de caráter forte. Ao longo de suas viagens, Fawcett deve ter sofrido as piores privações — mas o tempo todo foi nutrindo dentro de si aquele sonho do novo império transferido para uma Cidade Abandonada na selva da Bahia. E, no plano fisiológico, nutria-se de quê, entrementes?... Escreveu ele: “Não faltam cobras e, quando a coluna vertebral da gente já está escostando nas costelas, um prato de carne de cobra, oferecido às nossas famintas mandíbulas, não é coisa de se desprezar”.

Ou veja-se Orlando Villas Boas. Do ponto de vista do seu conforto, tem comido o pão que o diabo amassou desde o dia em que, empregadinho que era da Standard Oil, deixou o escritório acanhado para se fazer sertanista. No entanto, seus dez ou doze anos de selva têm apenas aumentado seu interesse pelo índio e não pelo conforto. Bonitas espigas de milho cultivam os calapalos. Dão facilmente três espigas grandes das que comemos no Rio. No dia em que o Anta apareceu com umas espigas (que ele apenas colhera mas não plantara), nós, no posto, estávamos entre o primeiro veado, comido ainda quando toda a expedição estava conosco, e o segundo, que o Aires ainda não tinha caçado. Assim, já fizéramos algumas refeições de feijão, arroz e abobrinha trazida pelos índios. É escusado dizer que a

espiga que me deu o Anta foi prontamente comida. Orlando olhou o belo espécime que era a sua e disse:

— Puxa! Que beleza de espiga. Vou levá-la para o Museu.

Assim, em lugar de comer o milho, guardou-o para dona Heloísa Alberto Torres, trabalhando, na realidade, para maior glória dos calapalos.

Amigo ou criação de Rider Haggard?

O menino, de seus dez anos, entrou na caverna. Dentro daquela escuridão, no seio da pedra, o mar que se quebrava ao longe ressoava como no fundo dos caramujos. O menino foi prosseguindo, os olhos claros bem abertos. Súbito — o chão que fugia, uma queda brusca mas breve.

A cova em que o Fawcett de dez anos encontrou o seu tesouro, a cova que em parte o deve ter traumatizado e impelido pelo mundo em busca da sua cidade, não seria mais profunda nem mais larga do que a cova da Lagoinha da Mata, que visitamos com seu filho no dia 25 de janeiro de 1952. Aquele tombo, levado em Torquay, no ano de 1877, levara-nos à Lagoinha da Mata 75 anos depois.

Pouco conhecido e pouco explicado, entrevisto em Ceilão, vislumbrado no Guaporé, apontado na Bahia e nos campos da grande guerra, na Bolívia e no Palácio do Catete, os mais estranhos ecos são despertados por Fawcett, que atravessou como um fogo-fátuo tantas florestas e ruínas neste mundo.

O general Ramiro Noronha, que, em 1920, teria sido convidado por Fawcett para acompanhá-lo naquela expedição e que também dá do explorador o retrato de um

homem autoritário e de uma força de vontade de ferro, virou sempre com uma estatueta de jade (basalto, segundo Brian Fawcett) na bagagem. Nos pés e no peito da estatueta havia inscrições, e Fawcett disse ao general Ramiro (*Diário da Noite*, 20/2/52):

— O coronel Fawcett me segredou que aquela estatueta era a chave de todos os seus planos e a senha para poder entrar na cidade oculta, que estaria sob a guarda de índios ferozes. Mostrando aquela estatueta, exerceria poder irresistível sobre os nativos.

Acrescenta Brian Fawcett que a estatueta, “devido ao seu elevado teor de magnetita, emitia ondas elétricas e dava um ligeiro choque ao contato”.

Aí, portanto, já temos maravilhas dignas de qualquer romance de aventura dos mais aventureiros — dignas das *Minas de Salomão* ou qualquer livro de Rider Haggard. Mas a história, de certa forma, é de Rider Haggard! Foi o próprio Rider Haggard quem deu a estatueta a Fawcett, depois de havê-la recebido de presente de um filho que morava em Mato Grosso e que por sua vez a ganhara de um empregado índio que vinha de uma tribo distante. Diz, sob a autoridade de Brian Fawcett, o jornal que citamos: “O índio que trabalhava na fazenda do filho do famoso escritor, certa vez, quando viu a catedral de Cuiabá ainda em construção, não se mostrou surpreso e disse que, com três dias de viagem de sua aldeia, havia edifícios maiores, com luzes que nunca se apagavam de noite”.

Fawcett vale toda uma biblioteca de Rider Haggard, de Júlio Verne, de Emílio Salgari. Uma história imaginativa da sua vida daria um livro clássico para a juventude. Se tivéssemos ido ao local da sua tragédia ainda bem jovens, há uns vinte anos, só teríamos trazido de lá sua imagem,

sua vida, as circunstâncias do seu desaparecimento. Os índios nós os evocaríamos como árvores ambulantes, talvez, ou como peças do cenário em que se movera Fawcett, ou, ainda, como os vilões da sua história.

O Fawcett da Taprobana e de Rider Haggard seria invencível na imaginação de um repórter de quinze anos. Um repórter de 35, porém, não podia deixar de ver uma outra coisa algo maior no Xingu: a criação do mundo.

Retrato do artista como um índio jovem

Quando o *Beechcraft Antônio Rapozo Tavares*, pilotado por Dorival Marques, aterrissou dia 25 de janeiro no campo de pouso do Posto Culuene, à beira do rio do mesmo nome, tinha voado sete horas no presente e 7 mil anos rumo ao passado. Poderia ter aterrissado à beira do Tigre e do Eufrates há uns 7 mil anos, antes do nascimento de qualquer das civilizações. Só isso basta para tornar os índios inestimáveis para nós. Temos aqui, em nosso país, ao lado do nosso ensaio litorâneo de civilização ocidental, homens anteriores a essa aceleração do processo de desenvolvimento humano a que chamamos, de um modo geral, civilização. Podemos nos debruçar sobre o passado da espécie, vivo ao nossolado. Até o Tempo, no Brasil, fica confuso.

No mundo em criação que fomos surpreender nas cabeceiras do Xingu, não há mais, unicamente, os tipos básicos de Abel e Caim, do agricultor e do criador, do homem que planta e do homem que mata. Lá já chegou a fecunda preguiça que inventa, que transubstancia, que vai aligeirando em música, em palavra, em risco, o chumbo que é a vida.

Se começamos com o *Gênesis* de Moisés, por que não terminar com o *Gênesis* de Shaw? Diz Eva, falando a Adão e Caim, na primeira parte do Pentateuco de Shaw:

Meus filhos e os filhos de meus filhos não são todos lavradores e lutadores. Alguns deles nem lavram a terra e nem lutam: são mais inúteis do que qualquer de vocês dois: são franzinos e medrosos: são vaidosos: e no entanto são sujos e não se dão ao trabalho de cortar o cabelo. Pedem emprestado e não pagam; mas a gente lhes dá o que querem, porque eles contam mentiras lindas em palavras lindas.

Quando nosso avião pousou à beira do Eufrates — Culuene, digo —, uma das figuras que logo se destacou da castanha monotonia da tribo foi o Anta. Como os atletas da tribo, os do tipo de Iró, usava cordas de fibra nos braços, para realçar bíceps e deltoide, mas não remava como Iró. Usava penas de arara nas orelhas, mas não parecia interessado na caça. Tinha seu colar de conchas no pescoço, mas nunca se vê o Anta ocupado no rio, a não ser que tomar banho seja ocupação. Na cintura usava o colar de contas, contas que deve ter ganho dos caraíbas, mas em troca de que serviço não se sabe. Quando o Anta me trouxe a espiga de milho, eu lhe perguntei:

— Você plantou?

— Não, apanhou.

E de outra feita:

— Você não caça, não planta e não pesca?...

— Não. — E o Anta sorriu com os dentes estragados e que lhe doem, como doíam em Pascal.

Um dia em que eu e o Villas Boas fomos beirando o Culuene, de noitinha, em busca de alguma caça, Anta e o Bororo vieram conosco. Ao surgir um primeiro trecho

pantanosos a atravessar, o Bororo, rijo mas velho, se dispôs a me atravessar e ao Villas Boas nas costas. O Anta sentou na beira do barranco. Fomos e voltamos ao cabo de uma meia hora e ele ainda estava no mesmo lugar. Tinha uma história pronta a contar, uma perna machucada e que não queria meter n'água antes de se escarificar.

(A escarificação, na medicina calapalo, parece ter o mesmo lugar importante que tinha a sangria na nossa medicina. O índio é escarificado, até sangrar, com um instrumento feito de dente de peixe-cachorro encrustado numa cabaça. Quando está panema por qualquer razão, quando não acerta flecha em peixe ou caça, precisa ser escarificado.)

Tanto os índios como, sem dúvida, os caraíbas pareciam gostar dele. Era simpático, risonho, pronto a fazer pequenos serviços e sabendo evitar os grandes com graça e boas desculpas, sem jamais se confundir com o malandro congênito, que nada quer fazer apenas para ficar sem fazer nada.

O Anta, em suma, em toda a tribo, parecia o mais próximo de ser aquilo a que damos o nome de artista, esse que nasce com a missão de nem cavar a terra nem lutar, que busca o ócio como a planta busca o sol, como a flecha busca o pássaro.

Quando ele me apareceu um dia no terreiro tocando uma flauta, confirmaram-se as minhas suspeitas.

— Você fez a flauta, Anta?

— Não, pai da noiva fez.

Mas ele tocava a flauta e era ele o que mais parecia sonhar, quando se deitava nas redes armadas pelos caraíbas ou parava à porta da cozinha na hora da nossa comida. Nele começava a se redimir a “selvageria” da tribo.

Arranjemos o Parque dos Índios — e interfiramos o menos possível com seus habitantes. Os índios do Xingu estão talvez no ponto em que o homem começa a ilustrar a parede das cavernas e a transformar a história de assassínios como o da Lagoinha da Mata nas primeiras sagas rudes da raça.

Apêndice 1^a

Relação histórica de 1753

“Relação Histórica de uma oculta, e grande Povoação antiquíssima sem moradores, que se descobriu no ano de 1753.

Em a América.....
nos interiores.....
contíguos aos.....
Mestre de Can.....

e sua commitiva, havendo dez annos que viajava pelos sertões, a vêr se descobria as decantadas minas de prata do grande descobridor Moribeca, que por culpa de hum Governador se não fizerão patentes, pois queria usurpar-lhe esta gloria, e o teve prezo na Bahia até morrer, e ficarão por descobrir. Veio esta notícia ao Rio de Janeiro em o principio do anno de 1754.”.

* * *

Depois de uma larga, e importuna perigrinação, incitados da insaciavel cobiça do ouro, e quasi perdidos em muitos annos por este vastissimo Certão, descobrimos uma cordilheira de montes tão elevados, que parecião chegavão à Região etherea, e que servião de throno ao vento, às mesmas estrellas; o luzimento que de longe se admirava, principalmente quando o Sol fazia impressão no cristal de que era composta, formando huma vista tão grande, e agradável, que ninguem daquelles reflexos podia afastar os olhos; entrou a chover antes de entrarmos a registrar esta cristallina maravilha, e viamos sobre a pedra escavada correr as aguas precipitando-se dos altos rochedos, parecendo-nos como a neve, ferida pelos raios do Sol, pelas agradaveis vistas d'aquelle uina se reduziria das aguas, e a tranquillidade do tempo nos resolvemos a investigar aquelle admirável prodigio da natureza, chegando-nos ao pé dos montes, sem embaraço algum de matos, ou rios, que nos difficultasse o transito; porem circulando as montanhas, não achamos passo franco para executarmos a resolução de acomettermos estes Alpes, e Pyrineos Brasilicos, resultando-nos deste desengano uma inexplicavel tristeza.

Abarracados nós, e com o designio de retrocedermos no dia seguinte, succedeo correr hum negro, andando à lenha, a hum veado branco, que vio, e descobrir por este acaso o caminho entre duas serras, que parecião cortadas por artificio, e não pela Natureza: com o alvoroço d'esta novidade principiamos a subir, achando muita pedra solta, e amontoada, por onde julgamos ser calçada desfeita com a

continuação do tempo. Gastamos boas tres horas na subida, porem suave pelos cristaes que admiravamos, e no cume do monte fizemos alto, do qual estendendo a vista, vimos em hum campo raso maiores demonstraões para a nossa admiração.

Devizamos cousa de legoa e meia huma Povoação grande, persuadindo-nos pelo dilatado da figura ser alguma cidade da côrte do Brazil, descemos logo ao Valle com a cautella seria em semelhante caso, mandando explor gar a qualidade, e se bem que repararam fuminéz, sendo este, hum dos signaes evidentes das Povoações.

Estivemos dois dias esperando aos exploradores para o fim que muito desejavamos, e só ouvimos cantar gallos para ajuizar que havia alli povoadores; até que chegaram os nossos desenganados de que não havia moradores, ficando todos confuzos: resolveu-se depois hum indio da nossa commitiva a entrar a todo o risco, e com precaução; mas tornando assombrado, affirmou-nos não achar, nem descobrir rastro de pessoa alguma; este caso nos fêz confundir de sorte, que não acreditamos pelo que viamos de domicilios, e assim se arrujaram todos os exploradores a ir seguindo os passos do indio.

Vierão confirmando o referido depoimento de não haver povo, e assim nos determinamos todos a entrar com armas por esta povoação, em huma madrugada, sem haver quem nos sahisse ao encontro a impedir os passos, e não achamos outro caminho, senão o unico que tem a grande povoação, cuja entrada he por tres arcos de grande altura, o do meio he maior, e os dois dos lados são mais pequenos; sobre o grande e principal divisamos letras que se não poderão copiar pela grande altura.

Faz uma rua da largura dos tres arcos com casas de sobrados de huma, e outra parte, com as fronteiras de pedra lavrada e já denegrida;..... inscrições, abertas todasortas são baixas de fei.....nas notando que pela regularidade e simetria com que estão feitas, parece huma só propriedade de casas, sendo em realidade muitas, e algumas com seus terrados descoubertos, e sem telha, por que os tectos são de ladrilho requeimado huns, e de lages outros.

Corremos com bastante pavor algumas casas, e em nenhuma achamos vestigios de alfaias, nem moveis, que podessemos pelo uso, e trato, conhecer a qualidade dos naturaes: as casas são todas escuras no interior, e apenas tem huma escassa luz, e como são abobadas, resonavão os echos dos que fallavão e as mesmas vozes atemorizavão.

Passada, e vista a rua de bom comprimento, demos em huma Praça regular, e no meio d'ella uma columna de pedra preta de grandeza extraordinaria, e sobre ella huma estatua de homem ordinario, com huma mão na ilharga esquerda, e o braço direito estendido, mostrando com o dedo index ao Povo Norte; em cada canto da dita Praça está huma Agulha, à imitação das que usavão os Romanos, mas algumas já maltratadas, e partidas como feridas de alguns raios.

Pelo lado direito d'esta Praça está hum soberbo edificio, como casa principal de algum senhor da Terra; faz hum grande salão na entrada, e ainda com medo não corremos todas as ca..... sendo tantas, e os retret.....zerão formar algummara achamos hu..... massa de extraordin.....soas custavão o levantal-a.

Os morcegos erão tantos, que investião as caras das gentes, e fazião uma tal bulha, que admirava: sobre o portico principal da rua está uma figura de meio relevo

talhada da mesma pedra, e dispida da cintura para cima, coroada de louro; representa pessoa de pouca idade, sem barba, com huma banda atravessada, e hum fraldelim pela cintura; debaixo do escudo da tal figura tem alguns caracteres já gastos com o tempo; divisão-se porem os seguintes: — (Veja-se a estampa, inscrição N. 1).

Da parte esquerda da dita Praça está outro edificio totalmente arruinado, e pelos vestigios bem mostra que foi templo, porque ainda conserva parte do seu magnifico frontespicio, e algumas naves de pedra inteira: occupa grande território, e nas suas arruinadas paredes se veem obras de primor com algumas figuras, e retratos embutidos na pedra com cruces de vários feitios, corvos, e outras miudezas, que carecem de largo tempo para descrevel-as.

Segue-se a este edificio huma grande parte de povoações toda arruinada, e sepultada em grandes, e medonhas aberturas da terra, sem que em toda esta circunferencia se veja herva, arvore ou planta produzida pela Natureza, mas sim montões de pedra, humas toscas e outras lavradas, pelo q'entendemosverção, porque ainda entre da de cadaveres, que e parte d'esta infeliz da e desamparada, talvez por algum terremoto.

Defronte da dita Praça corre arrebatadamente um caudaloso rio largo, e espaçoso com algumas margens, que o fazem muito agradável à vista: terá de largura onze, até doze braças, sem voltas consideraveis, limpas as margens de arvoredos, e troncos, que as innundações costumão trazer; sondamos a sua altura, e achamos nas partes mais profundas quinze, e até dezesseis braças. Da parte d'alem tudo são campos muito viçosos e com tanta variedade de flores, que parece andou a Natureza mais cuidadosa por

estas partes, fazendo produzir os mais mimosos campos de Flora: admiramos também algumas lagoas todas cheias de arroz, do qual nos aproveitamos, e também dos inumeráveis bandos de patos, que se crião na fertilidade d'estes campos, sem nos ser difficil o caçal-os sem chumbo, mas sim às mãos.

Tres dias caminhamos rio abaixo, e topamos huma catadupa de tanto estrondo pela força das agoas, e resistencia do lugar, que julgamos o não fazia maior as boccas do decantado Nilo, que parece o grande Oceano. He todo cheio de peninsulas, cobertas de verde relva, com algumas arvores dispersas, que fazem)davel. Aqui achamos a falta d'elle se nos.....ta variedade de caça....tros muitos animais creados sem caçadores que os corraõ, e os persigão.

Da parte do Oriente d'esta catadupa achamos subcavões, e medonhas covas, fazendo-se experiencia da sua profundidade com muitas cordas; as quaes por mais compridas que fossem, nunca podemos topar o seu centro. Achamos também algumas pedras soltas; e na superficie da terra, cravadas de prata, como tiradas das minas, deixadas ao tempo.

Entre estas furnas vimos huma coberta com huma grande lage, e com as seguintes figuras lavradas na mesma pedra, que insinuão grande mysterio ao que parece (Inscrição N. 2). Sobre o portico do templo vimos outras da forma seguinte designadas. (Inscrição N. 3).

Afastado da povoação, tiro de canhão, está hum edificio, como casa de campo de duzentos e cincoenta passos de frente: pelo qual se entra por um grande portico, e se sobe por uma escada de pedra de varias cores, dando-se logo em huma grande sala, e depois d'esta em quinze casas

pequenas todas com portas para a dita sala, e cada huma sobre si, e com sua bica d'agoa a qual agoas e ajunta.....mão no pateo exter..... columnatas em cir.....ra quadrada por artificio, suspensas com os seguintes caracteres. (Inscrição N. 4).

Depois d'esta admiração, entramos pelas margens do rio a fazer experiencia de descobrir ouro, e sem trabalho achamos boa pinta na superficie da terra, promettendo-nos muita grandeza, assim de ouro, como de prata: admiramos o sêr deixada esta povoação dos que a habitavão, não tendo achado a nossa exacta diligencia por estes certões, pessoa alguma, que nos conte d'esta deploravel maravilha, de quem fosse esta povoação, mostrando bem nas suas ruinas a figura, e grandeza que teria, e como seria populosa, e opulenta nos seculos em que floresceo povoada; estando hoje habitada de andorinhas, morcegas, ratos, e raposas, que cevadas na muita criação de galinhas e patos, se fazem maiores que hum cão perdigueiro. Os ratos tem as pernas tão curtas, que saltão como pulgas e não andão, nem correm como os de povoado.

D'aqui d'este lugar se apartou hum companheiro, o qual com outros mais, depois de nove dias de boa marcha avistaram, à beira de huma grande enseada que faz hum rio, huma canoa, com duas pessoas brancas, e de cabellos pretos, e soltos, vestidas á Europea hum tiro como signal para se ve..... para fugirem. Ter..... felpudos, e bravosga a elles se encrespão todos, e investem.

Um nosso companheiro chamado João Antonio achou em as ruinas de huma casa hum dinheiro de ouro, figura esferica, maior que as nossas moedas de seis mil e quatro centos: de huma parte com a imagem, ou figura de hum

moço posto de joelhos; e da outra parte hum arco, huma coroa, e huma setta, de cujo genero não duvidamos se ache muito na dita povoação, ou cidade desolada, porque se foi subverção por algum terremoto, não daria tempo o repente a pôr em recato o precioso; mas he necessario um braço muito forte, e poderoso para revolver aquelle entulho calçado de tantos annos, como mostra.

Estas noticias mando a Vm. d'este certão da Bahia, e dos rios Paracaçú, Unã, assentando não darmos parte a pessoa alguma, por que julgamos se despovoarão villas, e arraiaes; mas eu a Vm. a dou das minas que temos descoberto, lembrado do muito que lhe devo.

Supposto que da nossa companhia sahio já hum companheiro com pretexto differente, com tudo peço a Vm. largue essas penurias, e venha utilizar-se d'estas grandezas, usando da industria de peitar esse indio, para se fazer perdido e conduzir a Vm. para estes thesouros, & C.....charão nas entradas.....bre lages.....

(Segue-se no manuscrito o que se acha representado na estampa debaixo do N. 5.)

a- Fonte: Revista trimestral de história e geografia do Instituto Geográfico Brasileiro. Tomo i, 1839-40. 1839, Rio de Janeiro (Biblioteca Nacional). Os espaços do manuscrito expressos em pontos são os lugares roídos de cupim. A grafia original foi mantida.

Apêndice 2: Diário de viagem

Os possíveis ossos do coronel Fawcett

Em sua viagem ao Xingu acompanhando a expedição dos Diários Associados, Antonio Callado encheu um caderno de 46 páginas, em espiral, e ainda utilizou a terceira capa para suas últimas impressões. É provável que tenha feito algumas anotações em folhas soltas, depois de completar o caderno, mas elas não foram preservadas. Há várias menções a esse diário em Esqueleto na Lagoa Verde. Duas delas, porém, não estão no caderno aqui transcrito.

Sua letra, irregular, torna-se mais ou menos legível de acordo com as situações que viveu na viagem. Durante um breve pânico no avião, as anotações se tornam quase incompreensíveis; na caminhada pela floresta, com os índios, a letra treme ao sabor da aventura.

Embora trate dos mesmos fatos, o leitor observará que a narrativa nesse diário é bem diferente da que Callado escolheu para o livro. Naturalmente mais à vontade, mas não menos denso, o texto mostra o repórter em pleno

momento de descobertas — Orlando Villas Boas, os índios, o Xingu.

Manteve-se aqui a maioria das abreviaturas usadas por Callado. Apenas em alguns casos, para facilitar a leitura e a compreensão, optou-se por completar algumas palavras. Erros evidentes de grafia foram corrigidos.^a

Avião de S. Paulo, 21.1.1952

Acabei saindo de casa às carreiras, só tive a viagem confirmada sábado, 19, e só soube que embarcaria 2a de manhã domingo à noite. Estou levando numa sacola da paa^b o que imagino vá ser preciso — um mínimo. Só em sp vou estar com Villas Boas, que há de informar mais minuciosamente, e com Brian Fawcett. Minha ficha de entrada no avião foi 13, número que tem gosto de desafios.

Vou ver se passo o tempo todo da expedição sem ler nada, só anotando coisas. Comprei três esferográficas e não trouxe nem uma revista...

Eu tinha imaginado esta 1a página do diário como algo bem cuidado. Já tirei do meu Jowett^c o trecho em que Sólon conta o que lhe disseram os egípcios sobre a Atlântida. Ia procurar no Wilkins^d tudo quanto houvesse sobre o cel. Fawcett e ia ler o mais possível do Marquês de Wavrin^e para anotar aqui. Mas “the best laid schemes of mice and men”^f vão por água abaixo. Às vezes.

Brian disse ter pegado do pai, da mãe (Douglas Fawcett, de quem andei folheando um livro sobre budismo numa livraria de passagem entre Haymarket, creio, e Lower Regent St., será irmão do coronel e tio de Brian?), da família em geral uns pruridos de espiritismo e ocultismo. Ou não? Vai ser interessante investigar.

E Villas Boas, irá corresponder à expectativa?

Não tenho nenhuma esperança de que da viagem vá resultar alguma coisa. Já anda tão batido o caso do F. e nós vamos por caminhos também tão batidos... A única esperança de algo novo é Brian. Se ele for muito normal e muito controlado é que vamos fazer um passeio, creio já interessante em si mesmo, pela selva. Se ele estiver com alguma ideia de ir procurar o pai em algum recanto que ignoramos ou de acordo com algum mapa que a família tenha guardado em segredo (ou recebido de algum espírito!) então tudo é possível.

A história de que possa existir na selva uma antiga cidade em ruínas nada tem de inacreditável. O difícil é que (1) seja habitada e (2) que nela viva uma civilização antiga, cortada do resto do Brasil por alterações geológicas antiquíssimas etc. etc.

Pois não foi a parte hoje reconstruída de Verulamium⁹ descoberta de avião? Não é bastante comum isto de se descobrirem pelos ares antigos alicerces e velhas muralhas — e isto em terras que se imaginam conhecidas palmo a palmo, como a da Inglaterra?

O disparate é o que Fawcett tenha descoberto em velhos roteiros jamais comprovados ou em profecias de madame Blavatsky.^h

São Paulo 22.1.52

Em lugar de partirmos às 6hs de hoje provavelmente só iremos lá para meio-dia. Arlindo Silvaⁱ de *O Cruzeiro* me explicou que a expedição foi partida em dois: eu, ele e o Villas Boas que vamos daqui de São Paulo com o piloto Marques, e o B. Fawcett, o fotógrafo e um coronel americano que engajou à última hora e que sairão do Rio. Nós só nos encontraremos com eles, em Aragarças ou lá perto, amanhã.

Ora, o plano muito bom do Arlindo é que fôssemos ao raiar do dia de hoje para aquelas bandas. Já ficaríamos na aldeia de índios do spi ou da Fundação Brasil Central, não sei bem, aguardando a segunda metade do “party”. Mas o Orlando Villas Boas, que ainda não encontrei, achou muito mais interessante — já que os outros só estarão lá amanhã — chegarmos nós também amanhã... Assim, voaremos calmamente de sp ao meio-dia, pernoitaremos em Uberlândia ou algo no gênero e chegaremos aos “bons sauvages” amanhã. Aqui estou eu, escrevendo às 7hs da manhã (fui dormir ontem às 10 depois de telefonar ao Marcelino^j) e olhando pela sacada para uma linda cidade de sp. Desse Clube 550 (Anexo Excelsior) onde me hospedou a munificência chateaubriânica a vista é excelente.

Arlindo Silva me mostrou no mapa, nos Associados, o ponto onde vamos em Mato Grosso entre os formadores do Xingu e depois me mostrou o trecho que, segundo Brian, e

como já dizia Edmar Morel no seu *...E Fawcett não voltou*, o cel F. queria palmilhar em busca da sua cidade e provavelmente de suas riquezas: é simplesmente o trecho que vai do Kuluene, ou das fontes do Xingu, digamos, ao rio S. Fco.! Se o velho tinha imaginado viagem tão longa é evidentemente porque os mapas, ou roteiros que tinha, eram de tal forma imprecisos que precisava procurar o que buscava em milhares de milhas de selva.

2.30 p.m

Já quebrei o meu jejum de leitura, mas tenho uma boa desculpa. Achei *Terras e índios do Alto Xingu*, de Manoel Rodrigues Ferreira, com um ótimo resumo histórico dos tais Martírios, da região dos índios araés.^k Segundo Morel (e o próprio Villas Boas), Fawcett não estava interessado em nenhuma civilização ou cidade perdida, e sim nas minas de ouro dos Martírios. Villas Boas diz que, como tantos outros, F. seguia um mapa em que Von den Steinen,^l bastante irresponsavelmente, marcou as cabeceiras do Xingu. Quando o índio de quem F. discordara três vezes deu no velho coronel a bordunada final à beira da lagoa que vamos ver amanhã ou depois, F. ia embicado para as minas, e não para Leste, rumo ao S. Fco.

Disse-me o Villas Boas que não quis repisar essa sua convicção agora, diante de B. F., porque este é tão simpático e tão boa pessoa... Na sua opinião, B. F. está exclusivamente interessado em tirar fotografias e documentar-se mais para o livro sobre o pai que está escrevendo.

Estou escrevendo agora no Beechcraft de 5 lugares *Chateaubriand* que nos vai levando a Ribeirão Preto, onde pernoitaremos. Amanhã cedinho deveremos ir para Aragarças, onde já deve estar um cel. médico americano que se engajou à última hora e que será o 1o da expedição a chegar ao Brasil central. Ao que diz o Villas Boas, que o conheceu no Rio, ele é da embaixada americana e estava interessadíssimo em vir. O mesmo piloto Dorival Marques nos levará amanhã.

Neste Beechcraft como no Stinson que me levou de Col Agrícola de Goiás para Goiânia a gente tem toda a sensação de voo perdida nos Presidentes e aviões comerciais em geral.

Segundo Villas Boas, os 3 choques de F. com o guia calapalo que o levou até os nafuquás foram os seguintes: 1o, Fawcett (o que prova que ele ia perto) aguentava muito mal as caminhadas com seus quase 60 anos; a cada 200 metros repousava. Tendo perguntado ao índio a que horas chegariam a determinado ponto, disse-lhe o índio:

— Ao meio-dia.

Só chegaram, por culpa de F., às 4, mas ele se irritou com o guia.

O 2o foi quando o índio arranjou para F. dormir numa das choças da tribo e este replicou que eram muito sujas e fedorentas. O 3o foi quando F., ao ver o índio depenando um pato que abatera, julgou que o estivesse roubando e tirou-lhe o pato das mãos.

Essas 3 coisas teriam predisposto o guia que resolveu (*cometer*) o crime e para ele conseguiu a anuência do cacique Calapalo (que lhe teria dito que matasse o branco ingresi longe da taba) porque F. dele se despediu e continuou viagem sem presenteá-lo com as contas, colares etc. que tinha numa caixa.

Aqui interrompi o Villas Boas. Não lhe parecia pouco provável tal mesquinhaaria, e tão imprudente. Retrucou ele que F. perdera uma canoa com quase tudo que tinha. Tanto assim que deu até uma espingarda a um índio (a espingarda está no spi) por não ter mais balas para elas... Os calapalos e nafuquás o haviam tratado bem. Para frente havia tribos selvagens e desconhecidas: os presentes que haviam sobrado do naufrágio valiam para ele como ouro. Não poderia se desfazer deles.

Vamos ver a lagoa que Fawcett atravessou de canoa, já sozinho com Jack seu filho e Raleigh Rimmel — mas seguido de tocaia pelos índios, que haviam rodeado a lagoa a pé, durante a noite. O 1o a sair da canoa foi o velho. Mal subiu o barranco e foi prostrado pela bordunada do guia. Jack e Raleigh teriam ouvido seu grito final, mas por sua vez já eram trucidados por 2 outros índios.

Nafuquás que teriam visto esses calapalos assassinos com as miçangas e colares roubados a F. teriam começado a assustar os vizinhos.

— Outros caraíbas virão para ver o que aconteceu ao caraíba ingresi.

O medo pegou nos calapalos e o cacique teria ordenado a destruição dos cadáveres. Isto foi dias depois e os corpos já fediam. Índio — diz Villas Boas — tem horror a mau cheiro: tapa logo o nariz. O guia assim não arrastou F. para lugar nenhum. Fez uma cova rasa ao pé do cadáver e enterrou-o. Jack e Raleigh foram simplesmente empurrados para dentro da lagoa que na cheia comunica o rio Kuriasevu (?). Os corpos talvez tivessem virado esqueleto no fundo da lagoa. Mas o próprio Villas Boas andou mergulhando lá com índios e nada encontrou no espesso lodo que o forma.

Agora, cabe a pergunta: se o esqueleto desenterrado não pertence ao cel. Fawcett como se tem a prova de que toda essa história é verdadeira?

Estamos quase em Ribeirão Preto, I hope.

O guia calapalo chamava-se Cavuquiri.

Um dos 4 atacantes ainda vive, foi quem contou a história a Villas Boas e chama-se Cuiuli.

Deuses — sempre 2, um bom e outro mau.

Mavutsinim resolveu criar um povo. Fez seis indivíduos de madeira — homens — e seis mulheres. Os homens com desenho de jiboia na madeira e as mulheres com peixes pintados. As doze figuras feitas pelo criador: Mavutsinim canta para animá-los, mas não consegue. O sol no dia seguinte deu vida aos representados. O culto de hoje é

“representar” a lenda. A cerimônia é o quarupe (de quarar, pôr ao sol). Mas eles atribuem a cada pau a personalidade de um morto. Extraem dali não a vida (sabem muito bem que não podem) mas os espíritos, que irão viver numa outra “cuiabá”, aldeia.

Cinto de castidade chamado uluri, de miolo de broto de burity; só é usado no Xingu e só quando a mulher o tira é que pode haver relações sexuais.

Nas outras zonas, o homem (Wavrin) regula a hora etc.

No Xingu quase toda índia casada tem amante.

Um índio que arranca um uluri sabe que não acerta mais uma flechada se não for escarificado pelo pajé ou o cacique. Mas para isso o índio precisa confessar por que quer ser escarificado com dente de peixe-cachorro incrustado numa cabaça.

4a feira, 23

Acabamos pernoitando em Uberaba, no Triângulo Mineiro.

O filho de F., segundo tanto Villas Boas como o Arlindo, veio muito despreparado. Não trouxe fichas antropométricas dos 3 desaparecidos: F., Jack e Rimell. Quem sabe, disse eu ao Villas se o esqueleto, que parece ser de homem baixo demais para ser F., não será de Rimell. Qual era a altura deste? Tinha ele dentes postiços? Eles talvez não tenham apertado Brian suficientemente, e este por sua vez provavelmente quer guardar o máximo do que sabe para o livro que pode sem dúvida ser um best-seller.

Estamos voando Norte-Noroeste para Aragarças. Devemos chegar umas duas horas antes de Brian, com quem estou ansioso por conversar.

São 9:15 a.m. e acabamos de passar por cima do Paranaíba, que divide Minas de Goiás. O piloto deu várias voltas sobre a Cachoeira Dourada. O rio, muito barrento, parece quase de pano cá de cima. As pedras que antecedem a cachoeira são simples franzidos no pano.

A cachoeira parece uma beirada de fumaça branca. São mais de 11hs e nosso piloto, que é muito otimista quanto ao tempo que se deve levar entre dois lugares, acaba de nos dar um certo susto: começou a procurar onde estávamos... A paisagem lá embaixo era de uma mesmice incrível. Ficamos todos os 4 a esquadrihar o horizonte — eu, à procura de não sei o quê. Felizmente pouco depois apareceu o Araguaia. Estamos no rumo certo e já deixamos Araguaína à direita. Do susto, que me deu um leve “mareo” no momento, ficou-me uma grande vontade de chegar.

8.30 Culuene

Iruca, pintado de urucum, estava na aldeia quando houve o trucidamento. Fotografei-o perto do avião. É um espetáculo encantador o desta gente risonha e nua. Os homens aguentam melhor o passar do tempo. As mulheres decaem depressa.

Bororo enganou V. B acerca de Fawcett. Dyott acampou do outro lado do rio.

Documento no 141 cap 23

6a feira 25

Bate-papo na porta do Posto: B. Fawcett tendo à direita Iruca e à esquerda Comatsi, cacique dos calapalos.

Taiuri velho

— Qual cor o cabelo?

Resposta: de pedaços mais longos do de Brian.

— Tinha barba?

— Tinha

— Era branco como ele?

— Não

— Calapalo chamava ingresi só o velho?

— Não.

— O morto na lagoa foi o velho.

— O velho e calapalo não mente, diz o cacique. Calapalo negou a princípio de medo.

— Tinha cabelo no braço e no peito? Pergunta B?

— Não. Muito pouco

(Cuiule say on wrist, one of the murderers)

Brian: — Mas inglês não deixou nada? Uma camisa, alguma coisa? E a roupa que não estava na cova?

— Roupa foi jogada n'água, diz intérprete Narro —, porque calapalo tinha medo e escondeu tudo.

A filha do cacique nafuquá, já velha, de vez em quando vem à roda do bate-papo e dá uma informação sobre a estada de F. lá.

— Brian: Tinha um deles que mancava?

— Não — dizem hoje, ao contrário do que disseram antes a V. B. Mas Bororo diz: — Tinha e imita a capenguice. O velho estava cansado.

Marcas: 1) 2m06
2) 1m90
3) 1m84

Brian pede que Cumatsi marque a última, dele, Brian, na árvore.

V. B diz que em tempo de cheia todo esse terreno de beira-lagoa onde está a árvore (lago Faro) fica sob água. Parte da terra em volta da árvore deve ter sido levada.

Brian: 1m82.

A uns 3, 4 metros acima da lagoa, uma cova de 45 cm de fundo e 1m50 de largura. Sob árvores de uns 10 metros de altura. Tudo a uns 5 metros acima da água da lagoa. O cacique contou aqui a história a V. B. das 11.15 às 2.30 da tarde. O velho índio Crahi, um dos canoeiros (que se diz Antonio também), torna a contar a história corrente post-exame ossos: os dois maiores teriam caído na beira do lago e o menor seria o ocupante da cova.

Major (before final lake): — Now I doubt whose bodies it was.

— I was always called it forge — said Brian. — It is simpler than talking about the remains or the body supposed to be my father's.

Diálogo de caminho com “Anta”.

Eu: Esta frutinha bom? Bonito?

Ele: Bom, bonito.

Eu: Por que você não come?

Ele: Não presta.

5a feira 31 (?) 12.30 p.m.

Estou eu há 24 horas ancorado em Xavantina. Por pressa em deixarmos o Culuene no avião Peper de Olavo perdemos o Lourival, que provavelmente foi ao Xingu, onde há mais índios e talvez apresente interesse maior que o Culuene. Mas é o diabo para se saber aqui o que está acontecendo. Quando saímos do Culuene havia certeza de que o Dorival não podia ter vindo para “a frente”. Se por acaso viesse para o Culuene e não nos encontrasse voltaria logo a Xavantina (menos de uma hora de viagem Xavantina-Culuene). Quando sugeri que talvez ele não tocasse em Xavantina. “Não! Toca” e não havia tocado. Foi, ao que parece, diretamente a Culuene e Xingu com o tal MacMillan, aposentado da Light que vive por esses sertões. Era seguro, ontem, que Dorival só podia ter ficado no Culuene, onde não há rádio. Se tivesse ido ao Xingu (Posto Jacaré) não deixava de comunicar. Foi ao Xingu e não comunicou.

Ao chegarmos a Xavantina às 10hs de ontem insisti com Orlando para que pedíssemos ao radiotelegrafista que, se entrasse em contato com Dorival, lhe dissesse que aqui estávamos: fossem quais fossem os seus planos, não precisa vir procurar-nos no Culuene.

“O Olavo comunica, não é Olavo.” E Olavo não comunicou coisa nenhuma.

Aliás, é uma tolice minha ranzinza com isso... Quem não descobrir, em 24 horas de sertão, que aqui morrem os horários e que a margem de erro dos encontros infalíveis é de pelo menos 48 horas, não merece trilhar estas selvas. Aparentemente as mesmas — as unidades de tempo aqui são muito maiores, voilà tout. Felizmente, ao cabo de mais de dois dias de uma surdez beethoveniana, ontem desentupiram-se as oíças.

Xavantina tem [ilegível] de dia mas não tem nada, nada, à noite. Dormi numa cama com travesseiro e colcha. Até banheirinho de chuveiro temos na casinha do Orlando aqui. Estou escrevendo na formidável varanda aberta do padre Colbaschini (salesiano de quase 80 anos, autor de excelente estudo sobre os bororos, estudo que não terminou ao que parece desgostoso com ciúmeiras de outros padres), tendo estirado na grande mesa, à minha esquerda, um gato rajado e simpático e à direita, para lá dos girassóis, o rio das Garças, que me faz lembrar o livro que papai me deu ainda na r. Passos da Pátria, creio: *O garimpeiro do rio das Garças*. Infelizmente, não passa minha dor de corno de não ter ido ao Jacaré, no Xingu. E tudo isso coroado pelo auspicioso fato de Xavantina (uns 250 habitantes organizados em povoado que sem a menor dúvida já vingou) ter excelente boia. Muito melhor mesmo que a do “hotel” de Aragarças e simplesmente Bife de Ouro em relação ao Culuene: feijão. Arroz, pratos de bifos com cebola, batatas fritas, abobrinha, ovos estrelados e, espalhados pela mesa à vontade, usados por todo mundo, limõezinhos-galegos rebentando de suco, filhos longínquos dos limões levados para a lendária Araés pelo bandeirante Amaro Leite. Uma admirável estirpe de limões. A mera presença deles, em tamanha fartura, no

Culuene, teria mudado inteiramente a tristeza daquelas refeições regadas com a água grossa do Culuene. Como em toda parte, Orlando, que já foi aqui o chefe da Expedição Roncador-Xingu, é extremamente popular. Cada vez gosto mais dele. Estive lendo excelentes artigos que escreveu para a *Gazeta* sobre as explorações: corretos de linguagem, frescos, cheios do falar pitoresco da malta alegre de mateiros do N. e do S. do país que o tem acompanhado nesses rudes desbravamentos. Li também cartas sua numa veia lépida e viva e o interessante relatório que escreveu ao chefe da Fundação (ou do spi) sobre o projetado casamento do Aires com uma índia camaiurá. Este é um documento dos mais interessantes e quando Orlando conclui pela absoluta negativa o leitor está convencido do absurdo que seria a mistura, num matrimônio de duas culturas tão intrinsecamente diversas. Aliás, o próprio Aires ficou convencido.

Para os artigos: inocência pega; as cozinhas gorduchas e burguesas de Xavantina; o cearense que apontou o Garças e indagou: isso é rio efetivo?

O Orlando jura que dentro de uma semana ou 10 dias estarei com a maleita. Fui muito mordido de muriçoca — anofelino dos bons — para escapar sem uma febrinha. Todos dizem que é fácilimo curar inteiramente a malária, principalmente se não se volta para a zona anofelina. Como dizia Norwood tomando banho comigo no Culuene, é parte das histórias de exploração dizer-se: “He came down with a touch of the fever”. Espero, contudo, que V. B. esteja tão

errado a respeito quanto sobre as partidas e chegadas de aviões imprevisíveis. Que bom se Dorival aparecesse. Eu pegaria pelo menos parte da 6a feira, o sábado e o domingo, rolando com Tescie-Woscie.

a- Ana Arruda Callado colaborou na transcrição do manuscrito e esclareceu várias dúvidas. O original do diário está no acervo de Antonio Callado na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

b- Pan American Airways.

c- Benjamin Jowett (1817-93), acadêmico e teólogo inglês, é o autor de uma respeitada tradução dos *Diálogos* de Platão para o inglês. Segundo estudiosos, a primeira menção a uma cidade perdida, chamada Atlântida, aparece na obra de Platão.

d- Harold T. Wilkins (1891-1960), jornalista inglês, interessado por temas pouco ortodoxos, como pirataria e discos voadores, é autor também de *Mysteries of Ancient South America* (1945), no qual trata do desaparecimento de Fawcett.

e- O marquês Robert de Wavrin (1888-1971) fez diversas viagens à Amazônia, no esforço de conhecer e estudar os índios. Entre os livros que publicou, um dos mais conhecidos é *Les Indiens sauvages de l'Amérique du Sud*.

f- A frase completa é de um famoso poema de Robert Burns, "To a Mouse", de 1786, que diz "The best laid schemes o' mice an' men/ Gang aft agley" e cujo sentido é: "Mesmo os planos mais benfeitos podem dar errado". O poema serviu de inspiração para o romance de John Steinbeck *Of Mice and Men*, de 1936, publicado no Brasil como *Ratos e homens*.

g- Antiga cidade romana situada no sudoeste de St. Albans, na Grã-Bretanha.

h- Referência à russa Helena Blavatsky (1831-91), fundadora da Sociedade Teosófica, que apregoava ter poderes paranormais.

i- Repórter de *O Cruzeiro* desde o final de 1946.

j- Referência ao jornalista Marcelino de Carvalho, autor de um famoso *Guia de boas maneiras*, muito amigo de Callado.

k- Trata-se de uma lenda descrita por diferentes bandeirantes. Em algum ponto de Mato Grosso, a Serra dos Martírios seria um local cuja formação geográfica lembra os martírios de Cristo e onde haveria muito ouro em sua superfície.

l- Karl von den Steinen (1865-1929), explorador alemão, fez duas viagens para a região amazônica, em 1884 e 1887, ambas com o apoio do Império, que resultaram nos livros *Durch Central-Brasilien* [Através

do Brasil Central] e *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens* [Entre os povos nativos do Brasil Central].

Posfácio

O sumiço de Fawcett

Davi Arrigucci Jr.

Em janeiro de 1952, Antonio Callado esteve no Xingu, integrando uma expedição formada pelos Diários Associados para acompanhar Brian Fawcett, filho do explorador inglês coronel Percy H. Fawcett, desaparecido naquela região em 1925. Em 1951, depois de muita insistência dos brancos, os índios calapalos haviam acabado por contar um crime remoto, revelando a Orlando Villas Boas o local onde teriam enterrado alguém que podia ter sido o explorador assassinado, acompanhado do filho Jack e de um amigo deste, Raleigh Rimell.

Em 1952, a expedição voltava ao local para ouvir o que tinham contado os índios com graça infantil e nenhuma culpa: tintim por tintim e alguma fantasia a mais, repetiram como haviam feito e o fim que deram a cada um de um modo distinto. Muito solícitos, os calapalos acompanharam então o novo grupo expedicionário, esfalfado na comprida caminhada pelo mato por mais de doze quilômetros (mais a volta inconcebível), até a reencenação do crime e do sepultamento, às margens de uma sinistra lagoa à beira do rio Culuene, formador do Xingu.

Em 1953, Callado publica o relato desses acontecimentos no *Esqueleto na Lagoa Verde*. Segundo se havia apurado ao tempo da expedição, os ossos de fato achados não eram de Fawcett e dos companheiros que, na década de 1920, ali teriam estado em busca de uma fabulosa Cidade Abandonada. Descoberta, ao que tudo indica, por um bandeirante em 1753, no interior da Bahia, ela fora mencionada num documento do tempo, bem traduzido para o inglês pela mulher do não menos fabuloso Richard Francis Burton, na segunda metade do século XIX. Daí, quem sabe, notícias da cidade perdida no sertão terem

saído de páginas esquecidas da Biblioteca Nacional para correr mundo. Fawcett, suposto descobridor de antigas inscrições e interessado desde menino em tesouros escondidos em Torquay, na Inglaterra, teria tido acesso ao relato antes de embrenhar-se pela primeira vez no sertão brasileiro em 1909, a serviço do governo boliviano. O fato enterrou-o literalmente na mata; o sonho levou-o ao sumiço.

Em 1928, o explorador americano George Miller Dyott procurou refazer os passos do desaparecido e parece ter descoberto o suficiente para que se imaginasse o que lhe acontecera: se não a morte do coronel perto do Culuene, pelo menos sua passagem pela região. Na expedição de 1952, Brian Fawcett, conforme sua cabeça dura e o bom humor de Callado, descartou, porém, os achados do americano: julgava que o pai jamais chegara aos afluentes do Xingu, durante sua segunda viagem ao Brasil, devendo ter desaparecido perto do rio Manitsauá, muito longe do Culuene. Fundava seu ponto de vista numa última mensagem de Fawcett sobre sua posição geográfica, se bem que o coronel pudesse torcer informações para evitar desagradáveis concorrentes no seu sonho de novas descobertas e expansão, ao menos imaginária, do Império Britânico. A hipótese foi, no entanto, considerada problemática por sertanistas experientes que avaliaram a andança do inglês por aqueles sertões.

Dyott, por sua vez, teve a sorte de encontrar no Posto Simões Lopes o índio Bernardino, que acompanhou Fawcett como guia. Soube dele que o coronel não subira o Paranatinga, em busca do Manitsauá, de onde pretendia dirigir-se miraculosamente para a cidade perdida da Bahia, mas descera o Curisevo, afluente do Culuene. Dyott continuou seguindo a pista aberta pelo guia despedido do

coronel e acabou descobrindo sinais de sua passagem pela tribo dos anauquás, ou nafuquás: Aloique, filho do cacique, trazia no pescoço, entre outros balangandãs, uma plaquinha oval onde se lia o nome da firma londrina que supria Fawcett de material para a viagem; dentro da maloca do índio, pôde ver uma maleta de metal idêntica às usadas pelos oficiais britânicos no Oriente, onde servira o coronel quando moço. Aloique falou ainda nos três exploradores, atribuindo a morte deles aos índios suiás.

Um pouco mais adiante, Dyott encontrou também um dos polvarinhos do coronel e, sempre acompanhado por Aloique, de quem já desconfiava, foi conduzido até os calapalos, em cuja aldeia o “ingueresi” teria dormido uma noite antes de seguir para o Culuene e a morte. Os calapalos tendiam então a pôr a culpa do crime nos nafuquás, que, como foi dito, incriminavam os suiás...

Desfeito o enredo, em 1951, com a confissão dos calapalos e a confirmação do local à beira do Culuene, os ossos, infelizmente, não coincidem com o tamanho dos ingleses, furando a verossimilhança da narrativa, registrada pelo jornalista de corpo presente no pretense lugar do crime.

Esse resumo, que pretendia ser fiel ao relato, está longe, porém, de poder dar conta da riqueza de dados e do intrincado labirinto que aí se conta. *Esqueleto na Lagoa Verde* não é apenas uma das melhores reportagens já escritas no Brasil, mas uma espécie de desconstrução da reportagem tradicional, minada pela fratura da escrita irônica com que faz e desfaz hipóteses sobre ossos falsos.

Nela ocorre, com efeito, uma pulverização da perspectiva narrativa única, espatifada pela multiplicação dos narradores e de sua visada sobre os fatos: “pão ou pães

é questão de opiniões”, como diria por essa época Riobaldo. Embora se integrem à perspectiva geral do jornalista, as diferentes variantes se dobram em direção a afluentes muito diversos e são acatadas por um extraordinário senso do relativo, que as contrabalança a cada passo ao encaixar cada relato, traduzindo-se esse relativismo em aguçada e constante ironia na consideração de tudo quanto se narra. O espaço se torna ele próprio labiríntico como o mato inextricável, os múltiplos caminhos e descaminhos do sertão, as águas emendadas, de forma que os rios e afluentes, ramificando-se nesse meio, diversificam também as hipóteses sobre o acontecido.

A própria inocência dos índios, tão impenetrável quanto a mata que os rodeia, trava a busca do que se passou, desdobrando o desconcerto de quem os vê pela primeira vez em sua nudez paradisíaca e termina por não saber como lidar com eles: se trancafiando-os na selva, se reduzindo-os à civilização. Por fim, o entrelaçamento dos vários relatos, que se fazem e se desfazem à nossa vista, acaba por confluir no discurso irônico que os entretece para nossa perplexidade e a de quem os assume. Por tudo isso, a reportagem põe a descoberto, de forma irônica e abismada, o fundo de ficção com que topa o jornalista quando se cerne nos fatos até o limite de seu esgarçamento em conjeturas, em hipóteses contraditórias, em apostas vacilantes sobre o real.

É provável que o sumiço do coronel Fawcett tenha levado Callado à busca direta da ficção. Mais tarde, insinuam-se no mais fundo de sua obra de ficcionista, em cuja visão retorna continuamente essa experiência dos limites, que reaproxima história e natureza, o civilizado e o selvagem, num rodopio desconcertante em torno de um

centro que se evapora. É comum que ele junte a pesquisa historiográfica à forma da investigação policial e tudo num mesmo desconcerto perante o que não se alcança saber de todo. O incrível desaparecimento de Fawcett é também a evaporação do eixo central da reportagem em torno do fato verificável.

A busca da verdade factual do jornalista é, assim, sutilmente deslocada pela descoberta perplexa da força da ficção que vem do que se imagina, com outro tipo de verdade, não menos esquivada, sobretudo depois da desconfiança quanto à verossimilhança que pode trair a realidade por uma mera coerência interna da narrativa. Callado não adotou a perplexidade moderna sobre os impasses da narração, mas sempre de olho na história contemporânea e em especial na de seu país, se arriscou nos meandros e dificuldades de como contá-la junto ao que imagina. O seu realismo crítico avança desconfiado de si mesmo e acaba deixando-se infiltrar por brechas que o desconcertam no meio do mato, aonde é levado a repensar os descaminhos de nossa já velha civilização litorânea. Aí nesse centro isolado pode se deparar com imagens medonhas, como a do terrível formigueiro — “o maior panelão de saúva” — por onde somem, em *Quarup*, as esperanças últimas do encontro do centro geográfico e do verdadeiro coração do Brasil. Na intersecção entre natureza e história, sua prosa de ficção buscará imagens que, com força alegórica, espelhem a inabarcável totalidade.

Desde esse início, porém, o escritor se empenha em ver cumprido o real destino político do país, que se arma e se desarma, e acaba dando sempre com esse furo em que tudo misteriosamente se perde. Assim o começo é o fim, e se forma desde o *Esqueleto* o mito abstrato e central que

perseguirá, recontando-o reencarnado em várias histórias, quebradas pela consciência irônica. O país não dá certo, e a narrativa acompanha esse percurso malogrado com o olhar do desconcerto e uma refeita confiança mítica.

Retornando tantas vezes ao fundo do mato, ela parece redescobrir no despojamento e na simplicidade da vida selvagem a possibilidade de começar outra vez. O ritual do *quarup*, já referido na reportagem, refaz o mito da criação, expondo ao sol os bonecos de pau dos quais os índios creem poder extrair o espírito dos mortos que irá reencarnar na nova aldeia. À perspectiva mítica da contínua renovação se junta a ironia da interpretação histórico-política que, no caso, vê a catástrofe a partir do espírito inglês de Fawcett como legítimo representante da ideologia do Império Britânico, na raiz de muitas das invenções da civilização moderna que tanto dependeu da Inglaterra para se expandir. Assim se alegoriza o extravio do explorador inglês, fazendo repensar o destino do país, a partir de uma aventura singular e errante no meio da selva, e reconsiderar o crime dos índios como um verdadeiro crime da civilização, como um desvio que estava antes e além, na história.

A verdade não anda na moda em nenhuma das suas formas há muito tempo, mas a de Callado, a partir daí, ficou mais difícil e pediu muito mais folga para se mostrar por entre o mato cerrado dos fatos. O sumiço de Fawcett deve ter-lhe dado a matriz de sua obra ficcional posterior. Sua obra de romancista vinha de antes, da *Assunção de Salviano*, é certo, e tinha demonstrado pendores para a intriga policial, com a complicação do enredo, como se vê em *A Madona de cedro*. Mas, embora história, política e crime já se juntassem como problema da construção ficcional, ainda se achava aí muito na superfície da

descoberta de uma matéria mais rica e complexa. Ela desponta precisamente nesta reportagem, sob o despiste da escrita fina, clara e discreta. É bem possível que seu olhar tenha aprendido devagar e com a sabedoria de Machado de Assis a detectar a monstruosidade latente sob a capa da neutralidade, a exemplo do escravocrata célebre do *Memorial de Aires* (como no monstro selvagem sob a *sempreviva*), que tanto lhe valeu, além dos temas, para a elegante serenidade de sua prosa.

De qualquer modo, foi no isolamento da natureza, na espessura do sertão, que Callado parece ter aprendido a repensar a história e suas catástrofes, e, até onde se pode observar, desde essa reportagem extraordinária. Aos oitenta anos, o escritor, depois de ver tanto malogro no país que sempre o apaixonou, declarou-se cansado, já não se importando com a morte; os seus fiéis leitores, porém, sabem que a memória do *quarup* está viva em suas páginas e com ela a promessa de recomeço da luta.

Texto originalmente publicado em *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Posfácio

Jornalismo na Lagoa Verde

Mauricio Stycer

Nascido em Niterói, em 1917, filho de um médico bem-sucedido, Antonio Callado mais de uma vez declarou enxergar o jornalismo como um mero ganha-pão, ao qual teria se dedicado paralelamente à sua verdadeira vocação, a literatura. “Foi a profissão mais afim que eu descobri, para ganhar a vida com uma coisa que não fosse muito diferente daquilo que eu realmente queria fazer.”^a

Conseguiu seu primeiro emprego na imprensa em 1937, aos vinte anos, no *Correio da Manhã*, um dos mais influentes jornais da época. Fundado em 1901 por Edmundo Bittencourt, o diário era então dirigido por seu filho Paulo quando Callado apresentou-se com uma carta de recomendação, escrita por “um parente distante”, e conseguiu um teste.

Lida a carta, depois de ter sido avisado de que a questão de parentesco não significaria nada no jornal, fui encarregado de fazer uma reportagem, como experiência. Algo sobre Niterói. Esmerei-me no trabalho, mas, quando mostrei ao diretor, vi que fizera uma crônica em vez de uma reportagem. Mas, como estava bem escrito, deram-me nova oportunidade. Dessa vez acertei, e fui empregado.^b

Em um depoimento posterior,^c dado a um livro que trata da história do matutino, Callado não menciona parentesco com a família Bittencourt, mas conta que seu avô havia sido amigo de Edmundo Bittencourt, fundador do jornal. Dois anos depois de escrever as primeiras reportagens no *Correio da Manhã*, Callado começou a escrever também em *O Globo*. Tinha 22 anos e, como a maioria dos jornalistas brasileiros da época, acumulava dois empregos.

O Brasil ainda não havia decidido entrar na guerra em 1941, quando Callado soube que a bbc estava recrutando

brasileiros para o seu serviço de rádio em língua portuguesa, a partir de Londres. Candidatou-se e conseguiu a vaga. Com 24 anos, e um conhecimento limitado do Brasil, o repórter rumou para Londres, onde permaneceu até 1947. Por um breve período, de novembro de 1944 a outubro de 1945, morou em Paris, como correspondente do Serviço Brasileiro da Radio-Diffusion Française. Refletindo sobre o período em que viveu na Europa, Callado escreveu certa vez:

Eu tinha morado anos no estrangeiro e voltei ao Brasil com uma vontade quase física de conhecer direito o país: uma espécie de fome. Antes de viajar e viver alguns anos na Europa, eu tinha conhecido, de um modo um tanto distraído e vago, apenas o Rio e seus arredores, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador. Ao regressar de anos no estrangeiro o que eu queria era a Amazônia, o Xingu dos índios, o Pantanal de Mato Grosso, o sertão nordestino. A primeira providência que tomei, pela ordem, foi conhecer a Amazônia.^d

Do final dos anos 1940 até meados da década de 1970, quando se aposentou, Callado percorreu como repórter todos os locais que colocou em sua lista de prioridades. Mesmo considerando o jornalismo uma atividade secundária em sua vida, produziu reportagens marcantes, que resistiram ao tempo, na Amazônia, no Xingu e no Nordeste — para não falar do Vietnã do Norte, não incluído na lista, mas tema de uma série histórica, publicada em 1968 no *Jornal do Brasil*.

Callado nunca negou que, graças ao jornalismo, teve a oportunidade de viajar muito. Indagado, porém, sobre essas muitas viagens que o trabalho na imprensa lhe proporcionou, observou:

Realmente, viagem e jornalismo andam sempre juntos, mas eu diria que viagem e literatura também. Há sempre uma viagem real ou imaginária no início da carreira de um escritor, especialmente do latino-americano. Eu viajei, de fato.^e

A primeira grande viagem ao coração do Brasil deu-se em agosto de 1949. De volta ao *Correio da Manhã*, Callado utilizou como pretexto (“gancho”, no jargão jornalístico) para a viagem as notícias sobre busca por petróleo na Amazônia, em particular na Ilha de Marajó. Viajou para Belém, e de lá pegou um gaiola do Serviço de Navegação da Amazônia e Administração do Porto do Pará rumo a Manaus, pelo rio Negro.

O jornalista dispensou os hidroplanos da Panair, aparelhos Catalina, que faziam essa rota com muito mais conforto, bem como os navios ingleses ou americanos, que deixavam o passageiro no destino em dois dias.

Os gaiolas do snapp levavam cerca de uma semana, transportavam sempre gente demais e viviam parando nos portos de lenha para embarcar as toras que queimavam na caldeira. (O primeiro e mísero porto em que paramos se chamava Liverpool.) Tinham uma primeira classe no convés superior, onde a gente fazia as refeições na mesa do comandante, e uma outra classe, indescritível, de gente e animais no convés de baixo. Ali as pessoas dormiam em redes nas extremidades, pois no convés havia uma espécie de curral onde dormiam e ruminavam as magras vacas que íamos matar e comer durante a viagem. A grande vantagem do gaiola, para mim, era ver as coisas bem de perto: nervura de folha, voo de garça, peixe-boi, jacaré.^f

A segunda grande viagem ocorreu em janeiro de 1952. Nenhuma outra embaralhará tanto as linhas entre

jornalismo e literatura quanto esta primeira visita de Callado ao Xingu.

Ao longo da vida, Callado guardou com zelo os cadernos de anotações que preencheu nas principais viagens que fez. O diário da viagem de 1952 tem o título “Os possíveis ossos do coronel Fawcett” e está anotado da primeira à última página com a letra irregular, mas não difícil de decifrar, do jornalista.⁹

Na manhã de segunda-feira, 21 de janeiro, sentado na poltrona do avião que o levou do Rio para São Paulo, primeira etapa da jornada, Callado inaugurou o diário com a seguinte anotação:

Acabei saindo de casa às carreiras, só tive a viagem confirmada sábado, 19, e só soube que embarcaria 2a de manhã domingo à noite. Estou levando numa sacola da paa o que imagino vá ser preciso — um mínimo. Só em sp vou estar com Villas Boas, que há de informar mais minuciosamente, e com Brian Fawcett. Minha ficha de entrada no avião foi 13, número que tem gosto de desafios.

Callado não conhecia pessoalmente Orlando Villas Boas, mas sabia quem era e o que fazia o sertanista. Ainda no avião, depois de escrever sobre o que esperava de Brian Fawcett, há uma frase solta, que diz muito da ansiedade de Callado com esse encontro:

E Villas Boas, irá corresponder à expectativa?

Ainda na primeira página do diário, há uma anotação bem--humorada de Callado, muito significativa a respeito dos dilemas que marcaram a sua carreira, entre o jornalismo e a literatura, entre o trabalho braçal do repórter e o esforço intelectual do escritor:

Vou ver se passo o tempo todo da expedição sem ler nada, só anotando coisas. Comprei três esferográficas e não trouxe nem uma revista...

E a anotação seguinte, já na página 2, mostra a erudição de Callado — ao menos expõe como ele se preparou intelectualmente para a viagem ao Xingu:

Eu tinha imaginado esta 1a página do diário como algo bem cuidado. Já tirei do meu Jowett o trecho em que Sólon conta o que lhe disseram os egípcios sobre a Atlântida. Ia procurar no Wilkins tudo quanto houvesse sobre o cel. Fawcett e ia ler o mais possível do Marquês de Wavrin para anotar aqui. Mas “the best laid schemes of mice and men” vão por água abaixo. Às vezes.

Callado, evidentemente, não cumpriu a promessa de não ler durante a viagem. Já no dia 22, à tarde, depois de seu primeiro encontro com Villas Boas, e dentro do avião que o conduzia a Ribeirão Preto, anotou no diário:

Já quebrei o meu jejum de leitura, mas tenho uma boa desculpa. Achei *Terras e Índios do Alto Xingu*, de Manoel Rodrigues Ferreira, com um ótimo rascunho histórico dos tais Martírios, da região dos índios araés. Segundo Morel (e o próprio Villas Boas), Fawcett não estava interessado em nenhuma civilização ou cidade perdida, e sim nas minas de ouro dos Martírios. Villas Boas diz que, como tantos outros, F. seguia um mapa em que Von den Steinen, bastante irresponsavelmente, marcou as cabeceiras do Xingu.

A reportagem de Callado no Xingu diferencia-se de todas feitas antes — e depois — sobre o coronel Fawcett, pelo distanciamento que o repórter adota em relação à história. Como apontou Davi Arrigucci Jr., “*Esqueleto na Lagoa Verde* não é apenas uma das melhores reportagens já escritas no Brasil, mas uma espécie de desconstrução da

reportagem tradicional, minada pela fratura da escrita irônica com que faz e desfaz hipóteses sobre ossos falsos” (p. 129).

Mesmo Orlando Villas Boas não escapa do olhar desconfiado do repórter. O sertanista contou a Callado, no dia 22 de janeiro, como levou os índios calapalos a confessar o crime e, dessa forma, chegou aos supostos ossos de Fawcett (a artimanha do sertanista está narrada no capítulo “Aquém do Bem e do Mal”). Depois de ouvir o longo relato de Villas Boas, o repórter anota em seu diário:

Agora, cabe a pergunta: se o esqueleto desenterrado não pertence ao cel. Fawcett como se tem a prova de que toda essa história é verdadeira?

Ao longo da reportagem há inúmeros exemplos de como Callado conseguiu achar divertidas as situações absurdas que presenciou durante a expedição. Não cabe aqui repeti-los. Mas vale observar que, graças à ironia que percorre o texto, o jornalista ajudou a consolidar a famosa imagem de alguém superior, distante — “o único inglês da vida real”, como Nelson Rodrigues o chamava. A jornalista e escritora Ana Arruda Callado rejeita essa imagem. Em palestra na Academia Brasileira de Letras, ela observou:

Outro engano a que sua aparência elegante levou foi a ideia de que era um fleumático, o tal “único inglês da vida real” que Nelson Rodrigues inventou e que tem sido tão repetido. Nada disso: Antonio Callado era um apaixonado e, quando se tratava de injustiça, um irado mesmo. Mas disfarçava: era o doce radical da definição de Hélio Pellegrino.^h

A aventura de Fawcett pela selva brasileira está associada de forma muito peculiar à aventura do paraibano Assis Chateaubriand (1892-1968) na construção do primeiro grande grupo de mídia no Brasil, os Diários Associados.

Chateaubriand tinha 32 anos quando assumiu a direção de *O Jornal*, em 30 de outubro de 1924. Foi seu primeiro jornal. Apenas três meses depois, em 11 de fevereiro de 1925, o coronel Fawcett, seu filho Jack e o amigo deste, Raleigh Rimmell, partiram do Rio de Janeiro em direção a Mato Grosso, onde iriam procurar pelos vestígios da cidade perdida. Jornais nos Estados Unidos e na Europa descreveram em detalhe os preparativos para a expedição, o que deixou Fawcett extasiado.ⁱ Chateaubriand, naturalmente, se interessou pelo assunto e encarregou o secretário de redação de *O Jornal*, Azevedo Amaral, de escrever uma reportagem, que causou furor, sobre o assunto. Relata Fernando Morais:^j

O talentoso Azevedo Amaral mandou ouvir as dezenas de pessoas que haviam estado com Fawcett antes da partida, o que foi suficiente para que o próprio redator-chefe do jornal escrevesse uma emocionante série de reportagens intitulada “Haverá uma Atlântida brasileira?”.

A sombra de Fawcett iria acompanhar Chateaubriand por décadas, anota Morais. Melhor seria dizer, talvez, que Chatô iria assombrar o Brasil com a sombra de Fawcett por décadas.

Em 1937, a missionária americana Marta Moennich, que vivia entre os índios, escreveu uma carta à viúva do coronel Fawcett falando da existência de um índio de pele clara e olhos azuis na aldeia dos kuikuros. Segundo ela, os

integrantes da tribo disseram que o garoto era filho de Jack Fawcett com uma índia. Em novembro de 1943, Chatô encarregou o repórter Edmar Morel de averiguar essa história. “Vá às selvas de Mato Grosso e descubra tudo sobre o coronel Fawcett!”, ordenou o empresário, segundo relata o repórter em suas memórias.^k

Sem muita dificuldade, Morel encontrou Dulipé, “pescando com arco e flecha numa canoa”. O índio foi apresentado aos leitores do *Diário da Noite* como “o Deus branco do Xingu”, e sua história correu o mundo. “Do dia para a noite, alcancei notoriedade internacional”, registra Morel. Infelizmente, fama conquistada com uma “barriga”, uma história falsa. Como se comprovou rapidamente, Dulipé era albino, um fenômeno não de todo incomum entre índios, e não tinha nenhum parentesco com os Fawcett. Rejeitado em sua tribo, foi morar em Cuiabá, onde terminou os dias esquecido, enfrentando problemas de alcoolismo.

Luiz Maklouf Carvalho, em sua biografia de David Nasser,^l lamenta que os veículos de Chateaubriand jamais tenham corrigido o erro. Nem mesmo Morel, que escreveu um livro sobre o assunto^m e retomou a história em suas memórias, tratou do vexame publicamente.

Em abril de 1951, Fawcett retornou às manchetes dos Associados com a notícia de que Orlando Villas Boas havia obtido dos calapalos a confissão do assassinato do explorador, além da localização de seus ossos numa cova rasa, em um lago à beira do rio Culuene.

A desenvoltura com que Chateaubriand tomou posse da ossada é um desses episódios cômicos que dizem muito do tipo do jornalismo sensacionalista que a cadeia do empresário praticava e também de seu próprio caráter.

Chatô foi pessoalmente a um acampamento indígena receber os ossos do coronel Fawcett das mãos de Villas Boas. Foi fotografado nu, calçando apenas chinelos, ao lado de um índio, e mandou a fotografia ser publicada em *O Cruzeiro*.

Quanto aos ossos, levou-os ao Rio de Janeiro e submeteu-os à análise de um dentista brasileiro que havia tratado de Fawcett em 1924. “Lamento informar aos senhores que esses ossos não são do coronel Fawcett. O exame da arcada dentária comprova o que digo”, disse o dentista. Segundo Moraes, “Chateaubriand deu um pulo para trás e avançou de dedo em riste sobre o dentista”, falando:

Se o senhor abrir a boca uma única vez para repetir o que acabou de dizer, os Associados arrebatam com a sua carreira. Ponho o *Diário da Noite* para fazer uma campanha acusando-o de charlatanismo e exercício ilegal da profissão!

Em seguida, Chateaubriand enviou os ossos a Londres, onde foram examinados por diferentes peritos. Concluíram que aquela ossada era de um homem de 1,68 metro — Fawcett media 1,82 metro. Resultado semelhante teve uma análise realizada no Museu Nacional, no Rio de Janeiro.

O vaivém com a ossada foi acompanhado de perto por jornais ingleses e americanos. Como relata Hermes Leal,ⁿ a descoberta de Villas Boas foi entendida como uma farsa pela família de Fawcett. Brian Fawcett chegou a criticar publicamente o “sensacionalismo” da imprensa na cobertura do caso. Foi então que Chatô, com o seu conhecido senso de oportunidade, teve a ideia de promover uma nova expedição à região, liderada por Brian, com o

objetivo de colocá-lo em contato com os índios que teriam assassinado seu pai, e com Villas Boas, que levantou o caso.

O sertanista não apenas concordou em participar da aventura como simpatizou com Brian. Como revela Callado em seu diário, Villas Boas jamais alterou a sua convicção a respeito do verdadeiro objetivo do coronel Fawcett — a procura por ouro, simplesmente, e não por uma cidade perdida —, mas não quis dizer isso ao filho do explorador inglês:

Disse-me o Villas Boas que não quis repisar essa sua convicção agora, diante de B. F., porque este é tão simpático e tão boa pessoa... Na sua opinião, B. F. está exclusivamente interessado em tirar fotografias e documentar-se mais para o livro sobre o pai que está escrevendo.

Chateaubriand enviou quase uma dezena de jornalistas de seu grupo de comunicação à expedição. Nominalmente, Callado cita no diário o nome do repórter Arlindo Silva, de *O Cruzeiro*, e no livro menciona a presença dos repórteres Romildo Gurgel, do *Diário da Noite*, e de Hideo Onaga, além do fotógrafo Antonio Pirozelli. É certo que havia mais um fotógrafo, pelo menos.

Fernando Moraes, em seu livro, menciona que numa determinada semana de 1952, sem especificar qual, Indalécio Wanderley e Ubiratan Lemos, de *O Cruzeiro*, “escreviam que estavam se aproximando do lugar onde jaziam os ossos do coronel Percy Fawcett”.^o

Nascido em 1925, Arlindo Silva foi repórter de *O Cruzeiro* a partir de 1946. Meses depois da expedição à Lagoa Verde, voltou ao Xingu para uma reportagem que ficou famosa, realizada em parceria com o fotógrafo José Medeiros, sobre índios caiapós ainda sem contato. Publicada

em 17 de julho de 1952, foi acusada pelo repórter J. B. Martins Ramos, da *Folha da Noite*, de ter sido feita, na realidade, no posto dos gorotires, do Serviço de Proteção ao Índio, “onde já se pode ir passar o fim de semana com a vovó e os filhinhos”. Arlindo Silva negou com veemência a acusação.^p

A participação de Romildo Gurgel na expedição causou um incidente rumoroso, narrado por Callado, com sua típica verve, no capítulo “Chantagem na volta do cemitério”. Sem citar o nome do repórter, ele descreve o interrogatório a que o colega submeteu o cacique Cumatsi e outros índios, à beira da cova. Os índios se irritaram com o tom das perguntas de Gurgel, levando Villas Boas à famosa intervenção:

A morte de quinze Fawcetts me interessa menos do que a amizade desses índios, disse ele ao repórter. Eles estão se sentindo inquietos e talvez ofendidos.

Callado descreve Gurgel como “o menos fantasmagórico e mais gordo dos repórteres cariocas” e abre um longo parêntese para rir dele: “Tão gordo que, ao desembarcar do avião no Posto Culuene, foi abordado por uma índia aflita que lhe apontou a barriga e perguntou se tinha filhos dentro: — *Mêri, mêri?*, indagava verdadeiramente assustada. — Não, homem, respondeu o repórter batendo no peito”. Só muitos anos depois, em 1969, ao escrever um texto para a revista *Realidade* sobre a expedição à Lagoa Verde, Callado revelou o nome de Gurgel:

Assim também na Lagoa Verde — quando reconstituíamos, praticamente dentro da cova da vítima, um crime velho de 27 anos, praticado não se sabe bem por que, por quem, contra quem —

houve um momento de suspense. O principal repórter presente dos Associados, o acompanhante de Brian em suas andanças brasileiras, Romildo Gurgel, resolveu dar uma de promotor, ali à beira do túmulo, interrogando Cumatsi, o cacique, Cravi, Bororo e *tutti quanti*. Fez gestos de quem derruba um homem, perguntava e repetia perguntas aos gritos, como se fossem assim mais compreensíveis, esbravejava, no esforço de representar a cena do crime.⁹

Outro integrante da comitiva citado por Callado, Hideo Onaga (1921-2007), é considerado o primeiro nissei a se tornar jornalista no Brasil. Segundo Audálio Dantas, em 1946 Onaga foi perseguido e jurado de morte pela organização Shindo Renmei, dedicada a provar que o Japão saiu vitorioso na Segunda Guerra Mundial.^r Como contou Fernando Morais em *Corações sujos*, a organização assassinou dezenas de “infiéis” que, como Onaga, insistiam em dizer, ou escrever, que o Japão fora derrotado na guerra.

Onaga trabalhou na *Folha da Manhã*, nos Diários Associados, no *Última Hora* e nas revistas *Visão*, *Realidade* e *Quatro Rodas*, quase sempre como repórter. Foi também editor-chefe da *Gazeta Mercantil*. Em parceria com Pirozelli, conta Audálio Dantas, realizou uma série de reportagens de impacto na década de 1950.

Além do mistério sobre o desaparecimento de Fawcett, que permanece sem solução desde 1925, há um mistério menor, mas também sem explicação definitiva, sobre a viagem de Callado ao Xingu. Por que Assis Chateaubriand convidou um jornalista concorrente a participar da aventura?

Hermes Leal arrisca uma explicação em seu livro. Chatô teria convidado Callado “por admirar o seu trabalho e para

mostrar ousadia perante seus adversários na imprensa”.^s Leal, infelizmente, não cita a fonte em que se baseou para fazer tal afirmação e, consultado, disse não se lembrar onde leu ou quem lhe deu essa informação.

Fernando Morais não avança nenhuma hipótese em seu livro, mas arrisca uma explicação, quando consultado por este repórter: “Chatô tinha um lado generoso e uma grande capacidade de juntar gente talentosa ao seu redor”.^t Morais entrevistou Callado durante as pesquisas para a realização da biografia. Conta o escritor:

Eu fui convidado do Chateaubriand na expedição de 1951. Uma vez fui com uns americanos, um grupo que queria ir lá e eu aproveitei a carona. Levei o pessoal da embaixada num avião da Força Aérea Americana. Mas as outras três vezes em que eu fui ao Xingu foram a convite do Chateaubriand.^u

Callado induz Morais a um engano, ao dizer que a expedição ocorreu em 1951 — na realidade, deu-se em janeiro de 1952. Essa primeira viagem, justamente a que resultou no *Esqueleto na Lagoa Verde*, ocorreu depois de um encontro com o empresário, provavelmente no final de 1951 ou início de 1952. Diz Callado:

O meu contato inicial com o Chateaubriand foi quando eu disse a ele que tinha muita vontade de conhecer o Xingu, ele respondeu: “Imediatamente”.

Chatô não apenas colocou um repórter do *Correio da Manhã* no centro da expedição como ainda o cercou de mimos. Emprestou um avião para Callado, hospedou-o com conforto em São Paulo e providenciou seu transporte até o Xingu. No diário de viagem, ainda em São Paulo, Callado

anotou: “desse Clube 550 (Anexo Excelsior) onde me hospedou a munificência chateaubriânica a vista é excelente”.

No texto que escreveu para a revista *Realidade* em 1969, Callado também especulou sobre o gesto de Chatô e registrou que sua inclusão na comitiva gerou protestos dos jornalistas dos Diários Associados:

Descoberta a ossada por Orlando Villas Boas, resolveu Assis Chateaubriand montar a grande reportagem de 1952, convidando para integrar a caravana dos Associados o filho vivo de Fawcett, Brian, que para isto veio especialmente da Inglaterra. E me convidou a mim também, apesar de eu ser do *Correio da Manhã*. Fundador dos Associados, tirano esclarecido do império que fundara, de jornais e estações de rádio, misto de grande jornalista, corsário, imoralista e príncipe do Renascimento, Chatô tinha desses gestos largos. O pessoal dos Associados achou o cúmulo que ele anexasse à expedição um repórter de jornal concorrente. Sabendo que eu gostava do mato e da história de Fawcett, Chatô me chamou e me incluiu, com honras de convidado, sem sequer tomar nota dos protestos. Só ouvia certa voz interior, do “meu padrinho Nietzsche”, como dizia.^v

Só em 1956, em outra viagem ao Xingu patrocinada por Chatô, é que Callado viajou na companhia de Alexandre von Baumgarten, no papel de “cicerone”, como descreve Moraes. Então assessor do dono dos Associados, Baumgarten viria a comprar a revista *O Cruzeiro* na década de 1970, quando ela já estava decadente e sem prestígio. Colaborador de serviços de informação do regime militar, usou a revista para fazer apologia da ditadura. O jornalista foi morto a tiros no Rio, em 1982, num crime até hoje não esclarecido.

Ana Arruda me disse a frase que Callado repetia a respeito do dono dos Associados: “Gosto do Chatô porque nunca trabalhei para ele”.

Dado o histórico de sensacionalismo e “barrigas” que envolve a relação dos Diários Associados com o caso Fawcett, arrisco dizer que Chateaubriand viu na presença de Callado na expedição uma oportunidade clara de dar um lustro de credibilidade e prestígio à empreitada. O jornalista certamente entendeu o seu papel, mas usou a seu favor a oportunidade oferecida, não se omitindo, inclusive, de expor na reportagem que escreveu o papelão que Romildo Gurgel, funcionário de Chatô, fez na selva.

Como Chatô reagiu à publicação de *Esqueleto na Lagoa Verde*? Não há registros de nenhum comentário do dono dos Diários Associados ao livro de Callado, cuja primeira edição, publicada pelo então Ministério da Educação e Cultura, data de 1953. Mas é possível inferir que, para Chatô, o relato de Callado, mesmo que crítico, foi entendido como positivo. Não à toa, Chatô convidou Callado a novas viagens ao Xingu depois da publicação da reportagem.

Callado e Orlando Villas Boas iniciam nessa viagem uma grande amizade. Em sua dedicação à causa dos índios, o sertanista sensibiliza e emociona o repórter. Este não omite dos leitores, em diferentes passagens do *Esqueleto*, a admiração pelo trabalho do amigo. Até o seu ascetismo comove Callado, como anotou no capítulo “África interior”:

Veja-se Orlando Villas Boas. Do ponto de vista do seu conforto, tem comido o pão que o diabo amassou desde o dia em que,

empregadinho que era da Standard Oil, deixou o escritório acanhado para se fazer sertanista. No entanto, seus dez ou doze anos de selva têm apenas aumentado seu interesse pelo índio e não pelo conforto.

Callado, no entanto, não registra com todas as letras a contrariedade que causou em Villas Boas o olhar cético do repórter — irônico e desconfiado desde o início, quando ouviu do sertanista a história sobre a descoberta do esqueleto. Callado tratou dessa divergência em duas passagens da entrevista que deu a Fernando Moraes, durante a pesquisa para a realização de *Chatô*, 35 anos depois da viagem ao Xingu.

Orlando Villas Boas, que foi um pouco o herói da coisa, e que é um sujeito meio cabeçudo, vai dizer que (o esqueleto) era do Fawcett. Ele acredita nisso até hoje. Ele ficou meio aborrecido na época, mas eu estava convencido que não era.

Quando de repente veio a notícia: “Acharam-se os ossos”, a coisa reviveu. E o Chateaubriand botou fogo na canjica. No meu livro tem retrato do Orlando olhando a caveira, parece o Hamlet.^W Então o Chatô e o Orlando fizeram todo o esforço que puderam. O Orlando até hoje ficou meio chateado em dois pontos: primeiro, ele acha que eram do coronel Fawcett os ossos; segundo, que ele era muito contrário a toda essa estória de que o Fawcett estaria procurando uma cidade perdida. Ele acha que o Fawcett estava querendo era uma mina de ouro da região dos Martírios de que ele teria ouvido falar.^X

A relação entre *Esqueleto na Lagoa Verde* e *Quarup* já foi apontada por diversos autores.^Y O deslumbramento de Callado com o Xingu e os índios que encontrou na

expedição promovida pelos Diários Associados transparece em diferentes páginas de sua reportagem.

O jornalista voltou à região outras vezes, antes de escrever *Quarup*, e aprofundou sua amizade com os irmãos Villas Boas, iniciada na época da apuração para o *Esqueleto*. O impacto da primeira visita, em janeiro de 1952, porém, permaneceu gravado na memória e no espírito de Callado.

A maior evidência disso é a criação de um personagem em *Quarup* com nome idêntico e características semelhantes a um dos índios que mais marcaram Callado em sua primeira viagem ao Xingu, o Anta. No diário de viagem, há uma anotação solta, em meio a outras que fez no dia em que caminharam até a cova para ver onde foram enterrados os supostos ossos de Fawcett, apelidados na excursão de “George”:

Diálogo de caminho com “Anta”.

Eu: Esta frutinha bom? Bonito?

Ele: Bom, bonito.

Eu: Por que você não come?

Ele: Não presta.

Esse diálogo vai aparecer, levemente modificado, no capítulo “Quando o índio fica ‘brabo’”. Serve para Callado ilustrar o “modo estranho” que os índios têm de exprimir suas ideias. Escreve o jornalista:

Um dos únicos Calapalo que sabiam algumas palavras de português era o rapazola Anta. Quando íamos a caminho da cova de George e a sede me apertava a garganta, vi no chão umas frutinhas amarelas. Tinham um bom cheirinho ácido. Perguntei ao Anta:

— Esta frutinha: bom? Bonito?

— Bom, bonito, replicou o Anta, sorrindo com seus dentes ruins.

— Come uma. Toma.

— Não.

— Por quê, Anta?

— Não presta.

Anta vai reaparecer com destaque no capítulo final da reportagem, “Retrato do artista como um índio jovem”. Callado encantou-se com a sabedoria do índio, a sua preguiça gaiata, a sua falta de aptidão para a caça e a pesca, e o seu talento para a flauta. Pensando em Anta, o jornalista encerra o livro pedindo a criação do Parque Indígena do Xingu, o que só ocorreria em 1961.

Não espanta, portanto, que Anta reviva com destaque em *Quarup*. O índio surge nas primeiras páginas do capítulo “A maçã”, que descreve a chegada do padre Nando ao Xingu.² É o mesmo Anta que Callado conhecera quinze anos antes:

— Tem machado, Olavo? — perguntou um rapagão de penas de arara nas orelhas, joelheira e braçadeira de penas.

— Machado para quê, seu Anta sacripanta? — disse Olavo. — Tu não trabalha mesmo. Já botou tua noiva Matsune para trabalhar?

— Matsune faz beiju — disse Anta sem muito bem compreender.

Callado não apenas estudou muito antes de fazer a viagem ao Xingu como complementou suas leituras ao regressar. Além disso, amadureceu o que pretendia mostrar

e alcançar com seu texto. No acervo de Callado, preservado na Fundação Casa de Rui Barbosa, há uma folha solta, datilografada, que expõe a estrutura que imaginou para a reportagem e o que esperava mostrar ao longo do texto.

O título inicial que pensou para o livro era *Fawcett e sua cidade perdida*, posteriormente alterado para *Esqueleto na Lagoa Verde*. A parte i, intitulada “O vitoriano e o sonho do novo império”, no esboço chama-se “Fawcett e o sonho do novo império”. São ideias que Callado desenvolveu no capítulo com o mesmo título no livro:

Tipo voluntarioso, produto característico da Inglaterra vitoriana, Fawcett tem algo de bem simbólico. Sua mania de encontrar uma Cidade Perdida coincide com os anos de entre-guerras, em que a Grã-Bretanha entrou em sua fase do Império Perdido. Buscando aqui a antiga Hy-Brazil dos irlandeses, o coronel britânico encarnava muito bem uma das duas grandes alas em que se dividem os ingleses hoje: a ala dos churchillianos, dos saudosistas, que não abrem mão do Império. A outra (na política a dos socialistas) é que se conforma com a nova situação, que transforma a Grã-Bretanha em potência espiritual e educadora dos povos, em geral toma um rumo meio religioso. Misticismo intelectual de Aldous Huxley e misticismo-misticismo de Graham Greene. Comparar explorações de Fawcett com a viagem de G. Greene pela Libéria.

Tudo isto girando em torno da visita de seu filho Brian Fawcett aos índios calapalos.

A parte ii no esboço de Callado tem o mesmo título que ganhou na versão final, “O moderno bandeirante e o sonho da nação futura”, e prevê, de forma explícita, o desenvolvimento de uma ideia que é apresentada no livro de forma mais sutil:

Contrastar com os métodos efficientíssimos mas frios da colonização britânica, os métodos brasileiros, incertos mas apaixonados. Os ingleses organizando um império, brasileiros como os irmãos Villas Boas forjando uma nação. Os índios calapalos não são mais vistos como os possíveis assassinos de Fawcett mas como parte do patrimônio brasileiro.

Por fim, Callado previa escrever uma terceira parte, que acabou não realizando, intitulada “O índio caluniado”. Eis o que o jornalista apenas esboçou, mas não desenvolveu na reportagem:

Caluniado pelo poeta, que o chamou de “raça triste” quando ele é um humorista, e caluniado pelo moderno seringalista, que o chama canibal. Comparar a “utilização” do índio por Fawcett com o “aproveitamento” do índio pela Fundação Brasil Central.

De volta da expedição com os índios, Callado parou em Xavantina, um povoado então com 250 habitantes, onde ficou aguardando a chegada de um avião para levá-lo de volta ao Rio de Janeiro. Ao longo dos dias de espera, o jornalista aprofundou os laços de amizade com Orlando Villas Boas (“cada vez gosto mais dele”, anotou) e tomou conhecimento de um caso que faria muito barulho: o do romance de Ayres Câmara Cunha, então chefe do posto do Serviço de Proteção ao Índio (hoje Funai) na região, com uma índia chamada Diacuí. Em seu diário, depois de ler o relatório que Villas Boas escreveu sobre o assunto, registrou:

Li também[...] o interessante relatório que escreveu ao chefe da Fundação (ou do spi) sobre o (ilegível) casamento do Aires com uma índia maiurá. Este é um documento dos mais interessantes e quando Orlando conclui pela absoluta negativa o leitor está

convencido do absurdo que seria a mistura, num matrimônio de duas culturas tão intrinsecamente diversas. Aliás, o próprio Ayres ficou convencido.

O tema reaparece no *Esqueleto na Lagoa Verde*, no capítulo “Incêndio em Xavantina”. Callado descreve nessa parte da reportagem o cuidado que o spi tem com as índias, altamente sedutoras, no esforço de evitar que se relacionem com os homens brancos. Sem citar o nome de Ayres, o jornalista escreve que houve um caso, “bastante recente”, de um funcionário que quis se casar com uma índia, pediu autorização aos seus superiores e ouviu um “não”. Callado, no entanto, não cita o relatório de Villas Boas, mas menciona a atitude do marechal Cândido Rondon, então diretor do spi:

Fez-se ver ao funcionário que ele ia constituir família com uma criatura culturalmente distanciada dele por milênios, de hábitos e de moral inteiramente diferentes, mais removida de qualquer afinidade com ele do que se houvesse nascido nos confins da China. Tal união não daria, fatalmente, em coisa nenhuma.

Callado observa ainda que o casamento não se realizou e que o funcionário aceitou a decisão com tranquilidade. “Ele entendeu e terá sentido que a fundação e o spi, protegendo-o embora de um erro, estavam principalmente protegendo a índia.” Acontece que Ayres se casou com Diacuí. Adivinhe como? Callado atualizou a história na reportagem que escreveu sobre Fawcett para a revista *Realidade*:

O normal é que Ayres perdesse sua batalha do casamento e seu emprego — mas acabou casando-se na Igreja da Candelária, ele de calça listrada e Diacuí vestida de noiva, levada ao altar pelo braço

de Assis Chateaubriand. Chatô venceu as resistências de Rondon e do spi para montar no centro do Rio uma festa semelhante àquela de Henrique ii e Catarina de Médicis, em 1550, abrilhantada pela presença de índios brasileiros provenientes da França Antártica.

A bibliografia sobre as aventuras do coronel Fawcett no Brasil enche facilmente uma estante. O relato de Callado tem, entre outros méritos, a qualidade de, ao tratar de um mero capítulo dessa história, apresentar uma contextualização histórica e política tão benfeita que o leitor contemporâneo, seis décadas depois, é capaz de compreender boa parte do conjunto.

Em todo caso, para se atualizar a respeito do assunto, recomendo dois livros de qualidade, já citados neste texto. *O verdadeiro Indiana Jones*, de Hermes Leal, e *Z, a cidade perdida*, de David Grann. O exercício de lê-los, para o interessado em jornalismo, é duplamente interessante. Em primeiro lugar, ambos apresentam várias novidades em relação à saga de Fawcett, que não estavam ao alcance de Callado na época de sua viagem. Em segundo lugar, a leitura dos livros de Leal e Grann ajuda a iluminar, por contraste, as razões que fazem de *Esqueleto na Lagoa Verde* um exemplar tão bem-acabado de jornalismo literário.

a-*Antonio Callado — Literatura comentada*, de Ligia Chiappini Moraes Leite. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 15.

b-*Antonio Callado - Literatura comentada*. Op. cit., p. 15.

c-*Um jornal assassinado*, de Jefferson de Andrade. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, p. 92.

d- “A Amazônia vista bem de perto”, texto datilografado, datado de 9 de maio de 1986, guardado no arquivo pessoal de Callado, hoje no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

e-*Antonio Callado — Literatura comentada*. Op. cit., p. 16.

f- “A Amazônia vista bem de perto”. Op. cit.

g- As anotações feitas por Callado estão num caderno cinza, em espiral, de 48 páginas, preservado em bom estado no arquivo pessoal do escritor, hoje no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa. Sempre que falar do “diário de viagem”, estou me referindo a esse caderno, ao qual tive acesso, gentilmente autorizado pelos herdeiros de Callado, os filhos Paulo e Tessy e a viúva Ana Arruda Callado.

h- O texto desta palestra encontra-se em um volume de circulação restrita, intitulado *Antonio Callado por Ana*, em que a jornalista reuniu diferentes textos sobre o marido e distribuiu a amigos no Natal de 2008.

i- “Pelo menos 40 milhões de pessoas já estão sabendo do nosso objetivo”, escreveu Fawcett ao filho Brian. Cf. *Z, a cidade perdida*, de David Grann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 244.

j- *Chatô, o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 143.

k- *Histórias de um repórter*, de Edmar Morel. Rio de Janeiro: Record, 1999, pp. 113-20.

l- *Cobras criadas*. São Paulo: Senac, 2001, p. 96.

m- *E Fawcett não voltou*. Rio de Janeiro: *O Cruzeiro*, 1944.

n- *O verdadeiro Indiana Jones*. São Paulo: Geração Editorial, 1996, pp. 193-201.

o- *Chatô*. Op. cit., p. 532.

p- Conforme Luiz Maklouf Carvalho. Op. cit., p. 236.

q- “Reportagem retrospectiva de Antonio Callado especial para *Realidade*”. Manuscrito datilografado, 25 páginas, guardado no acervo do escritor, na Fundação Casa de Rui Barbosa.

r- “O nosso japonêsinho é o melhor”, publicado na revista *Sras.&Srs.* (Edição Especial, Ano i, no 1, 2001) e republicado no site *Jornalistas & Cia.* (<<http://www.jornalistasecia.com.br/edicooespecial09.htm>>) em 28 de junho de 2008.

s- Op. cit., p. 200.

t- Entrevista ao autor, em 30 de dezembro de 2008.

u- Trecho da entrevista de Callado a Fernando Morais, em 11 de março de 1988, gentilmente cedido pelo autor.

v- “Reportagem retrospectiva de Antonio Callado especial para *Realidade*”, op. cit.

w- Nas duas edições de *Esqueleto* que consultei, a de 1961, do Ministério da Educação e Cultura, e a de 1977, da Paz e Terra, não consta essa fotografia. Na edição de 1961, que traz também a reportagem “A seca fria”, há uma foto de Orlando Villas Boas, na p. 80, na qual aparecem também Callado, Romildo Gurgel, Brian Fawcett, o cacique Cumatsi e outros índios calapalos. A edição de 1977, que traz a reportagem “Vietnã do Norte: advertência aos agressores”, inclui apenas os dois mapas que Callado esboçou no Xingu.

x- Trechos da entrevista de Callado a Morais, op. cit.

y- Ver, por exemplo, Moraes Leite e Arrigucci Jr., op. cit.

z- *Quarup*. São Paulo: Círculo do Livro, sem data, p. 122.

Copyright © 2010 by Antonio Callado

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Indicação editorial
Matinas Suzuki Jr.

Capa
João Baptista da Costa Aguiar

Preparação
Maria Cecília Caropreso

Revisão
Valquíria Della Pozza
Isabel Jorge Cury

ISBN: 978-85-8086-003-0

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

OLIVER
SACKS

Vendo vozes

UMA VIAGEM AO MUNDO DOS SURDOS



COMPANHIA DE BOLSOS

Vendo vozes

Sacks, Oliver

9788580866865

216 páginas

[Compre agora e leia](#)

"O que é necessário [...] para nos tornarmos seres humanos completos? O que denominamos nossa humanidade dependerá parcialmente da linguagem? O que acontece conosco se não aprendermos língua alguma? A linguagem desenvolve-se de um modo espontâneo e natural ou requer contato com outros seres humanos?" Numa fascinante incursão pelo universo dos surdos, Oliver Sacks procura responder a questões como essas. Sua preocupação não é simplesmente apresentar ao leitor a condição daqueles que não conseguem ouvir. Acompanhando a história, os dramas e as lutas dessas pessoas, o leitor será levado a olhar para o seu próprio cotidiano de um modo inteiramente novo. Será capaz de ouvir, nos sons da linguagem, um pequeno milagre que se repete cada vez que uma nova sentença é proferida.

[Compre agora e leia](#)



O LIVRO
DAS CRISES

COMPANHIA DAS LETRAS

**TÁ TODO MUNDO MAL
JOUT JOUT**

Tá todo mundo mal

Jout Jout

9788543805863

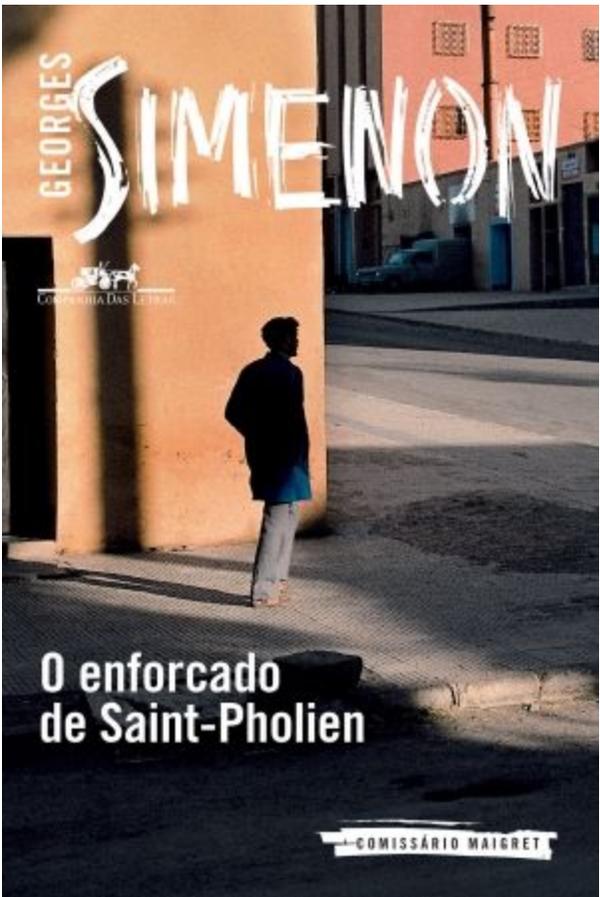
200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Do alto de seus 25 anos, Julia Tolezano, mais conhecida como Jout Jout, já passou por todo tipo de crise. De achar que seus peitos eram pequenos demais a não saber que carreira seguir. Em "Tá todo mundo mal", ela reuniu as suas "melhores" angústias em textos tão divertidos e inspirados quanto os vídeos de seu canal no YouTube, "Jout Jout, Prazer".

Família, aparência, inseguranças, relacionamentos amorosos, trabalho, onde morar e o que fazer com os sushis que sobraram no prato são algumas das questões que ela levanta. Além de nos identificarmos, Jout Jout sabe como nos fazer sentir melhor, pois nada como ouvir sobre crises alheias para aliviar as nossas próprias!

[Compre agora e leia](#)



GEORGES

SIMENON

Companhia das Letras

O enforcado
de Saint-Pholien

COMISSÁRIO MAIGRET

O enforcado de Saint-Pholien

Simenon, Georges

9788580869934

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

Maigret inadvertidamente causa o suicídio de um homem, mas seu remorso motiva a descoberta dos sórdidos eventos que levaram o homem desesperado a se matar. O que primeiro vem à mente quando se fala em Georges Simenon são os números: ele escreveu mais de quatrocentos livros, que venderam mais de 500 milhões de exemplares e foram traduzidos para cinquenta idiomas. Para o cinema foram mais de sessenta adaptações. Para a televisão, mais de 280. Simenon foi um dos maiores escritores do século XX. Entre seus admiradores, figuravam artistas do calibre de André Gide, Charles Chaplin, Henry Miller e Federico Fellini. Em meio a suas histórias policiais, figuram 41 "romances duros" de alta densidade psicológica e situados entre as obras de maior consistência da literatura europeia. Em O enforcado de Saint-Pholien, Maigret está em viagem para Bruxelas. Por acidente, o comissário precipita o suicídio de um homem, mas seu remorso é ofuscado pela descoberta dos sórdidos eventos que levaram o homem à decisão extrema de se matar.

[Compre agora e leia](#)

COMPANHIA DAS LETRAS

FERNANDO
HENRIQUE
CARDOSO

DIÁRIOS
DA 1997-1998
PRESIDÊNCIA



Diários da presidência — volume 2 (1997-1998)

Cardoso, Fernando Henrique

9788543805818

1000 páginas

[Compre agora e leia](#)

Os bastidores da emenda da reeleição, crises internacionais e pressões especulativas contra a moeda brasileira, indecisões de fundo quanto à política cambial, a morte de dois fiéis escudeiros, supostos "escândalos" e chantagens. Neste volume de seus diários (1997-1998), Fernando Henrique Cardoso registra alguns dos maiores desafios — tanto políticos quanto macroeconômicos — de seus anos no poder e transmite ao leitor a sensação palpável do áspero cotidiano presidencial.

Em meio à tenaz batalha para a implementação de reformas modernizadoras, tendo por aliados setores arcaicos do país ante a impossibilidade de acordo com a esquerda tradicional, o então presidente encontra tempo para reflexões premonitórias sobre o jogo de forças da política brasileira. Leitura indispensável para a compreensão do país hoje.

[Compre agora e leia](#)

JOSÉ SARAMAGO



CADERNOS DE LANZAROTE II

PRÊMIO NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

Cadernos de Lanzarote II

Saramago, José

9788543801995

504 páginas

[Compre agora e leia](#)

José Saramago mora em Lanzarote, uma das ilhas Canárias. Ali, em 1993, começou a compor um diário cujo primeiro volume abrange os anos de 1993, 94 e 95 (Companhia das Letras, 1997), enquanto este cobre 1996 e 1997. O autor pode falar sobre tudo: a família, os amigos, as coisas cotidianas, as coisas extraordinárias, as viagens constantes, o Brasil, os muitos brasileiros que conhece, as tarefas que decorrem da sua profissão, do seu modo de escrever etc. Para um escritor, manter um diário é trabalhar. O tom pode ser mais informal e nenhum projeto propriamente dito se explicita, mas a obra é legível em cada página. Entre coisas e pessoas, hábitos e decisões, afetos e idéias, o trabalho de José Saramago é escolher suas afinidades e gerar sua escrita humanizadora.

[Compre agora e leia](#)